



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDO SOCIOAMBIENTAIS - IESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo**

LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS

**O papel da Mulher na Produção Artesanal de Juazeiro do
Norte (CE): ressignificando saberes na Associação de Artesanato
Mãe das Dores**

**GOIÂNIA
2026**

LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS

**O papel da Mulher na Produção Artesanal de Juazeiro do
Norte (CE): ressignificando saberes na Associação de Artesanato
Mãe das Dores**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de mestra em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e Produção do Espaço.

Linha de Pesquisa: Dinâmica Socioespacial

Orientador: Prof. Dr. Ronan Eustáquio Borges

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS

3. Título do trabalho

O PAPEL DA MULHER NA PRODUÇÃO ARTESANAL DE JUAZEIRO DO NORTE (CE):
ressegnificando saberes na Associação de Artesanato Mãe das Dores

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Larissa Keuly Bezerra Dos Santos, Discente**, em 20/03/2026, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronan Eustaquio Borges, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2026, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6072143** e o código CRC **87DDF4B9**.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Larissa Keuly Bezerra Dos
O papel da Mulher na Produção Artesanal de Juazeiro do Norte (CE): [Manuscrito]: ressignificando saberes na Associação de Artesanato Mãe das Dores = O papel da Mulher na Produção Artesanal de Juazeiro do Norte (CE):: ressignificando saberes na Associação de Artesanato Mãe das Dores / Larissa Keuly Bezerra Dos Santos. - 2026.
CXVI, 116 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Ronan Eustáquio Borges
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2026.

Anexo.

Apêndice.

Inclui: siglas, mapas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Artesanato Feminino. 2. Território. 3. Geografia Cultural. 4. Relações de Gênero.

I. Borges, Ronan Eustáquio , orient. II. Título.

CDU 911



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 13/2026 da sessão de Defesa de Dissertação de **Larissa Keuly Bezerra dos Santos**, que confere o título de **Mestra em Geografia**, na área de concentração em **Natureza e Produção do Espaço**.

Aos dezoito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, a partir das 15:00 horas, por meio de videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “O PAPEL DA MULHER NA PRODUÇÃO ARTESANAL DE JUAZEIRO DO NORTE (CE): ressignificando saberes na Associação de Artesanato Mãe das Dores”. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Ronan Eustáquio Borges (PPGEO/IESA)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor **Paulo Wendell Alves de Oliveira (Universidade Regional do Cariri-URCA)**, membro titular externo; Geógrafa Doutora **Lara Cristine Gomes Ferreira (IESA/UFG)** membra titular externa. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Ronan Eustáquio Borges (PPGEO/IESA)**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, **aos dezoito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ronan Eustaquio Borges, Professor do Magistério Superior**, em 18/03/2026, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lara Cristine Gomes Ferreira, Geógrafo**, em 18/03/2026, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Wendell Alves De Oliveira, Usuário Externo**, em 19/03/2026, às 18:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5958584** e o código CRC **9328C355**.

Referência: Processo nº 23070.004142/2026-65

SEI nº 5958584

Dedico essa pesquisa a todos que estiveram comigo, amigos e principalmente a minha vó Virgínia Alves, minha estrelinha de luz que brilha no céu, meu amor por ela vai além da matéria (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha espiritualidade por me manter viva até hoje, a mim mesmo, aos meus amigos que por toda a distância mantiveram-se comigo, e aos meus amigos que fiz no mestrado. À minha família, meus irmãos Lara Keslly e Enzo Gabriel, que expressei minha mais profunda gratidão. Agradeço pelo apoio incondicional, pela paciência diante das ausências, pela compreensão nos momentos de cansaço e pelas palavras de incentivo nos períodos mais desafiadores. Todas as conquistas são por nós três, amo incondicionalmente vocês.

Aos amigos e amigas, Hawyr, e Vitoria que são meus irmãos de alma, estiveram comigo em todas as fases da minha vida, pessoas que confio e que amo muito, agradeço pela escuta, pelo carinho, pelas conversas que aliviaram as tensões e pelos momentos de descontração que tornaram o percurso mais leve. A amizade se mostrou fundamental para manter o equilíbrio emocional e a motivação ao longo do processo de escrita e pesquisa.

A dissertação representa não apenas a conclusão de uma etapa acadêmica, mas também a materialização de um percurso coletivo, construído a partir de encontros, aprendizados, desafios e afetos. Nenhuma pesquisa se faz de maneira solitária, e este trabalho é resultado direto do apoio, da confiança e da colaboração de muitas pessoas e pela instituição Universidade Federal de Goiás (UFG) que, de diferentes formas, contribuíram para que esta caminhada fosse possível.

Inicialmente, agradeço à Universidade Federal de Goiás (UFG), enquanto instituição pública de ensino superior, por ser importante na minha formação acadêmica e por oferecer condições estruturais, científicas e humanas para o desenvolvimento desta pesquisa. Em um contexto de constantes desafios enfrentados pela ciência e pela educação no Brasil, a universidade pública permanece como espaço fundamental de produção de conhecimento crítico, socialmente comprometido e territorialmente situado. Estar vinculada a essa instituição foi determinante para a construção de uma pesquisa sensível às questões sociais, culturais e de gênero que atravessam o artesanato feminino.

Agradeço de forma especial ao meu orientador, Prof.º Dr. Ronan Eustáquio Borges pela orientação atenta, pelo rigor acadêmico, pelas leituras cuidadosas e pelas contribuições fundamentais ao longo de todo o processo de pesquisa. Sua postura ética, sensível e comprometida com o conhecimento científico foi essencial para o amadurecimento teórico e metodológico deste trabalho. Mais do que orientar uma dissertação, sua presença contribuiu para minha formação enquanto pesquisadora,

incentivando o pensamento crítico, o diálogo interdisciplinar e o respeito às realidades investigadas.

Aos membros da banca examinadora, Geógrafa Dra. Lara Cristine Gomes Ferreira e Prof. Dr. Paulo Wendell Alves de Oliveira, agradeço pela disponibilidade em avaliar este trabalho, pelas leituras criteriosas e pelas contribuições que certamente enriqueceram e qualificaram esta pesquisa. O diálogo estabelecido com pesquisadoras e pesquisadores que compartilham o compromisso com a ciência e com as questões sociais fortalece o sentido coletivo da produção acadêmica.

Registro também minha gratidão às artesãs da Associação Mãe das Dores, Eliane, Mestra Tecla, Cicera que preencheram a pesquisa profundamente com seus saberes e vivências, e são o coração desta pesquisa. Agradeço profundamente pela acolhida, pela confiança, pela generosidade em compartilhar suas histórias, seus saberes, suas memórias e suas práticas artesanais. Cada entrevista, cada conversa e cada momento de observação em campo foram fundamentais para compreender o artesanato não apenas como atividade econômica, mas como expressão de cultura, resistência feminina, identidade territorial. Este trabalho não existiria sem a voz, a experiência e o protagonismo dessas mulheres.

Juazeiro do Norte ocupa um lugar especial nesta dissertação e na minha trajetória pessoal e acadêmica. Agradeço à cidade, enquanto território vivo, marcado por contradições, religiosidades, saberes populares e práticas culturais profundamente enraizadas. Juazeiro do Norte, com sua história de resistência, fé, trabalho e cultura, não é apenas cenário da pesquisa, mas elemento constitutivo da análise. Reconhecer a participação histórica da cidade na construção de práticas artesanais femininas é também reconhecer o papel das mulheres na produção do espaço e da cultura local.

Aos colegas que pude conhecer no programa de pós-graduação, Gabriela, Jorge e Karol que estão desde o princípio na labuta, dividindo anseios, dúvidas e muitas alegrias, são pessoas extremamente importantes, amo vocês, e agradeço pelas trocas, pelos debates, pelas leituras compartilhadas e pelo apoio mútuo ao longo dessa jornada. As disciplinas cursadas, os seminários, os grupos de estudo e as conversas informais contribuíram significativamente para o amadurecimento das reflexões apresentadas nesta dissertação. A convivência acadêmica foi essencial para enfrentar as dificuldades e celebrar as conquistas do percurso.

Agradeço às professoras e aos professores que fizeram parte da minha formação ao longo da graduação e da pós-graduação, cujos ensinamentos ultrapassam os limites da sala de aula e se refletem na forma como compreendo a Geografia, a pesquisa e o

compromisso social do conhecimento científico. Cada contribuição, direta ou indireta, deixou marcas importantes na construção deste trabalho.

Tudo que produzo, sempre será no intuito de contribuir na visibilidade ao artesanato feminino. As mulheres artesãs e às associações que resistem cotidianamente diante das desigualdades sociais e do apagamento histórico. Que esta pesquisa seja também um gesto de reconhecimento, respeito e compromisso com as mulheres que constroem, com suas mãos e seus saberes, a cultura e os territórios onde vivem.

RESUMO

Esta dissertação analisa o papel das mulheres na produção artesanal em Juazeiro do Norte (CE), tomando como recorte espacial e empírico a Associação de Artesanato Mãe das Dores, fundada em 1984 e reconhecida como Tesouro Vivo da Cultura Cearense. A pesquisa está ancorada na Geografia Cultural e nos estudos de Gênero, compreendendo o artesanato como prática sociocultural, econômica e territorial, atravessada por relações de poder, identidade, pertencimento e resistência. O artesanato é interpretado não apenas como produção material, mas como expressão de cultura, memória e territorialidade, construída a partir do trabalho cotidiano das mulheres artesãs. O estudo parte da compreensão de que o território é construído tanto por dimensões materiais quanto simbólicas, conforme as contribuições de autores como Almeida, Claval e Haesbaert, articulando essas reflexões às abordagens da Geografia Feminista e as discussões sobre trabalho feminino e desigualdades de gênero. Nesse sentido, a pesquisa busca compreender de que maneira o fazer artesanal das mulheres da Associação Mãe das Dores contribui para a construção de um território simbólico e identitário em Juazeiro do Norte, evidenciando processos de empoderamento, autonomia econômica e ressignificação dos saberes tradicionais. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, estruturada a partir de três eixos principais: levantamento bibliográfico, observação participante e pesquisa de campo. O levantamento teórico dialoga com autores da Geografia Cultural, dos estudos de gênero e de áreas afins, abordando conceitos como território, territorialidade, identidade, trabalho feminino e empoderamento. A pesquisa de campo foi realizada nos anos de 2024 e 2025, por meio de visitas sistemáticas à Associação de Artesanato Mãe das Dores, observação participante das atividades cotidianas e oficinas, além da realização de entrevistas semiestruturadas e narrativas orais com artesãs e artesão vinculados a associação. Essa abordagem possibilitou uma compreensão aprofundada das práticas artesanais, das trajetórias de vida das artesãs e do significado atribuídos ao trabalho com a palha de milho e outras fibras vegetais. A análise empírica evidencia que o artesanato feminino em Juazeiro do Norte, está profundamente relacionado a história, a religiosidade popular e a economia local, especialmente no contexto das romarias e do turismo religioso. As artesãs da Associação desempenham papel central na preservação e transmissão de saberes tradicionais, que se mantêm vivos por meio de processos intergeracionais e da prática coletiva. No entanto, o estudo também revela a persistência de desigualdades de gênero, expressas nas dificuldades do trabalho feminino, e na apropriação masculina de saberes historicamente construídos por mulheres. Os resultados indicam que a Associação se configura como um território de resistência feminina, onde o trabalho artesanal possibilita a construção de identidades, o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a ampliação da autonomia das mulheres. A ressignificação do artesanato feminino contribui para a valorização cultural, social e territorial das artesãs, reafirmando seu protagonismo na produção do espaço e da cultura juazeirense. Conclui-se que o artesanato feminino, ao articular trabalho, gênero e território, constitui uma prática fundamental para compreender as dinâmicas socioespaciais de Juazeiro do Norte.

Palavras Chaves: Artesanato feminino; Território; Geografia Cultural; Relações de gênero

ABSTRACT

This dissertation analyzes the role of women in artisanal production in Juazeiro do Norte, Ceará (Brazil), taking the Associação de Artesanato Mãe das Dores as its spatial and empirical framework. Founded in 1984, the association is recognized as a Living Treasure of Ceará's Cultural Heritage. The research is grounded in Cultural Geography and Gender Studies, understanding handicraft as a sociocultural, economic, and territorial practice permeated by relations of power, identity, belonging, and resistance. Handicraft is interpreted not only as material production, but also as an expression of culture, memory, and territoriality, constructed through the everyday work of women artisans. The study is based on the understanding that territory is constructed through both material and symbolic dimensions, according to the contributions of authors such as Almeida, Claval, and Haesbaert, articulating these reflections with approaches from Feminist Geography and discussions on women's labor and gender inequalities. In this sense, the research seeks to understand how the artisanal practices of women from the Associação Mãe das Dores contribute to the construction of a symbolic and identity-based territory in Juazeiro do Norte, highlighting processes of empowerment, economic autonomy, and the re-signification of traditional knowledge. Methodologically, the research adopts a qualitative approach, structured around three main axes: bibliographic review, participant observation, and fieldwork. The theoretical framework dialogues with authors from Cultural Geography, Gender Studies, and related fields, addressing concepts such as territory, territoriality, identity, women's labor, and empowerment. Fieldwork was carried out in 2024 and 2025 through systematic visits to the Associação de Artesanato Mãe das Dores, participant observation of daily activities and workshops, as well as semi-structured interviews and oral narratives with women artisans and one male artisan associated with the association. This approach enabled a deeper understanding of artisanal practices, the life trajectories of the women artisans, and the meanings attributed to working with corn husk and other vegetal fibers. The empirical analysis shows that women's handicraft in Juazeiro do Norte is deeply related to local history, popular religiosity, and the local economy, especially in the context of religious pilgrimages and faith-based tourism. The artisans of the association play a central role in the preservation and transmission of traditional knowledge, which remains alive through intergenerational processes and collective practice. However, the study also reveals the persistence of gender inequalities, expressed in the difficulties faced by women's labor and in the male appropriation of knowledge historically constructed by women. The results indicate that the association is configured as a territory of female resistance, where artisanal work enables the construction of identities, the strengthening of a sense of belonging, and the expansion of women's autonomy. The re-signification of women's handicraft contributes to the cultural, social, and territorial valorization of the artisans, reaffirming their protagonism in the production of space and culture in Juazeiro do Norte. It is concluded that women's handicraft, by articulating labor, gender, and territory, constitutes a fundamental practice for understanding the socio-spatial dynamics of Juazeiro do Norte.

Keywords: Women's handicraft; Territory; Cultural Geography; Gender relations.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização de Juazeiro do Norte CE	42
Mapa 2 - Localização da Associação Artesanato Mãe das Dores	68

LISTA DE FOTOS

Fotos 1	Mestra tecla	32
Fotos 2	Fotos A e B Cícera e seu trabalho artesanal	33
Fotos 3	Fotos C e D Exposição e Feirinha de Artesanato	34
Foto 4	Eliane filha da Mestre Tecla	36
Fotos 5	Fotos E e F Oficina de Enfeites Natalinos com Palha de Milho	37
Foto 6	Materiais Utilizados	38
Fotos 7	Fotos G e H Finalização da Oficina de Enfeites Natalinos	39
Foto 8	Oficina na Associação	40
Foto 9	Tecla Cosma da Conceição	70
Fotos 10	Fotos A e B Entrada da Associação Artesanato Mãe das Dores	71
Fotos 11	Fotos C e D Recepção e cômodo abaixo da escada	72
Fotos 12	Fotos E e F Escadaria e entrada principal	73
Fotos 13	Fotos G e H Chapéu de Palha/Símbolo do Romeiro e bolsas confeccionadas com palha	74
Fotos 14	Fotos I e J Cestas de Palha/Espaço decorativo de palha	75
Fotos 15	Fotos K e L Bordados revestidos com Palha	76
Fotos 16	A palha de Milho	81
Fotos 17	Pé de Carnaúba em Juazeiro do Norte ce	83

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Tabuleiro Grande	44
Figura 2	Padre Cicero Romão Batista	45
Figura 3	Basílica de Nossa Senhora das Dores Igreja do Socorro	50
Figura 4	Figuras A e B Igreja do socorro/Memorial Padre Cicero	52
Figura 5	Horto	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Segmentos da Metodologia	25
Quadro 2	Romarias em Juazeiro do Norte CE	51
Quadro 3	Evolução das Desigualdades de Gênero e Raça no Brasil (1995–2022)	83
Quadro 4	Participação das mulheres em liderança (2024-2025)	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALECE	Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
ANPEGE	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia
CE	Ceará
CEART	Central de Artesanato do Ceará
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MOVER	Movimento pela Equidade Racial
ONG	Organização Não Governamental
RBCE	Revista Brasileira de Estudos Culturais
SECULT	Secretaria da Cultura
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. O PERCUSO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA	20
2.1 A seleção do uso metodológico da pesquisa	20
2.2 O universo teórico da pesquisa	24
2.3 O campo e a experiência	28
3 JUAZEIRO DO NORTE, HISTÓRIA E SUAS ESPACIALIDADE	38
3.1 História e desenvolvimento de Juazeiro do Norte, CE	38
3.2 Onde tudo começou: a origem do artesanato	49
4 GÊNERO E TERRITÓRIO NA PRODUÇÃO ARTESANAL: A ASSOCIAÇÃO DE ARTESANATO MÃE DAS DORES	56
4.1 O caminhar da mulher na ciência geográfica	56
4.2 Formação da Associação de Artesanato Mãe das Dores.....	62
4.3 Trabalho feminino no território artesanal	77
4.4 Ressignificando saberes no Artesanato	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6 REFERÊNCIAS	96

APÊNDICES

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Há marcas da mulher no espaço e, sobretudo, seu papel na construção desse espaço. Cabe esclarecer que as mulheres sempre desempenharam papel fundamental no seu meio, transcendendo ao universo determinado pelo homem e, mais recentemente, adquirindo uma dimensão destacada nas mudanças que ocorrem no mundo. (Almeida 2016, p. 146)

O artesanato é um território que abriga cultura popular, nele articula dimensões econômicas, sociais e identitárias. É um lugar de trabalho, de criatividade, de produção de objetos, e sobretudo, de sonhos. É processo de lutas, valorização do saber, conquista econômica naquilo que produzem. O acesso aos espaços culturais onde esse trabalho é exposto e vendido demonstra esperança de valorização e dignidade do seu saber-fazer. Para as mulheres artesãs, resistências e emponderamento, que afirmam a sua importância no artesanato, e na cultura de um povo.

Em Juazeiro do Norte – CE, o artesanato feminino ocupa um lugar central na reprodução cultural e na dinâmica artística da cidade. É atribuído de forma funcional e também simbólica, por diferentes sujeitos, e assim são entendidos como territórios. Haesbaert (2004) afirma que um território marcado por intensas e complexas relações de poder, é caracterizada por relações políticas e econômicas, também por ordem material e relações afetivas de pertencimento.

A Associação de Artesanato Mãe das Dores, fundada em 1984 e localizada no centro de Juazeiro do Norte, representa um microcosmo onde se manifestam as tensões e desafios enfrentados por mulheres artesãs no Cariri cearense. Com mais de 40 anos de história, esta associação mantém vivos os ofícios e saberes tradicionais com a palha de milho, carnaúba, madeira e outras fibras vegetais, sendo reconhecida como "Tesouro Vivo da Cultura" pelo Governo do Estado do Ceará.

A Geografia, enquanto ciência que estuda as relações entre sociedade e espaço, tem se ampliado ao longo das últimas décadas para incorporar dimensões simbólicas, culturais e subjetivas da experiência humana. Nesse contexto, a Geografia Cultural emerge como um campo de reflexão que reconhece o espaço como produto das práticas sociais, das representações e dos significados construídos pelos sujeitos em sua vida cotidiana (Claval, 1999; Almeida, 2005). Dentro dessa perspectiva, as discussões de gênero se tornam fundamentais para compreender como as mulheres constroem e vivenciam os territórios, especialmente em contextos marcados por desigualdades, invisibilizações e resistências.

O presente trabalho propõe-se a compreender como as mulheres artesãs da Associação de Artesanato Mãe das Dores, localizada em Juazeiro do Norte (CE), constroem territorialidades

a partir do fazer artesanal, transformando o espaço da associação em um território simbólico, de pertencimento e de resistência feminina. O artesanato, aqui, é entendido não apenas como uma atividade econômica ou estética, mas como uma expressão cultural e territorial, capaz de revelar as relações entre trabalho, gênero e identidade no contexto local.

Juazeiro do Norte, reconhecida como um dos principais centros religiosos e culturais do Cariri cearense, também se configura como um território onde as práticas femininas de produção artesanal se entrelaçam à história local, à fé e à economia popular. Contudo, apesar da expressiva presença do artesanato na vida cotidiana da cidade, especialmente aquele produzido por mulheres, nota-se uma lacuna significativa de pesquisas científicas que abordem de forma aprofundada o artesanato feminino e seus impactos socioculturais no contexto juazeirense. É justamente a partir dessa justificativa das ausências de estudos, que surge a problematização central desta pesquisa.

Como o artesanato feminino desenvolvido pelas mulheres da Associação de Artesanato Mãe das Dores contribui para a construção do território simbólico e identitário de Juazeiro do Norte? De que maneira essa prática artesanal, ancorada em saberes tradicionais e em vínculos comunitários, constitui-se como espaço de resistência, autonomia econômica e afirmação do pertencimento feminino no contexto da cidade?

Foram construídos alguns questionamentos norteadores na dissertação: Como os estudos de gênero na geografia podem contribuir para a valorização da mulher no artesanato? Como se deu a criação da Associação Mãe das Dores e quais fatores sociais, culturais e religiosos influenciaram sua formação? De que maneira as relações de gênero atravessam e estruturam o cotidiano da associação? De que maneira o artesanato contribui para a renda das artesãs e para a economia popular local?

Para responder a todos esses questionamentos, o objetivo: Analisar como o artesanato feminino contribui para a construção territorial e simbólica das mulheres da Associação de Artesanato Mãe das Dores, em Juazeiro do Norte – CE, destacando as relações de gênero e os processos de emponderamento das mulheres artesãs. Os objetivos específicos: Compreender como os estudos de gênero na Geografia valorizam o trabalho feminino. Investigar a criação da Associação e seus fatores sociais, culturais e religiosos. Analisa como as relações de gênero estruturam o cotidiano da associação. Avaliar a contribuição do artesanato para a renda e economia local.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se baseia na abordagem da Geografia Cultural, trazendo assim a metodologia qualitativa, como foco em explicar as fases da construção do trabalho, que será pesquisa teórica e prática, a realização da pesquisa bibliográfica e do

embasamento teórico é a partir do Google acadêmico, SciELO e Periódicos da CAPES. Logo depois a técnica com a observação participante que entrará como aperfeiçoamento das ideias, e a ligação com o campo de pesquisa. E o campo de pesquisa na Associação de Artesanato Mãe das Dores, buscando captar os significados atribuídos ao fazer artesanal, ao espaço da Associação e à trajetória de cada mulher. O conjunto dos processos metodológicos será explicado no segundo capítulo.

A dissertação defendida nessa pesquisa é de que a valorização e a ressignificação do trabalho das mulheres artesãs, desenvolvidas na Associação de Artesanato Mãe das Dores constituem uma forma de territorialização simbólica e cultural, na qual o trabalho manual expressa identidade, resistência e autonomia feminina. Esse processo resultará em mudanças subjetivas e objetivas que se expressam: no reconhecimento de sua importância como ativadora cultural; elevação da sua autonomia; na valorização dos seus saberes e fazeres; no reconhecimento da sua identidade como artesã.

A escolha para pesquisar as relações entre o universo do artesanato e o feminino fundamenta-se em algumas razões centrais: Em primeiro lugar, destaca-se a importância de inserir, no âmbito da ciência geográfica, discussões e análises que considerem as relações de gênero no espaço do artesanato feminino, contribuindo para o conhecimento e a valorização dos saberes e fazeres das mulheres artesãs juazeirense. Em segundo lugar, essa escolha está profundamente relacionada à minha trajetória de vida. Nasci e cresci em Juazeiro do Norte, cidade marcada por uma forte expressão cultural, na qual o artesanato ocupa lugar de destaque. Minha vivência sempre esteve ligada a arte, tanto pela cultura local quanto pelo ambiente familiar. Minha avó, minha tia e primas sempre desenvolveram trabalhos manuais, o crochê como matéria, e desde cedo estive inserida nesse universo de saberes. Essa convivência não apenas despertou meu interesse, mas também me levou a produzir trabalhos manuais. E na graduação, que pude aperfeiçoar meus conhecimentos a partir da Geografia Cultural, campo que ampliou minha compreensão sobre as dimensões simbólicas, territoriais e identitárias das práticas sociais.

As discussões da dissertação foram divididas em três capítulos, o primeiro trouxe fortemente os resultados da pesquisa, a parte teórica e metodológica, explicando os caminhos que fundamentaram a investigação. Buscando assim demonstrar o referencial teórico dialogando com a metodologia adotada, foram divididos em três subtópicos para esclarecer melhor, o primeiro apresenta-se abordagem metodológica escolhida, justificando pela opção da pesquisa qualitativa, os detalhes das técnicas utilizadas como revisão bibliográfica, pesquisa documental, trabalho de campo, observação participante e entrevistas semiestruturadas com as

artesãs da Associação de Artesanato Mãe das Dores. No segundo subtópico discute o conjunto de autores e conceitos que embasaram a análise, com destaque da Geografia Cultural, com os estudos de gênero, trabalho feminino, emponderamento. A abordagem da categoria território, territorialidade para enaltecer as noções que orientam a leitura crítica do artesanato feminino. E temos o campo e a experiência, que descreve como ocorreu o trabalho de campo e as evidências das vivências que ocorreram juntos com a associação, e o contato direto das artesãs e a importância da experiência empírica e de todas essas construções, a importância do conhecimento, da escuta, da observação, interação como elementos centrais para compreender o cotidiano, das relações sociais e as dinâmicas territoriais do artesanato.

O segundo capítulo corresponde a contextualização do espaço geográfico da pesquisa, articulando assim a história local, as dinâmicas urbanas e a própria formação da associação, evidenciando as relações entre território, cultura e trabalho artesanal. Os subtópicos apresentam-se em etapas, a primeira é a apresentação de um panorama histórico e geográfico de Juazeiro do Norte, abordando sua formação, crescimento urbano, a importância cultural, religiosa e econômica cariri cearense. As transformações influenciaram bastante as práticas produtivas e o artesanato local. O segundo descreve o processo de criação da Associação, a organização interna e o seu papel social, é colocado explicitamente o espaço de trabalho e espacializando a sociabilidade, resistências e principalmente o fortalecimento coletivo das mulheres artesãs. O último foi desenvolvido a partir da origem do artesanato praticados por elas, enfatizando saberes, transmissões geracionais e a relação que a cultura tem com o local, analisando o artesanato como expressão da cultura local e historicamente associado ao trabalho feminino.

O capítulo três, articula análise empírica com o referencial teórico, discutindo as relações de gênero, território, trabalho e espaço. Começando com a contextualização da mulher na ciência geográfica, apresentando o resgate histórico da inserção das mulheres na ciência geográfica, pois a principal justificativa se dá pela ausência de pesquisas sobre mulheres artesãs de Juazeiro, então fortalecer o estudo nessa perspectiva fortalece nas pesquisas sobre, destacando as contribuições da geografia feminista e as críticas de invisibilizações femininas na produção do conhecimento científico. Logo depois, a análise do artesanato como forma de trabalho feminino, abordando suas dimensões econômicas, sociais e simbólicas, discutindo a precarização e a desvalorização social e a sobreposição entre trabalho produtivo e reprodutivo, evidenciando as desigualdades de gênero. E por último, a discussão de como o artesanato se configura como espaço de emponderamento, resistência e afirmação identitária para as

mulheres. Analisando a Associação como território de visibilidade e ressignificação dos saberes femininos frente as estruturas sociais que historicamente são marginalizados.

2. O PERCUSO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa tem como sujeito as mulheres artesãs da Associação de Artesanato Mãe das Dores em Juazeiro do Norte CE, e ampliando os estudos e a importância das mulheres artesãs na cidade de Juazeiro, e os principais aspectos das relações socioculturais. Desse modo, a pesquisa se baseia em três segmentos metodológicos, a) Levantamento Bibliográfico b) Observação Participante c) Análise de Campo.

O objetivo desta seção é descrever os procedimentos que foram utilizados para desenvolver a pesquisa. Quais as principais teses/autores utilizados para fornecer o embasamento teórico. A observação participante e a sua criação de vínculos com o campo, a análise do campo. Quais os instrumentos utilizados na pesquisa de campo, as condições em que a pesquisa foi realizada (quais procedimentos, local e período da realização, com quais/quantos indivíduos).

2.1 A seleção do uso Metodológico da Pesquisa

A metodologia da pesquisa é entendida como um conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação. Assim buscou-se discutir a importância da teoria para o desenvolvimento da pesquisa e como esta foi realizada, ou seja, quais os principais autores que nortearam a análise proposta.

Gil (2002, p. 17) afirma que pesquisa é um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas ao problema proposto [...]” E esta se desenvolve ao longo de um processo que envolve diversas fases, desde a formulação do problema até a apresentação satisfatória dos resultados. Inicialmente para começarmos a dar ênfase na metodologia, partiremos na clareza do tema, sendo assim, “Qual o papel da mulher no artesanato feminino em Juazeiro” foi escolhido pela ausência de pesquisas que retratem e demonstrem as suas vivências geracionais, suas práticas cotidianas e a importância sociocultural do seu saber-fazer no contexto juazeirense. Ao pesquisar sobre as Mulheres artesãs desde a graduação em Geografia, pude perceber a superficialidade das informações, ou até mesmo nem citavam o trabalho das mulheres no artesanato, essa questão me despertou o interesse em conhecer e entender como o papel da mulher no artesanato contribui na cultura de Juazeiro do Norte. Essa lacuna científica reforça a necessidade de uma abordagem

metodológica capaz de compreender não apenas a materialidade do artesanato, mas sobretudo as experiências, significados, memórias e territorialidades que estruturam o trabalho feminino na Associação de Artesanato Mãe das Dores.

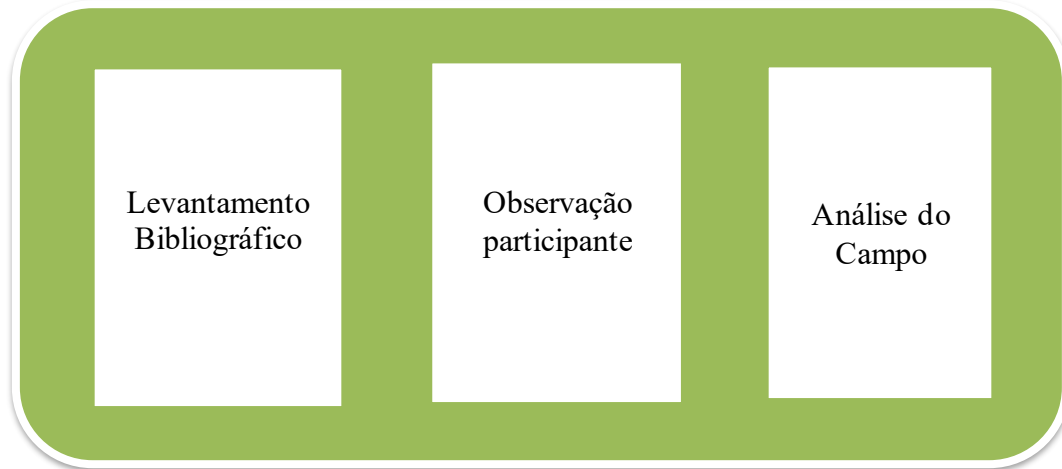
Com o tema definido e o problema levantado, delimito a pesquisa a partir da metodologia qualitativa, permitindo uma aproximação profunda com os sujeitos da pesquisa, favorecendo a interpretação das práticas e percepções que constituem o artesanato como fenômeno social, cultural e territorial. Elaborei os objetivos através das metodologias necessárias que foram: a) Levantamento Bibliográfico b) Observação Participante c) Análise de Campo

Para que se possa desenvolver uma pesquisa de natureza geográfica, torna-se necessário domínio do conteúdo teórico e conceitual por meio de leituras específicas, assim a etapa do levantamento bibliográfico é de grande importância para associarmos ao que se trata. Nas contribuições de (Marconi & Lakatos, 2010) afirma que toda pesquisa científica precisa de um levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, artigos, dissertações, teses e outros materiais relacionados ao tema de estudo. Corroborando o pensamento, Luna (2007) a revisão teórica é fundamental para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, pois possibilita a definição/detalhamento do problema, o conhecimento de uma dada área de pesquisa, a produção de conhecimento a respeito do trabalho de outros pesquisadores, o aprimoramento da ciência e o amadurecimento profissional.

Para a aquisição das informações que serão norteadoras da nossa pesquisa, foi elaborado através das leituras, análises de livros, tese e dissertações, artigos científicos, um corpo completo para conceituação. a) As reflexões sobre os estudos de cultura Claval (2001) Almeida (2003) b) Os estudos sobre território e identidade Almeida (2008) e Haesbaert (2004, 2009) Castells (1999), Claval (2001) c) Trabalho feminino e as relações de gênero e poder Saffioti (1992) Cisne (2014) Federici (2004) McDowell (1999) Silva (2003).

Logo depois, o processo metodológico acontece, conforme afirmam Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa qualitativa visa à compreensão detalhada dos significados e das características situacionais apresentadas pelos sujeitos pesquisados, buscando interpretar a realidade social e cultural em sua profundidade e complexidade. Desse modo, o intuito é fortalecer as pesquisas sobre as mulheres artesãs aqui em Juazeiro, cidade essa que nasci e cresci, e o meio artesanal sempre fez parte da minha vida. Com o tema escolhido e o problema levantado, delimito a pesquisa em três segmentos metodológicos para o fortalecimento dos dados coletados:

Quadro 1: Segmentos da metodologia



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Conforme (Gil 2008, p. 104) a observação participante, consiste na “participação real do conhecimento na vida da comunidade”, na qual o pesquisador assume papel de membro do grupo, adentrando o universo das participantes para apreender suas práticas “a partir do interior”. Essa técnica apresenta diversas vantagens, como o acesso rápido a situações cotidianas, o contato com dados considerados de domínio privado e a captação das palavras que acompanham os comportamentos observados. A etapa da observação participante constitui um dos principais instrumentos metodológicos para compreender, de forma profunda e sensível, o papel das mulheres no artesanato feminino na Associação. Essa técnica permite acessar o cotidiano das artesãs a partir de dentro, acompanhando diretamente seus processos produtivos, interações, expressões culturais e formas de organização.

Paralelamente, serão realizadas entrevistas semiestruturadas, para (Minayo, 2010, p. 104) a entrevista semi-estruturada combina perguntas previamente definidas com a liberdade para explorar novas questões que surgem durante a interação, oferecendo flexibilidade e profundidade na coleta de dados qualitativos.” Essa característica de pesquisa é fundamental no entendimento, pois exige a escuta sensível das trajetórias, percepções e experiências vividas pelas artesãs. A entrevista semi-estruturada permite captar não apenas informações objetivas, mas também significados, memórias e subjetividades que emergem espontaneamente durante o diálogo, enriquecendo a compreensão da cultura material, das relações de gênero e das práticas territoriais que estruturam o trabalho artesanal.

Já a pesquisa de campo oferece oportunidades de estarmos mais próximos ao nosso recorte espacial, e assim responder os questionamentos nas duvidas iniciais, e através das nossas observações identificar ferramentas metodológicas. Brandão (1984) O trabalho de campo é,

antes de tudo, um encontro entre pessoas. É na convivência que o pesquisador aprende a ver, ouvir e compreender o outro. Assim, o motivo maior de pesquisas com recorte espacial é que nunca é sobre investigar, mas viver a experiência. Esse também foi o anseio de estudar a Associação, para entendermos todo o funcionamento, seja simbólico ou físico.

2.2 O universo teórico da pesquisa

A fundamentação teórica desta pesquisa apoia-se nas contribuições da Geografia Cultural, especialmente nas reflexões de Paul Claval e Maria Geralda de Almeida. Claval (2001) afirma que a abordagem cultural aprofunda e alarga o campo da geografia na primeira metade do século XX, e modifica a perspectiva da geografia humana. As experiências dos seres humanos, o sentido que dão às suas vidas, a forma como modelam as paisagens e o ambiente para estabelecer suas relações, suas personalidades e convicções passam a ser temas abordados na geografia humana.

Profundamente, ao deslocar o foco das estruturas materiais para as dimensões simbólicas e subjetivas da vida social, Claval propõe uma leitura sensível e complexa do território, onde os significados, as representações e as experiências humanas tornam-se elementos centrais dos estudos geográficos. Essa abordagem contribui para compreender que o espaço não é apenas cenário, mas produto das práticas culturais e das representações coletivas que nele se desenvolvem. Corroborando esse pensamento, Almeida (2013) aborda que a importância da cultura nas abordagens geográficas tornou-se expressiva, principalmente, a partir dos anos 90. A autora afirma também que a cultura na geografia, não se trata apenas de representar o espaço e, sim, de outra maneira, levar para os estudos geográficos a subjetividade, nela existindo a identidade, os sentidos e os significados. Desse modo, concordamos com esta autora (2013), visto que toda a trajetória dos sujeitos no espaço, mais precisamente das mulheres artesãs, os lugares, os territórios que são ocupados e ressignificados por elas, suas vivências, experiências, mas também pelos aspectos, políticos, econômicos e socioculturais.

Desse modo, pensar sobre a contemporaneidade na Geografia cultural é de fato trazer uma ligação as múltiplas formas de se enxergar no mundo, mas também, de representação. Os estudos que emergem o “outro” é a forma de identificar toda a sua trajetória, fortalecendo e identificando as representações construídas não só apenas por homens. (Silva 2003, p. 32) afirma que “Ao observar a produção da teoria geográfica e questionar a quem serve esta produção ou quem tem se beneficiado com o avanço da ciência, percebe-se que ela é, hegemonicamente, uma ciência masculina.” A mesma autora também afirma que além disso, a produção de todo o conhecimento geográfico está ligada ao androcentrismo, logo, justifica a relativa dificuldade de análises com perspectivas femininas.

Fortalecendo a abordagem cultural nos estudos geográficos, Almeida (2008) intensifica muito o reconhecimento com os estudos de perspectivas femininas no espaço. Corroborando a autora, (Silva 2003, p. 33) afirma que:

“uma abordagem da perspectiva feminina na produção do espaço exige um olhar atento ao cotidiano, ao micro-social e aos grupos sociais marginalizados do poder e assim, tais temáticas foram consideradas questões de menor importância na análise do espaço geográfico.”

Essa corrente de pensamento, permite pensar a complexidade, os múltiplos processos que são simultâneos e diferentes, o tempo e sua linearidade, colocando em ênfase o desenvolvimento e as práticas através da modernidade. Essa forma de analisar o território enaltece a visibilidade das mulheres artesãs em seu habitat, pois, as relações cotidianas vivenciadas por elas, a identidade que elas produzem em seu modo de vida, e os seus conflitos e contradições que interferem nas relações entre os sujeitos e as percepções experiências no espaço.

A geografia cultural nos estudos de gênero permite reintroduzir o sujeito e sua experiência na análise espacial, o que inclui compreender o espaço a partir da vida das mulheres, McDowell (1999) enfatiza que o espaço é socialmente produzido pelas relações de gênero, e que as práticas femininas, muitas vezes invisibilizadas, revelam formas alternativas de construir e habitar o território. Enaltece bastante a análise das mulheres artesã, sua apropriação com o território, suas vivências, saberes e fazeres e a forma como constitui suas identidades e territorialidades.

No percurso dos estudos sobre mulheres na perspectiva de gênero com a geografia, identificamos a importância que é pensar na realidade da mulher artesã como sujeito primordial da pesquisa, e nesse sentido, entender a relação que tem com o seu território. Dentre as geógrafas que abordam a importância da discussão de gênero na ciência geográfica destaca-se a feminista inglesa Dowell (2000). Ela salienta a necessidade de analisar o gênero em ambos os aspectos, como significado simbólico e como relações sociais materiais, de forma inseparável. De acordo com esta autora,

Al definir el género [...] debemos tener en cuenta que las actuaciones sociales, entre ellas un amplio espectro de interacciones en múltiples lugares y situaciones – por ejemplo, en el trabajo, la casa, el bar o el gimnasio – y las distintas formas de pensar y representar el lugar y el género se relacionan entre sí y se crean unas a otras. Todos actuamos como nos dictan nuestras ideas, que siempre responden a una creación cultural y están histórica y espacialmente situadas [...] (MCDOWELL, 2000, p. 20)

Nas concepções de Silva (2009) propõe que a Geografia de gênero deve se ocupar de compreender “como as relações de gênero constroem os espaços e como os espaços, por sua vez, reproduzem ou desafiam essas relações” A autora destaca que o gênero estrutura o território, interferindo no uso, na ocupação e na significação dos lugares. Assim, o espaço não é neutro, ele reflete as desigualdades, hierarquias e resistências construídas nas relações sociais

de gênero.

Além das contribuições das geógrafas para a discussão de gênero, autoras de outras ciências como a Socióloga Saffioti (1992) a Assistente Social Cisne (2014) e a Filósofa Federici (2004) que também fortalece na análise dos estudos de gênero enriquecendo numa perspectiva com o trabalho feminino. Saffioti (1992) afirma que o gênero é uma categoria relacional que expressa as formas de dominação e subordinação construídas socialmente entre homens e mulheres. Já na visão de Cisne (2014) afirma que a categoria gênero, quando isolada das determinações de classe, corre o risco de se tornar um conceito liberal, incapaz de explicar as raízes materiais da desigualdade entre homens e mulheres. Federici (2004) afirma que o gênero é uma relação histórica de poder e de exploração que estrutura o capitalismo e organiza o corpo, o tempo e o trabalho das mulheres. A abordagem da geografia cultural caracteriza-se pelo seu diálogo com outras disciplinas e aceitação de leituras advindas delas para compreender melhor o espaço.

O conceito de gênero nas discussões geográficas implica em realizar uma análise temporal, espacial e relacional, pois as formas de pensar as relações entre homens e mulheres, e o lugar em que ocupam ou devem ocupar na sociedade, mudam de acordo com a sociedade. Ademais, a forma de pensar e de agir de cada indivíduo é influenciada pela criação cultural que se altera no tempo e no espaço. (Mcdowell, 2000 p. 20)

Desse modo, para a análise dos espaços constituídos culturalmente e socialmente por relações de gênero, mas também por relações políticas, econômicas e culturais, a categoria geográfica território é a mais apropriada. Essa categoria é pensada e discutida com base em autores como Almeida (2008) e Haesbaert (2004, 2009) como um espaço relacional, apropriado funcional e simbolicamente por relações de poder (políticas, econômicas e sociais) e também por relações simbólicas e de pertencimento. Sobre gênero e cultura foram citados anteriormente, ampliando os conceitos: a) identidade: discutida com base em Castells (1999), Claval (2001) como uma construção relacional e histórica, não completamente determinada, mas dinâmica, construída ao longo das práticas e das vivências. b) Territorialidade entendida como um conjunto de práticas e relações estabelecidas de forma material e simbólica no território, Almeida (2008).

O embasamento teórico, com leituras e análises das(os) autoras(es) e das teorias citadas e de outras complementares possibilitou a definição e o detalhamento do problema e o conhecimento sobre o que já foi produzido na geografia e em outras ciências sobre a categoria e os conceitos que sustentam a dissertação. Destaca-se, também, a importância da revisão teórica para o nosso amadurecimento profissional e para alcançar os objetivos propostos

desvelando a realidade por meio da relação teoria e empiria. As informações e experiências empíricas, também fundamentais para o desenvolvimento da dissertação, foram resultados das visitas a Associação de Artesanato Mãe das Dores e também a residências das artesãs. A elas daremos atenção na seção a seguir.

2.3 O campo e a experiência

Essa etapa da pesquisa tem como objetivo obter informações empíricas sobre a mulher no artesanato feminino, valorizando as artesãs de Juazeiro do Norte CE, e intensificando a presença da Associação de Artesanato Mãe das Dores no saber feminino em seu território. Assim, compreender como é visto/reconhecido o trabalho das artesãs, demonstrando a importância da Associação que é o local de extensão da cultura e do trabalho dessas mulheres, e comprovando a hipótese que é afirmando que o artesanato feminino constitui uma forma de ressignificação territorial e cultural por meio da Associação, e como essas mulheres produzem e reafirmam identidades, resistem e transformam o espaço vivido em território de pertencimento e autonomia.

As visitas ao campo de pesquisa são sempre momentos de grande expectativa, acompanhadas de curiosidade e incertezas. Surgem perguntas inevitáveis: conseguiremos acessar o local previsto? Como será nossa recepção pela Associação? Será possível construir um diálogo verdadeiro e produtivo? Os dados coletados atenderão aos objetivos do estudo? Da mesma forma, é natural imaginar os questionamentos das mulheres, homens e crianças que nos observam chegar, munidas(os) de cadernos, canetas e câmeras, despertando curiosidade sobre o propósito de nossa presença.

Aos poucos, as dúvidas iniciais dão lugar ao diálogo e à troca de saberes. Surge um convite para um café, para conhecer o cotidiano local. Assim, vão se tecendo relações entre pessoas, mulheres e homens detentores de um valioso conhecimento sobre o tecer com a palha, o plantio a colheita, saberes construídos na experiência diária e transmitidos de geração em geração. Começamos com diálogos e trocas de saberes, que foram realizados com artesãs da Associação Artesanato Mãe das Dores (com mais de 30 anos de idade) no município de Juazeiro do Norte (CE). Foram realizadas, no decorrer dos anos de 2024 e 2025, visitas ao local e dialogamos com 4 artesãs e 1 artesão.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e Narrativas Oraís na Associação e individualmente com as artesãs. Essas técnicas metodológicas mostraram-se adequadas ao contexto da pesquisa, pois, como destaca Minayo (2010, p. 104), “a entrevista semiestruturada combina perguntas previamente definidas com a liberdade para explorar novas questões que surgem durante a interação, oferecendo flexibilidade e profundidade na coleta de dados qualitativos”. E complementando (Delgado, 2006, p. 31) afirma que “As narrativas oraís são construções simbólicas, nas quais o sujeito organiza experiências, valores e emoções, conferindo sentido a seu percurso de vida.” Dessa forma, as

perguntas emergiam de maneira natural, acompanhando o fluxo das narrativas das artesãs e permitindo que o diálogo se desenvolvesse com leveza, respeito e escuta atenta.

Na (foto 1) mostra a Mestre tecla, ela que trouxe o saber com a palha desde a década de 80, ela trabalhou por muitos anos na Associação, levando e ampliando saberes. Tecla herdou a tradição do seu pai, um homem que traçava palha de banana e cipó, sua mãe que traçava com palha de banana, os dois eram artesãos. Ela falava que não se interessava pelo saber, mas que resolveu tentar e se apaixonou pelo traçado. Ela conta que sua vivência com a palha começou quando chegou de Pernambuco, morou um tempo no Bairro Franciscano, até que migrou para o Horto, lá a presença das pessoas que faziam artesanato com palha era bastante visível, ela conta que “essa ladeira aqui era cheia de gente traçando palha, era mulher, menino, velho... todo mundo se ajudando e ensinava as técnicas para eles. Até que as irmãs Annette e Teresa da Capela mãe das dores na época, junto comigo, resolvemos fundar um espaço para que a gente pudesse expor nosso trabalho, muito mais que isso, que eu pudesse passar meu saber pra outras pessoas que vinham pra juazeiro.

Seu relato revela uma potência muito forte no saber com a palha em Juazeiro do Norte, o artesanato feminino, e como a memória, as relações comunitárias, reafirmando o papel das mulheres como protagonistas na preservação dos saberes de tradição. Tecla não apenas resgata a origem do trabalho artesanal com a palha, mas também ilumina os processos de pertencimento e resistência do território que sustenta o Artesanato.

Foto 1 – Mestre tecla



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Nas (foto 2) está a Cícera, artesã cuja sua história evidencia a profundidade do vínculo entre trabalho, memória e território. Ela relata que aprendeu o ofício da palha ainda criança, ensinada por sua irmã mais velha. Desde os 10 anos, em meados dos anos 2000, dedica-se ao artesanato, atividade que atualmente representa uma importante fonte de renda para sua família. Cícera ressalta também a influência da Mestre Tecla, figura de grande relevância na comunidade, responsável por fortalecer o aprendizado e a continuidade do trabalho artesanal entre as mulheres. Moradora do distrito do Horto, ela afirma que passou toda a adolescência frequentando a Associação, onde aprendeu, experimentou e aperfeiçoou o ofício junto de sua irmã e de outras artesãs, construindo vínculos afetivos e identitários com o espaço e com a prática coletiva.

Fotos 2: Fotos A e B Cícera e seu trabalho artesanal

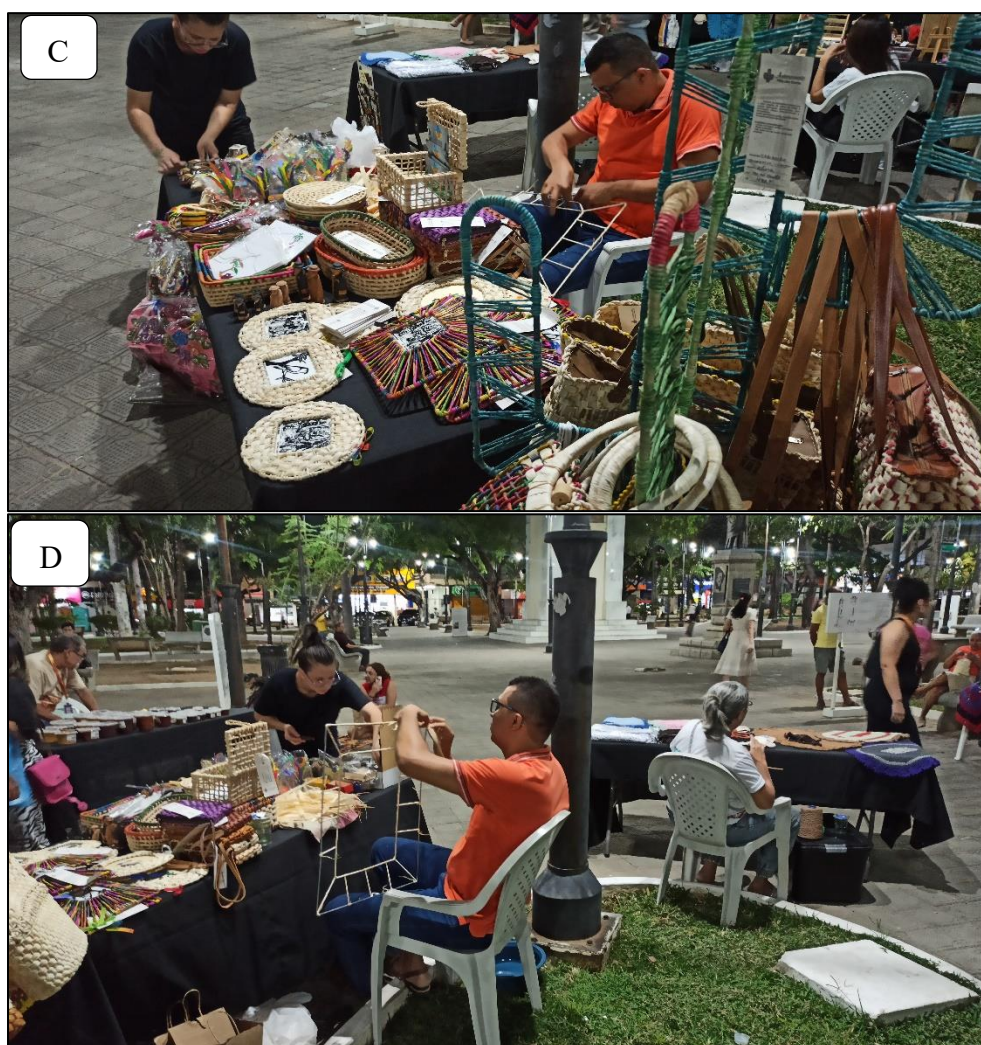


Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Na próxima seção, (fotos 3) está Adailto, mas antes de iniciarmos contando sua trajetória, abro um parêntese sobre a participação da Associação de Artesanato Mãe das Dores na Mostra Sesc Cariri de Culturas edição de 2025, onde ele esteve presente e responsável, e destaque como um momento significativo, expuseram suas peças entre os dias 21 e 24 de agosto, na tradicional Praça Padre Cícero, um dos espaços simbólicos mais importantes de Juazeiro do

Norte. É reconhecida como um dos maiores e mais representativos eventos culturais do Ceará e do Nordeste, consolidando-se como um espaço de valorização, difusão e preservação da diversidade cultural caririense. Realizada anualmente em Juazeiro do Norte e em outras cidades da região, a Mostra reúne uma ampla gama de manifestações artísticas, incluindo artesanato, música, dança, teatro, audiovisual, literatura, cultura popular e patrimônio imaterial, funcionando como um grande palco que integra tradição e contemporaneidade. Seu propósito central é promover a circulação de saberes, fortalecer a identidade cultural do Cariri e oferecer visibilidade a artistas, mestres e coletivos que compõem o tecido sociocultural local.

Fotos 3: Fotos C e D Exposição e Feirinha de Artesanato



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Adailto que é artesão e genro da Mestre Tecla esteve na exposição, trazendo alguns produtos feitos com palha, e no local também esteve produzindo, mostrando não só o produto, mas também a sua sabedoria. Após a feira trouxe algumas perguntas motivadoras para ele: O

que o artesanato representa? Que sentimentos você sente ao produzir uma peça? Você sente que o artesanato é importante para a cultura?

Ele começa falando que o artesanato para ele ultrapassa o material, é uma formação de identidade de um povo, ele também fala dos primórdios, como o saber do artesanato vem dos povos originários, a rica cultura que nos foi deixada. Fala também sobre a questão regional, do fortalecimento cultural da região que é dada pelo artesanato, e como a experiência com a palha transmuta para um simbolismo da própria cidade. Também fala a questão de renda, muitas das pessoas tiram uma renda através do seu dom, da manualidade. Enriquece o saber com a palha de milho, mas também a identidade local é fortalecida. Adailton além de artesão também é responsável por organizar questões burocráticas da Associação, ele problematiza muito a questão do local, sobre reparos, por ser um prédio antigo e histórico na cidade, surge alguns problemas que com falta de instancias do governo tudo seria mais tranquilo, mas que infelizmente não é notado e não é dada a devida importância. Aponta também a questão da desvalorização, muitas pessoas passam pela associação, adquire o conhecimento do traçado com palha com a mestra, mas infelizmente não leva a valorização de fato de quem o ensinou.

O quarto diálogo foi realizado com Eliene, filha da Mestra Tecla, que inicia sua fala destacando os ensinamentos herdados de sua mãe. Tecla sempre esteve à frente de tudo: além de dominar o saber do manuseio da palha, foi também responsável por organizar e representar a Associação por ela fundada. Eliene recorda com nitidez a importância da presença materna e de seus conhecimentos, enfatizando que “na época minha mãe gostava muito de aprender mais e mais; ela trouxe, no começo, o tecer com a palha de carnaúba e, em suas andanças por eventos e feiras, aprendia vários outros aprendizados. Nesse caso, o manuseio era com a palha de milho. Ela foi produzindo e passando por gerações esse ensinamento. Eu era pequena, mas já tinha muita curiosidade, e fui crescendo e me aprofundando mais ainda”.

A trajetória de Eliene evidencia a força das transmissões intergeracionais entre mulheres, aspecto central nos estudos sobre cultura material, trabalho artesanal. Ela conta que desde cedo, observava atentamente a mãe tecendo, trançando e finalizando peças, aprendendo tanto pela prática quanto pelo convívio. Esse aprendizado cotidiano, marcado pelos gestos, pela oralidade e pela repetição, revela como o artesanato configura um espaço de formação que ultrapassa a técnica e envolve afetos, responsabilidades e pertencimento. Foi nesse ambiente de fazeres compartilhados que Eliene conheceu Adailton, com quem futuramente se casaria e constituiria família. Ambos se aproximaram pelas práticas do artesanato, evidenciando como o território do saber manual também produz vínculos sociais, trocas e trajetórias comuns. Eliene relata que sempre sentiu vontade de seguir a linhagem da mãe e continuar o legado iniciado por

Tecla, valorizando cada etapa do aprendizado, mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelas mulheres artesãs.

Um ponto de destaque em sua fala é a percepção crítica sobre a desvalorização dos saberes femininos, tema recorrente entre as artesãs entrevistadas. Segundo ela, “o artesanato é um pilar enorme daqui de Juazeiro, seja economicamente ou culturalmente, mas quando a gente percebe, a valorização é muitas vezes masculina. Existem saberes femininos que são reconhecidos em outras pessoas, acaba desvalorizando”. Essa reflexão revela a tensão entre a centralidade do artesanato na identidade e na economia local e a invisibilização histórica das mulheres que sustentam essa prática. Mesmo sendo a base do fazer artesanal, sua autoria, memória e transmissão muitas vezes permanecem apagadas ou atribuídas a agentes externos, reforçando desigualdades de gênero já discutidas por autoras como Saffioti (1992) e Federici (2004), que mostram como o trabalho das mulheres é frequentemente naturalizado, subestimado ou apropriado por outros.

Na (foto 4) está Eliene, filha da Mestra Tecla, em suas narrativas ela conta bastante da sua importância para o desenvolvimento do artesanato na Associação, mas também evidencia como o saber manual é atravessado por relações de força, disputas de reconhecimento e processos de resistência cultural. O testemunho reforça que a palha, não é apenas matéria-prima, mas veículo de identidade, legado e afirmação das gerações de mulheres que transformam o território de Juazeiro do Norte por meio de suas mãos.

Foto 4: Eliene filha da Mestra Tecla



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

A observação participante também foi outra técnica metodológica que busquei em complemento, essa técnica, conforme aponta Magnani (2002), possibilita olhar “de perto e de dentro”, percebendo nuances que escapariam a entrevistas formais. Na perspectiva da observação participante foi fundamental para apreender os modos pelos quais as artesãs constroem identidade, pertencimento e significados territoriais na Associação, revelando dimensões materiais e simbólicas que estruturam o artesanato feminino em Juazeiro do Norte. Diante desse contexto, as oficinas que a Associação proporciona é bastante importante no enriquecimento dos saberes com a palha. Nas (fotos 5) mostra a oficina, ofertada pela artesã Eliene com a titulação “Oficina de Enfeites Natalinos com Palha de Milho” foi ocorrido nos dias 18, 19 e 21 do mês de novembro de 2025, com o intuito de enriquecer o saber com Palha de milho e a sua prática cotidiana. Segue abaixo as imagens da oficina:

Fotos 5: Foto E e F Oficina de Enfeites Natalinos com Palha de Milho



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Nas fotos registradas no primeiro dia de oficina, percebi a alegria e o envolvimento das participantes no processo criativo. Minha presença naquele espaço não se limitou à coleta de informações, mas estendeu-se à vivência do saber compartilhado pela artesã, construída a partir de suas experiências e de sua trajetória no artesanato com palha de milho. Compreendi que observar é fundamental, porém participar do fazer, sentir o ambiente e experienciar os gestos, ritmos e conversas é importante no acesso a dimensões que não emergem apenas na escuta formal.

Como afirma Brandão (2007), o trabalho de campo é também um “trabalho de vida”, em que o pesquisador se envolve, aprende e se transforma a partir dos encontros que estabelece. De modo semelhante, Geertz (1978) destaca que compreender uma prática cultural exige uma “descrição densa”, possível somente quando o pesquisador se insere nas relações e apreende significados de dentro. É notado uma postura metodológica que reconhece a importância do corpo, da sensibilidade e da convivência no processo de produção do conhecimento, viver o processo artesanal junto às artesãs ampliaram a minha visão enquanto pesquisadora e também enquanto pessoa, pois possibilita captar nuances afetivas, simbólicas e territoriais que estruturam o saber-fazer feminino.

Foto 6: Materiais Utilizados



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Na (foto 6) mostra alguns dos materiais utilizado na oficina, entre os materiais utilizados para a confecção da árvore de Natal revestida com palha de milho, o primeiro passo que Eliane frisava bastante era a necessidade de molhar a palha, garantindo maior maleabilidade da fibra para que ela se ajuste com segurança e precisão durante o processo de enrolar. Esse detalhe

técnico, que pode parecer simples, torna-se compreensível apenas quando vivenciado de perto. Durante a oficina, Eliane reforçava constantemente a importância do acabamento, ensinamento transmitido por sua mãe, a Mestre Tecla: “Não é só fazer, é prestar atenção no acabamento; a peça não pode deixar aparecer nem o começo, nem o meio, nem o fim.”

Ao ouvir e observar atentamente essas orientações, percebi que o cuidado com a forma não é apenas uma técnica, mas uma filosofia artesanal repassada entre gerações, marcando o olhar individual de cada artesã. Nesse sentido, a observação participante foi fundamental para reconhecer não apenas os materiais, como a palha molhada, as tesouras, os moldes, os barbantes e demais utensílios, mas também para perceber como cada elemento adquire significado no processo que está sendo criado. Somente participando e acompanhando de perto os gestos, as escolhas e os ritmos das artesãs foi possível entender que a matéria-prima é mais do que um insumo: ela carrega saberes, memórias e práticas que estruturam o artesanato feminino na Associação de Artesanato Mãe das Dores.

Fotos 7: Fotos G e H Finalização da Oficina de Enfeites Natalinos



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Nas (foto 7) mostra uma das fotos que foram tiradas dos participantes, finalizando esse momento com muita arte e sorrisos, a experiência foi bastante tocante, entender a prática, vivenciar experiências e principalmente fazer amizades com todos ali. Além de trazer um corpo maior para pesquisa, trouxe também a força de um simbolismo muito presente em Juazeiro.

Nas (foto 8) mostra como as oficinas sempre esteve presente nos ensinamentos com a palha, a Mestre tecla sempre fortaleceu bastante os ensinamentos, principalmente introduzindo na Associação além de fortalecer o conhecimento com a prática, também o reconhecimento desses espaços de aprendizados para que todos o conheça.

Foto 8: Oficina na Associação



Fonte: Associação Artesanato Mãe das Dores (2019)

Os registros fotográficos utilizado durante a pesquisa empírica foram realizados com a permissão dos participantes. As fotografias ilustram características dos lugares em que são passados os ensinamentos, fornecendo indicações sobre a realidade retratada. Por meio da fotografia o(a) leitor(a) poderá reconstituir, parcialmente, o ambiente e certas características do

modo de vida e do cotidiano dos sujeitos. Registros fotográficos e audiovisuais, para (Marconi; Lakatos, 2009, p. 190) “O registro fotográfico e audiovisual é especialmente útil em pesquisas de campo, pois permite documentar situações, processos e objetos que complementam as informações obtidas por meio de entrevistas e observação.

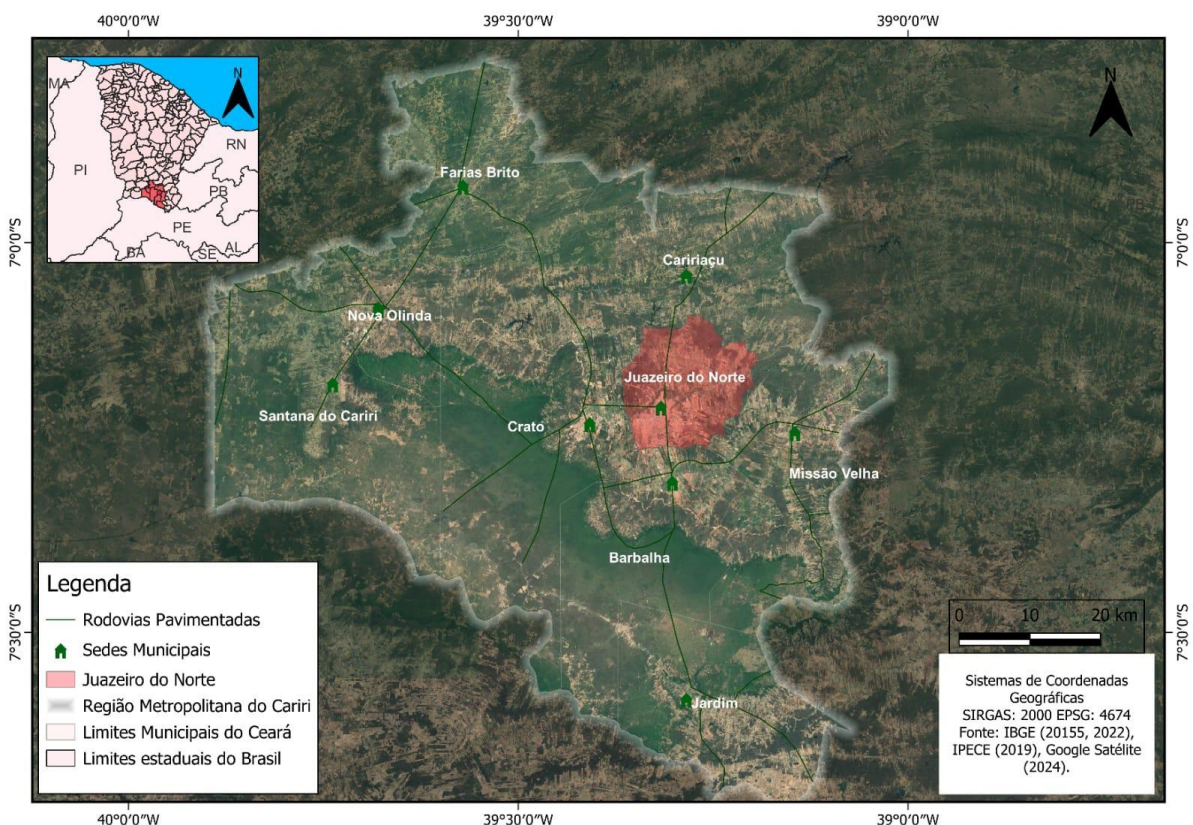
Os dados e as informações adquiridas com a pesquisa teórica, participante e de campo, após serem analisadas e organizadas, foram sistematizadas em textos, gráficos, tabelas e mapas sugerindo uma reflexão analítica com o objetivo de explicar a realidade dos sujeitos estudados. As informações coletadas também foram utilizadas para a construção de artigos a serem apresentados e publicados em eventos e periódicos da área geográfica e ciências afins. É importante salientar o crescimento profissional e também pessoal que nós pesquisadoras adquirimos, possibilitando pela troca de saberes e de experiências no contato com os diferentes sujeitos e os diversos espaços de vivências.

CAPÍTULO 3 - JUAZEIRO DO NORTE, HISTÓRIA E SUAS ESPACIALIDADES

3.1 História e desenvolvimento de Juazeiro do Norte, CE

A cidade de Juazeiro do Norte é um município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se na Região Metropolitana do Cariri, no sul do estado, distante 491 km da capital, Fortaleza a uma altitude de 377 metros acima do nível do mar. Ocupa uma área de 258,788 km², com uma população de 305.531 habitantes, dado do Censo IBGE (2025), sendo o terceiro mais populoso do Ceará (depois de Fortaleza e Caucaia), o maior do interior cearense, e o 96º do Brasil. Juazeiro do Norte é um dos municípios de maior população do interior do Nordeste, ocupando o sexto lugar.

Mapa 1 - Mapa de Localização de Juazeiro do Norte CE



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Para entendermos os primórdios da formação territorial e desenvolvimento de Juazeiro, é preciso entender a formação da região que é o Cariri. Em suas narrativas (Macedo 1978, p. 2) afirma “É o cariri, no sul do Ceará, uma região caracterizada por suas águas perenes jorrantes

nas faldas do planalto do Araripe, sua vegetação verde nos sítios, seus buritis e babaçus de porte tão elegante, seus canaviais ao pé-da-serra do Araripe e dos brejos vizinhos, seus engenhos que moem cana-de-açúcar e cheiram ao mel.” A rica naturalidade que pertence ao cariri, é também entendida pelo autor que o princípio conhecido como o Cariri novo, para diferencia-lo do cariri paraibano que é denominado cariri velho, veio através dos povos Kariris (kiriri) que antes da invasão dos colonizadores, ocupavam o território caririense.”

A presença ancestral dos povos kariris, habitantes originários do território do Cariri cearense muito antes da chegada dos colonizadores, enaltece o fortalecimento de suas vivências e culturas. Esses grupos indígenas formavam uma vasta rede sociocultural no sertão nordestino, marcada por forte relação com a terra, com os rios intermitentes e com as práticas de agricultura, caça e coleta. Como afirma Silva (1994), “a ocupação do Cariri tem raízes profundas nos povos Kariri, cuja presença estruturou as primeiras formas de vida coletiva na região”, evidenciando que o território que hoje corresponde a Juazeiro já era espaço vivido, nomeado e organizado pelos indígenas.

Qualquer narrativa sobre a criação e o desenvolvimento de Juazeiro do Norte precisa reafirmar que a cidade se ergueu sobre um território já habitado e significado pelos Kariri. Desse modo, (Oliveira 2019, p. 43) afirma que “Entender o fenômeno que vem a ser o Cariri e o próprio Juazeiro do Norte perpassa, dessa maneira, pelo entendimento das condições físicas singulares que, associadas aos processos de ocupação do território local e suas singularidades culturais e simbólicas, distinguem essa localidade da região do entorno.” Mas também os reconhecimentos históricos e narrativas vivenciadas da época.

A origem de Juazeiro remonta no século XIX a partir dos anos 1827, se encontra no lançamento da pedra fundamental de uma capelinha em honra de Nossa Senhora das Dores, em 15 de setembro de 1827, em uma localidade denominada Tabuleiro Grande de propriedade do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, marca o início da história desta cidade que é um misto santuário e oficina, uma cidade voltada para o rosário e para o trabalho. À medida que os viajante e tropeiros que cruzavam a fazenda Tabuleiro Grande com direção ao Crato, passaram a pernoitar à margem da velha estrada Missão Velha e Crato, sobre a proteção da ramagem de três frondosos juazeiros¹ existentes em frente à capela de Nossa senhora das Dores. Com o passar do tempo estes pernoites tornou-se constante, da capela surgiu os primeiros casebres que

¹ O topônimo Juazeiro deve-se a uma conhecida árvore, muito comum no Nordeste, que resiste à seca mais inclemente, permanecendo sempre viçosa, chamada cientificamente "ziziphus juazeiro". A palavra é híbrida, tupi-portuguesa: jua ou iu-à (fruto de espinho) mais o sufixo eiro.

serviam de moradias e pontos comerciais (bodegas), dando início ao processo de povoamento da atual Juazeiro do Norte. Porém, se deve ao Padre Cícero. Na (figura 1) mostra bem detalhadamente a estética da cidade na época.

Figura 1: Tabuleiro Grande



Fonte: Basseng.com.br

Em 1872 chega em “Joazeiro”, um jovem recém ordenado, Cícero Romão Batista. Oriundo da cidade do Crato, no seminarista da Prainha fez voto de castidade aos doze anos e substituiu o Padre Pedro como capelão da Capela N. S. Das Dores do povoado. O local era um pequeno aglomerado humano com duas pequenas ruas (rua Grande e rua do Brejo), onde habitavam poucas famílias. Padre Cícero Romão Batista, cujo papel religioso e político no final do século XIX e início do século XX foi determinante para a consolidação da cidade como polo regional.

O povoado de Juazeiro já havia alcançado um considerado nível de desenvolvimento, mas continuava pertencente ao município de Crato. Isso começou a incomodar os juazeirenses, surgindo daí o desejo de independência. Um movimento de emancipação iniciado por eminentes cidadãos locais e liderado pelo Padre Cícero, o médico baiano Dr. Floro Bartolomeu da Costa, o Padre Joaquim de Alencar Peixoto e o Professor José Teles Marrocos, culminou com a vitória em 22 de julho de 1911, quando foi assinada a Lei No. 1.028 que elevou o povoado à categoria de Vila e Sede do Município. No dia 4 de outubro de 1911, a Vila de Juazeiro foi inaugurada oficialmente e o Padre Cícero foi empossado como seu primeiro Prefeito ou Intendente, como se chamava naquela época.

O processo de ocupação e crescimento urbano de Juazeiro se deu em torno da

religiosidade popular, uma vez que a devoção ao “Padim Ciço” na (figura 2) atraiu milhares de romeiros vindos de diferentes partes do Nordeste, consolidando o município como um dos principais destinos de turismo religioso do Brasil. A história de Juazeiro do Norte não pode ser dissociada da trajetória de Padre Cícero, sua atuação ampliou não apenas a devoção religiosa, mas também a organização comunitária, o trabalho coletivo e a economia local. Como observa Walker (2010), o sacerdote estabeleceu práticas de aconselhamento, cooperação e estímulo à produção agrícola e artesanal, reconhecendo a importância do trabalho como meio de fortalecimento moral e social da comunidade.

Figura 2: Padre Cícero Romão Batista



Fonte: AH Aventuras na História (2019)

A cidade de Juazeiro do Norte teve uma influência precursora no cenário urbano estadual. Enquanto que cidades circunvizinhas às suas intermediações emergiram a partir de localizações privilegiadas e/ou proximidades das áreas produtivas, Juazeiro do Norte (CE) surge, primeiramente, como lugar de descanso dos viajantes e comerciantes, acompanhado, posteriormente, de um fenômeno religioso, protagonizado pelo Padre Cícero Romão Batista e pela beata Maria de Araújo. Pereira (2012)

Contextualizando esse fenômeno, Della Cava (1976) afirma que:

No ano de 1889, pela celebração de uma missa devotada ao Sagrado Coração de Jesus, um ato extraordinário veio a modificar o cotidiano local e as figuras relacionadas. Ao receber a hóstia do Padre Cícero, ela teria se transfigurado em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, o que seria o sangue de Cristo.

A partir desse episódio, o caráter religioso e popular de Juazeiro do Norte se consolidou. O povoado se tornou ponto de peregrinação, originando as grandes romarias que, até hoje,

marcam o calendário cultural e econômico da cidade. A fé, convertida em prática social e econômica, impulsionou a formação de um comércio voltado para os romeiros e, mais amplamente, a construção de uma identidade coletiva baseada na religiosidade popular, na solidariedade e no trabalho.

O milagre da hóstia, portanto, não se limita a um acontecimento místico, mas deve ser compreendido como um marco fundacional de uma territorialidade simbólica, onde o sagrado, o social e o econômico se entrelaçam. Ele deu origem a uma forma particular de viver, crer e produzir em Juazeiro do Norte, uma “economia da fé” que, ao longo do tempo, estruturou práticas culturais e materiais, como o artesanato, a arte sacra e a hospitalidade, transformando a cidade em um dos mais expressivos centros de religiosidade popular do Brasil. A partir disso, Juazeiro do Norte passa por um considerável processo de crescimento populacional, de produção agrícola, comercial e sobretudo da indústria artesanal, o que influencia também o crescimento de outras cidades do Cariri cearense. Comparativamente destaca-se que em 1875, o povoado tinha apenas 2 mil habitantes e poucas construções, sendo essas em parte bastante precárias. Em 1909 já se somavam mais de 10 mil habitantes, a cidade contava com um plano urbanístico bem estruturado e o crescimento do comércio era constante em especial a questão artesanal. Della Cava (1985)

Mesmo nesse contexto do milagre da hóstia ser um acontecimento importante, aprofundando e problematizando sobre a Beata Maria de Araújo, que historicamente é marcada profundamente por processos de invisibilização. Esse apagamento não pode ser compreendido como um desdobramento unicamente religioso, mas também como expressão de relações de poder que envolvem gênero, autoridade e legitimidade. Como mulher, negra, beata filha de pessoas escravizadas, ou seja, fora das estruturas formais de poder que o eclesiástico prega. Pode-se pensar a questão da perseguição às mulheres, tão fortemente construído para destruí-las, uma espécie de orquestra na destruição da imagem de Maria de Araújo. A teóloga feminista Ivone Gebara em “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal” (2000) mostra exatamente essa questão da destruição da imagem de uma mulher, a autora observa que dentro das instituições religiosas cristãs há um silêncio imposto para as vozes femininas, com papéis definidos. Para Gebara (2000) existem algumas formas do mal: o mal de não ter, não poder, não saber, não valer.

É possível observar esse silêncio a voz da Beata Maria de Araújo, com três ideias que a autora traz: não poder, não saber, não valer. Não poder ser santa, por ser negra, mulher, pobre e nordestina; não saber, porque o lugar de uma mulher não é o de saber, mas o de obedecer a uma ordem hierárquica masculina sendo colocada em inferioridade ao homem, além de ser

inculta e analfabeta pela ordem eclesiástica, e pôr fim ao não valer, pois através de uma escala de valor o significado feminino é menor, e quando conjugado com a questão de classe social e de raça, essa importância declina na hierarquia social. Maria de Araujo teve sua experiência desautorizada e seu protagonismo negado. Seu silenciamento revela tensões entre religiosidade popular e institucional, até por que está ligada ao patriarcalismo que é muito presente na cidade, essa estrutura evidencia como determinados sujeitos históricos são excluídos dos processos de construção da memória oficial.

Nas concepções de Diniz (2021) afirma que é possível ver claramente um embate que se construíam ao redor de Juazeiro, sob a égide de uma estrutura da colonização que não admitia o acontecimento de tal feito religioso no Nordeste brasileiro, com mulheres, e tendo como protagonista uma mulher negra. Para os colonizadores religiosos da época XIX, todo esse contexto era inadmissível, pois era uma igreja católica, apostólica e romana; primeiro dominada por homens brancos; segundo por homens cristãos, e romana com pretensões universais e sem espaço para a ocorrência como as vivenciadas no Nordeste brasileiro. Diniz (2021) enaltece sobre a supremacia religiosa de um lado, e do outro lado a religiosidade popular que a Beata Maria de Araújo vivenciava, construindo um embate que começava a invisibilizá-la, ou seja, uma igreja no século XIX com uma hierarquia de formação rígida, racista, patriarcal, machista e xenofóbica, era isso que se via em Juazeiro do Norte, mas especialmente com a invisibilidade da Beata.

Ao mesmo tempo em que o milagre contribuiu para consolidar Juazeiro do norte, como polo de fé e devoção, ele também produziu hierarquias simbólicas, nas quais certos agentes foram celebrados e outros apagados. A recuperação da trajetória da Beata Maria de Araújo, portanto torna-se um movimento importante não apenas de revisão historiográfica, mas de reconhecimento das mulheres na construção das territorialidades culturais e religiosas do Cariri. Conseqüentemente, ao trazer à tona sua memória, questiona-se a própria “economia e fé” enquanto sistema que, ao mesmo tempo que gera pertencimento e identidade, também pode reproduzir desigualdades e silenciamentos.

Do ponto de vista econômico, a cidade em sua trajetória, cresce bastante e articula de forma singular os elementos da fé, da cultura e do comércio. O intenso fluxo de peregrinos, atraídos pela figura do Padre Cícero Romão Batista desde o final do século XIX, foi o principal motor do desenvolvimento local. As romarias, que se multiplicaram ao longo das décadas, transformaram Juazeiro do Norte em um importante polo de circulação de pessoas, mercadorias e ideias. Esse movimento religioso e popular fomentou o surgimento de um comércio diversificado, ligado inicialmente à produção e venda de artigos religiosos, como imagens

sacras, terços, medalhas e ex-votos, mas que rapidamente se expandiu para outros setores, como a alimentação, o artesanato, o vestuário e os serviços de hospedagem.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, Juazeiro do Norte consolidou-se como um centro regional de trocas comerciais, articulando-se com municípios do Cariri e de estados vizinhos, como Pernambuco, Paraíba e Piauí. A economia local passou a integrar redes mais amplas de circulação de produtos e capitais, impulsionadas pela força da religiosidade popular e pelo espírito empreendedor da população. Essa expansão comercial fez com que a cidade se destacasse como entreposto de abastecimento, ponto de convergência de feiras e mercado consumidor de produtos agrícolas e manufaturados.

A presença das feiras livres, das pequenas manufaturas e do comércio ambulante configurou uma dinâmica econômica de base popular, marcada pela informalidade, mas também pela criatividade e pela capacidade de autogestão. O artesanato, por exemplo, tornou-se uma expressão significativa dessa economia simbólica e material, associando o fazer manual às tradições religiosas e culturais da região. Com o tempo, Juazeiro do Norte transformou-se em um polo urbano de referência para o interior nordestino, conjugando o sagrado e o profano, o econômico e o simbólico, e estabelecendo uma economia local profundamente enraizada na cultura do trabalho, da fé e da solidariedade comunitária.

A influência na produção artesanal em Juazeiro do Norte, amplia a produção para além da necessidade dos habitantes, mas aliado ao fluxo migratório religioso, pois, é um fator que influencia o desenvolvimento econômico da cidade. A matéria-prima era geralmente encontrada no próprio vilarejo ou proximidades (barro, couro, madeira, metal, palha) e deles eram produzidos objetos como potes, panelas, copos, cuias, peneiras, raladores, foices, enxadas, vestimentas, calçados, redes, cestos, vassouras, esteiras, dentre outros objetos necessários para atender às demandas cotidianas. Grangeiro; Bastos; (2019). Na segunda metade do século XX, o município passou por processos de modernização e urbanização, tornando-se um polo econômico regional. A implantação de indústrias de calçados e confecções, além da forte presença do setor terciário, diversificou sua economia. Atualmente, Juazeiro do Norte é parte fundamental do chamado triângulo Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), que se destaca como uma das regiões mais dinâmicas do interior nordestino.

O setor de serviços, associado ao comércio varejista e atacadista, constitui a base econômica da cidade, sustentado pelo fluxo constante de romarias e pela centralidade regional de Juazeiro no atendimento em saúde, educação superior e serviços bancários. O turismo religioso continua a ser um dos motores do desenvolvimento local, não apenas movimentando a economia durante as grandes romarias, mas também mantendo viva uma rede de pequenos

negócios familiares ligados à venda de produtos artesanais e religiosos. Rosendahl (2002) contribui ao enfatizar que as práticas culturais não são apenas expressões materiais, mas processos simbólicos que se espacializam e se enraízam em territórios carregados de significados. Ao tratar o espaço como paisagem cultural e vivida, a autora evidencia que tais práticas estão impregnadas de memórias, identidades e afetos. Assim, no caso das artesãs da Associação, o fazer manual com a palha de milho é também um ato de reafirmação cultural, preservação de saberes e fortalecimento de laços comunitários, onde o território se revela simultaneamente como espaço de produção, de significação simbólica e de memória coletiva.

É notório tal processo, principalmente nos períodos dos ciclos das romarias, onde também tem a sua importância na economia juazeirense, o espaço urbano precisa sofrer intervenções por parte dos agentes sociais ligados ao poder público local. Desse modo, os períodos de romarias em Juazeiro, vivenciam intenso fluxo de pessoas, o que exige do poder público a implementação de diversas intervenções urbanas voltadas para a mobilidade, a infraestrutura e o ordenamento do espaço. Essas ações incluem a organização do trânsito e do transporte coletivo, a criação de áreas exclusivas para pedestres, a disponibilização de banheiros públicos e pontos de apoio, além da melhoria na coleta de lixo, iluminação e calçamento das áreas de maior circulação.

Paralelamente, o ordenamento do comércio ambulante e a criação de espaços adequados para feiras de artesanato e artigos religiosos contribuem para a valorização da produção local e para a redução de conflitos de uso do espaço público. Tais medidas possuem relação direta com a economia da cidade, uma vez que o turismo religioso constitui um dos principais motores econômicos de Juazeiro do Norte.

Há uma quantidade imensa de pessoas que visitam a cidade, pessoas que são devotas e que buscam entender a espiritualidade que é existente na cidade e sobretudo são atraídos pelo ritual das festividades sagradas. As principais localizações devocionais, em sua maioria, estão situadas em Juazeiro do Norte, nas proximidades da Rua São José (onde se localiza um vasto comércio religioso e o casarão do Padre Cícero), da praça do Socorro (encontra-se a Igreja do Socorro, local onde está sepultado o Padre Cícero, e o Memorial do Padre Cícero, no qual é possível observar algumas relíquias) e do Horto. Oliveira (2019).

A capela erguida em honra a Nossa Senhora das Dores na Vila Tabuleiro Grande, atual Juazeiro do Norte, cresceu e tornou-se paróquia, a primeira do município. Corria o ano de 1917 quando o primeiro bispo de Crato, Dom Quintino Rodrigues, desmembrou parte do território de Crato, de Barbalha, de Missão Velha e de Caririaçu foi para formar a nova comunidade paroquial, que em 2025 completa 115 anos. Segundo Xavier (1969), a Capela de Nossa Senhora

das Dores, erguida na antiga Fazenda “Tabuleiro Grande”, constitui o marco fundacional do que viria a ser a cidade de Juazeiro do Norte. A autora relata que a imagem de Nossa Senhora das Dores foi trazida de Portugal e venerada desde o início, e que em torno da capela se formaram as primeiras casas de taipa e ruas (“Rua Grande” e “Rua do Brejo”), configurando o embrião urbano local.

Ao assumir como vigário em 1872, Padre Cícero Romão Batista promoveu reformas e ampliações no templo, fortalecendo a devoção comunitária e contribuindo para o rápido crescimento demográfico e social do povoado. A referida capela representa não apenas um simples local de culto, mas o “coração original” da comunidade e o ponto de partida histórico-espiritual de Juazeiro do Norte.

Figura 3: Basílica de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Diocese de Crato (2014)

Na (figura 3) mostra a localização da basílica, que está bastante ligada ao comércio local, e a enorme circulação das romarias. (Oliveira, 2019 p. 45) afirma que “o despontar econômico e a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte estão completamente atrelados ao crescimento das romarias que dinamizou o comércio e impulsionou a instalação de diferentes equipamentos no processo de produção histórica da cidade.” A cidade é repleta de festejos religiosos, como as romarias, e é nelas que o artesanato se propaga. Muitos romeiros vêm para admirar o artesanato e suas diversidades que são admiradas e valorizadas. De acordo com Alece (2024) Romarias que acontecem em Juazeiro, são divididas em dez durante todos os anos. De acordo com a lei N.º 16.927 Art. 1.º Ficam incluídas, no Calendário Oficial de Eventos do

Estado do Ceará, as datas de Romarias de Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará, abaixo elencadas, considerando a Lei Estadual n.º 15.549, de 11 de março de 2014, que denomina o Município de Capital Cearense das Romarias:

Quadro 2 - As Romarias em Juazeiro do Norte CE

I – 17 de janeiro	Celebração em memória da morte da Beata Maria de Araújo;
II – 18 a 20 de janeiro	Romaria de São Sebastião;
III – 29 de janeiro a 2 de fevereiro	Romaria de Nossa Senhora das Candeias;
IV – 24 de março:	Semana do nascimento do Padre Cícero, nomenclatura dada pela Lei n.º 14.910, de 25, de abril de 2011;
V – 20 de julho:	Romaria em memória da morte do Padre Cícero;
VI – 10 a 15 de setembro	Romaria de Nossa Senhora das Dores;
VII – 24 de setembro a 5 de outubro	Romaria de São Francisco;
VIII – 29 de outubro a 2 de Novembro	Romaria de Finados
IX – 30 de novembro	Ordenação do Padre Cícero
X – 23 de dezembro a 6 de janeiro	Romaria do Ciclo Natalino.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025)

Os romeiros, em suas passagens por Juazeiro do Norte, não apenas cumprem seus votos religiosos, mas também se encantam com a estrutura histórica da cidade, que expressa a profundidade da fé e da memória coletiva do povo juazeirense. Nas (figuras 4) mostra a Capela do Socorro, local onde se encontra o túmulo de Padre Cícero, constitui um dos principais pontos de peregrinação, pois, como destaca Walker (2008), “o Socorro tornou-se um território simbólico, onde o romeiro sente que o Padrinho ainda o acolhe e o abençoa”. A construção da capela remonta aos primeiros anos da formação da cidade e guarda elementos da devoção popular, sendo também um espaço de conservação das relíquias relacionadas à trajetória do sacerdote. (Figura 4) Já o Memorial Padre Cícero, inaugurado em 1996 no Horto, representa uma síntese da vida e das obras do Padim, reunindo documentos, objetos pessoais, fotografias e peças que compõem um acervo fundamental para compreender a história da cidade e o processo de construção da figura sagrada do Padre Cícero. Os espaços como o Memorial

evidenciam justamente essa interdependência entre fé, política e cultura. Tanto a Capela do Socorro quanto o Memorial se tornam lugares de memória, onde o romeiro vivencia não apenas a religiosidade, mas também aprende sobre a formação histórica da cidade, suas lutas e seus processos de sacralização, reforçando a continuidade da peregrinação e da tradição popular.

Desse modo, nos arredores desses espaços históricos há o trabalho artesanal, e sobretudo o feminino, fortalecendo ainda mais a presença dos territórios simbólicos existente na cidade de Juazeiro do Norte, (Almeida, 2005, p. 112) afirma que o território também é constituído por relações de pertencimento. A mulher que vive no meio artesanal, possui uma relação afetiva com o seu território e o seu saber, pois é geracional, nessa continuidade os sujeitos produzem identidades sociais e culturais. Destarte, o território é “[...] o resultado da valorização e da apropriação do espaço, contendo uma valorização simbólica, identitária e existencial [...]”.

Figura 4: Figuras A e B Igreja do Socorro/ Memorial Padre Cicero



Fonte: Prefeitura de Juazeiro do Norte (2022)

Na (figura 5) o Horto é, sem dúvida, um dos espaços mais emblemáticos da religiosidade juazeirense e da construção da memória social em torno do Padre Cícero. Situado no alto da

colina que domina a paisagem da cidade, o local converte-se em uma verdadeira “montanha sagrada”, como descreve Walker (2008), pois ali oromeiro experimenta uma sensação de recolhimento, penitência e contemplação, elementos centrais das práticas de fé que marcam as romarias. A presença da estátua monumental de Padre Cícero, inaugurada em 1969, fortalece ainda mais esse simbolismo. Do alto dos seus 27 metros, ela parece “velar permanentemente sobre o povoado que ajudou a nascer”, como afirma Walker, tornando-se um marco visual e afetivo para moradores e peregrinos. Além disso, o Horto abriga o Museu Vivo do Padre Cícero, as estações da Via-Sacra, mirantes e espaços de oração que reconstroem a trajetória do sacerdote e convidam o visitante a compreender sua dimensão espiritual e política.

Figura 5: Horto



Fonte: Nordeste hoje (2024)

O desenvolvimento de Juazeiro do Norte não pode ser compreendido de forma dissociada da sua história cultural e religiosa. A força da fé popular constituiu a base para a formação de um território dinâmico, onde práticas culturais como o artesanato feminino, especialmente ligado às associações comunitárias, desempenham papel fundamental na geração de renda e na preservação da memória coletiva da cidade. Xavier (2001) enfatiza que o processo de formação de Juazeiro está profundamente ligado ao cotidiano popular e às práticas que se consolidaram em torno do Padre Cícero. Nesse sentido, o artesanato feminino não apenas complementa a experiência religiosa, mas também evidencia a agência das mulheres dentro desse universo. A produção com palha de milho, praticada pelas artesãs, é um exemplo expressivo dessa materialidade da fé: muitas peças são inspiradas nas figuras sagradas, nos

cenários da cidade e nas próprias romarias, revelando como o imaginário religioso atravessa o fazer manual. Na próxima seção trataremos a conceituação e registros sobre a formação da Associação de Artesanato Mãe das Dores.

3.2 Onde tudo começou: A origem do artesanato

O artesanato tem sua origem associada as primeiras formas de organização social humana, quando a produção de objetos estava diretamente vinculada as necessidades cotidianas de sobrevivência, como alimentação, vestuários, abrigo e armazenamento. Antes do período da industrialização, o fazer artesanal representava principalmente a forma de produção material, fundamentada no uso de matérias-primas naturais que eram disponíveis no território e no domínio de técnicas desenvolvidas a partir da experiência prática e da observação do ambiente.

Corroborando o pensamento, Grangeiro (2019) afirma que toda produção humana anterior ao surgimento das máquinas, é artesanal. E através desses registros de artefatos elaborados manualmente em todos os períodos históricos da humanidade. Objetos utilitários e ferramentas de trabalho eram produzidos manualmente, mesmo com toda a prática, a palavra artesanato teve origem depois da realização da atividade. Martins (1973) foi a partir do século XV que o regime de trabalho que reúne as diferentes técnicas manuais de produção ganhou nome.

O Artesanato tem sua origem relacionada a história da humanidade. Mais precisamente durante o período (6000 a.C), quando os primeiros objetos artesanais começaram a surgir através do homem que, diante das necessidades cotidianas, começou então a dar formas as matérias-primas, fabricando cerâmica, como também tecendo fibras de origem animal e vegetal, polindo pedra, entre outros fazeres.

O processo manual de fabricação, historicamente prosperou na Europa durante os séculos X, XI e XII, os mestres se reuniam ao redor dos castelos, trocavam artigos de produção por produtos agrícolas, e através desses acontecimentos o sistema familiar de produção manual se desenvolveu. Tanto pela sua importância comercial, como econômica, política e social, as antigas corporações renasceram e marcaram épocas. Entre os séculos XII e XV nasce a instituição do artesanato regulamentada pelas corporações do seu ofício. Os artesãos daquela época se organizavam em corporações pois facilitava e as demandas da burguesia por artigos de luxo, já que os feudos e mosteiros não tinham a capacidade de dar conta de novas demandas. Pereira (1979).

Ampliando o entendimento, Saviani (1998) descreve que o artesanato teve organização em diferentes sistemas ao longo do seu surgimento, de um sistema familiar na idade média para

organizações em sistema de corporações, o artesão deslocava-se para a cidade e produzia para um mercado pequeno e estável. Atrelando ao surgimento da atividade artesanal no Brasil, Saviani (1998) fala que há registros de várias corporações de ofício em Portugal e no Brasil, o perfil do comércio em Portugal, usando uma expansão maior de navegações para o comércio em outros mares, dificultou o desenvolvimento das corporações.

No Brasil, essas corporações foram oficialmente extintas em 1824, pela constituição imperial outorgada por Dom Pedro I, apesar de pouca leitura das mesmas. Fonseca (1986) atribuindo ao pensamento, Novais (1989) descreve que o baixo nível de organização dos artesãos foi constatado após a fiscalização do decreto imperial, quando apenas 13 teares de tecidos foram apreendidos. Os invasores tinham um duplo interesse com essa atitude, o primeiro ponto era impedir que os trabalhadores se organizassem e ganhassem força, segundo era impor a exportação de produtos que eram proibidos de produzir por conta própria, para barrar o conhecimento dos trabalhadores.

Antes de desembocar em um forte desenvolvimento industrial, o continente europeu vivenciou séculos de produção artesanal e produção manufatureira, e muitos desses ganhos explorando o Brasil, tanto que a atividade artesanal e manufatureira no Brasil é bem diferente, isso explica o processo histórico industrial caótico ao qual experimentamos. Como afirma Bo Bardi (1994) não existe artesanato no Brasil, mas respostas do popular e às necessidades cotidianas. Por ser uma produção eminentemente popular e ser comercializado em lugares ditos populares, como feiras, fazem com que o artesanato seja visto a partir de uma perspectiva preconceituosa, principalmente quando comparado ao objeto artístico.

O artesanato no Brasil e o início de sua história está intrinsecamente ligada a história da construção do território brasileiro, se deu a partir da miscigenação de povos e a estratégias mercantis de ocupação. O Brasil foi a colônia de exploração, pois, Portugal ao não encontrar jazidas, ouros e minérios no território brasileiro, transformou a produção de açúcar e o tráfico negreiro como umas das principais fontes de exploração e riquezas. A constituição da formação do povo brasileiro, se deu portugueses, indígenas, negros e suas miscigenações, foram responsáveis pela formação do conhecimento próprio sobre a produção material, seja através de escolas de artes, manufaturas e os jesuítas em seus ofícios, a produção artesanal indígena é outro ponto fortíssimo, que antes dos portugueses invadirem já era existente, e as habilidades das pessoas negras escravizadas, com todas essas questões se deu a construção do país.

A dominação do Brasil, e sobretudo dos artesãos tiveram sua primeira ascensão. Vieram das capitanias, tinham a responsabilidades de construir esse “novo” território, a produção de artefatos e outros serviços eram atribuídos ao dia-a-dia. Pereira (1979) afirma que em 1549,

desembarcaram muitas pessoas, o primeiro de todos foi o Governador geral, logo depois um aglomerado de oficiais, mecânicos (carpinteiros, ferreiros, calafates, telheiros, caieiros, encanador, e entre outros) pela Fazenda Real para implementar Salvador, a ser a capital do Brasil. Com toda esse emaranhado de situações, os jesuítas se estabelecem no Brasil com intuito de catequizar os indígenas que já habitavam, foi estratégico, pois na questão da produção e na circulação de mercadorias na época, muitos dos fomentos eram estratégicos para financiar toda a produção.

O conhecimento do inicial do artesanato no Brasil, vem dos povos indígenas. Os portugueses desconsideraram os indígenas e os classificaram de pessoas não civilizadas e precárias, anulando todo o conhecimento nascido por eles, a terra já era habitada, o conhecimento também já existia. Eles também trouxeram a cultura da doutrinação cristã, pois o foco maior era tornar essas pessoas “civilizadas” para serem produtivas na formação da colônia. Leite (1953) afirma que os trabalhos dos indígenas “civilizados” eram sem dúvidas totalmente diferente dos indígenas primitivo, para o português era dito como “trabalho de brasileiro”.

Antes mesmo da invasão, os registros e ofícios das manufaturas eram acerca das técnicas que os indígenas já tinham conhecimento, pois eles que trouxeram, Leite (1953) registra que a técnica com a cerâmica já era praticada antes mesmo da invasão no Brasil, mas nesse período desconsideraram a existência da prática que era adotada por eles, por consequência das olarias que foram trazidas pelos portugueses. A produção das olarias era voltada para a construção civil com a fabricação de telhas, tijolos e ladrilhos, objetos que não faziam parte do contexto social indígena.

A cerâmica indígena brasileira na história dos povos primitivos, teve suas características pela produção de artefatos para fins utilitários e ritualísticos. Eram feitas panelas, tigelas, mingos, esculturas Dalglish (2006), corroborando o pensamento, Willey (1986) afirma que a cerâmica indígena brasileira atingiu apenas o estágio de cerâmica tosca ou simples, ou seja, sem decoração e pouco elaborada, mas com bastante simbolismo. Nas afirmações de Will (2014) todas as técnicas, representações simbólicas e objetos produzidos eram variados de acordo com cada etnia, não há uma determinada unidade entre os indígenas brasileiros, portanto, é reducionista falar na produção artesanal indígena brasileira sem considerar as variedades de diferenças culturais, a própria dimensão territorial, os recursos naturais, a história de genocídio e aculturação das quais foram e são vítimas. O processo de aculturação contra os povos indígenas iniciada pelos portugueses, não atingiram e nem influenciaram na produção artesanal, os objetos que compõem o cotidiano dos brasileiros, são símbolos que resistem e persistem contra a exploração a esses povos que foram os primeiros a fazerem cultura.

No período da invasão, as artes e ofícios tratam o negro como uma ferramenta, desprovido de história, cultura ou habilidades prévias. Nas escritas de Lacombe (1988) Após a abolição da escravatura em 1888, 14 de dezembro de 1890, Ruy Barbosa determinou queimar todos os documentos, papéis, livros de matrículas, qualquer documento ligado a escravidão. A decisão foi justificada por "honra da Pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento civil entraram na comunhão brasileira" (Lacombe, 1988, p. 114). Mas tudo foi uma farsa, as queimas dos arquivos era justamente para apagar a dívida com as pessoas escravizadas, que por décadas sofreram sem sua liberdade, o silenciamento e a impossibilidades de as pessoas escravizadas não conhecerem seu passado em contato institucional. Coube para os filhos da elite a elaboração de uma narrativa oficial da escravidão, afirmação essa que até nos dias de hoje, escritos nos livros tem a sua romantização.

Corroborando o pensamento, Anjos (2011) fala que a diáspora africana é a migração forçada, e por consequência o afastamento dos povos das suas matrizes culturais e tecnológicas. A organização artística e as técnicas das terras de origem, são identificadas diversos aspectos pela cultura material e que vieram ao Brasil pelas pessoas escravizadas. A bacia do congo é uma delas, possuía cerâmica desenvolvida pela produção de vasos e esculturas, também dominaram o traçado com palha na produção de cestarias, além das armas para as atividades do cotidiano como armas para pesca e caça Ramos (1956).

O silenciamento das pessoas negras a produzir e criar, trouxe um a precariedade no desenvolvimento transcultural, pois infelizmente recebiam influencias de outras culturas, comunidades, formando identidades abertas e produzidas pela comunicação. Munanga (1995). Mas resistem suas tradições, mesmo tirando deles, atualmente, o antigo quilombo é reconhecido como patrimônio cultural imaterial brasileiro, como um território da resistência negra e que mantém preservadas suas tradições e tecnologias desenvolvidas durante todo o período de invasão Anjos (2013). Mesmo com reconhecimento oficial dos quilombos como patrimônio histórico e cultural, esse avanço ainda é pouco diante das necessidades de conhecimento e reconhecimento de forma ampla e afetiva, a participação ativa da população negra na construção do país. Reconhecer essa participação implica também quitar uma dívida histórica e simbólica relacionadas as narrativas construídas sobre a população negra, frequentemente marcada pela invisibilização, estigmatização ou redução de suas contribuições a condição de subalternidade. Revisar a história oficial, questionar as representações hegemônicas e promover o reconhecimento das experiencias, saberes e práticas negras como constitutivas do território e da identidade nacional.

A origem do artesanato no Cariri cearense, se dá pelas atividades dos seus primeiros habitantes, os indígenas Kariri, Ferrer (2007) afirma que a principal dificuldade de se elaborar uma história real dos primeiros habitantes da região do cariri, é pela ausência de escritura confiáveis e reais, já que toda a trajetória e os documentos foram escritos pelos portugueses, que faziam leituras dos indígenas a partir do ponto de vista etnocêntrico. Nessa perspectiva o indígena era retratado de forma hostil e bastante pejorativa.

Mesmo com a dificuldade de transmitir os reais hábitos do povo Kariri, as produções artesanais criadas por eles nas atividades cotidianas, para armazenar alimentos e bebidas eram produzidas cabaças, cuias e colités. A produção de alimentos era produzida pratos e panelas de cerâmica para o cozimento, e para utensílios domésticos o pilão, esteiras de palha de palmeira e de seus alimentos. A formação do trabalho e da vivência artesanal em Juazeiro veio de sua formação, mas com os saberes por gerações, e sobretudo indígenas. Para Rabello (1967) o povoado de Juazeiro teve seu crescimento pelas orientações do Padre Cicero, ele mobilizava os juazeirense a fazerem de cada casa um altar e uma oficina. Essa ação unia do trabalho e fé, foi um pilar do desenvolvimento econômico, político e social da região e de Juazeiro. As estiagens que aconteciam periodicamente foi um problema para que a população focasse no trabalho rural, até por que não poderiam depender, precisavam ir para outras formas de sobrevivência. Outra questão, era a distância entre Juazeiro e os outros centros urbanos, era uma imposição dos habitantes do lugarejo, procurando outras atividades econômicas e uma delas é o trabalho artesanal.

Desse modo, os produtos artesanais criaram força e corpo, para Facó (1980) o artesanato foi e é o principal produto comercializado por Juazeiro, a sua produção tornou-se muito intensa, que certos tipos de artesanato eram expostos na rua. “Houve um tempo em que os ourives tomavam conta de uma rua inteira. Os sapateiros e os seleiros igualmente se encontravam em todas as ruas” (Rabello, 1967 p. 73). Na época essa intensa produção artesanal em Juazeiro teve como nome Cidade-Oficina. Os conselhos de Padre Cícero se justificam no contexto histórico em que foram proferidos, pois a origem do povoado foi marcada por alcoolismo, violência e prostituição Neto (2009) e o binômio trabalho e oração foram ferramentas utilizadas pelo Padre para modificar esta realidade social. Nessa época foi denominado o período do ouro do artesanato em Juazeiro do Norte, Rabello (1867) afirma que a comercialização das peças artesanais era a maior influência da economia da cidade. Com a passar do tempo isso foi modificando, o setor artesanal foi perdendo sua centralidade na vida da cidade, e em meados de 2000 a atividade não aparece no cálculo PIB municipal pela baixa participação.

Pesquisas realizadas pelo Banco do Nordeste (BNB) em 1958 e Serviço Social da

Industria (SESI/CNI) EM 1962 já apontavam fatores impactantes na diminuição da atividade artesanal na cidade. A industrialização da produção artesanal, como os próprios objetos típicos de Juazeiro estavam modificando e retirando seus traços culturais, reduzindo o consumo de artigos como louças de barro, selaria e traçado. Era substituído as panelas de barro por panelas de alumínio, bem como do uso de calçados de couro por calçados de borracha.

A atividade artesanal do cariri teve uma marcante derrocada econômica na história da região, e tudo isso aconteceu na década de 1990. Naquele tempo, o estado do Ceará estava passando por uma implementação de políticas governamentais para a atração de indústrias, que tinha concessão de incentivos fiscais, financeiros e de infraestrutura, além de mão de obra de baixo valor econômico, para cidades do interior do estado Rocha (2004). A produção artesanal teve uma perda de mercado interno, passando de um comércio de produtos industrializados ter mais peso que o próprio desenvolvimento da localidade.

A substituição desses produtos artesanais por produtos industriais apresentou inúmeras transformações pelas quais a região do cariri passou nas últimas décadas, assim a decorrência de perda de valores e tradições, das técnicas e da própria cultura teve como consequência da diminuição. Outras afirmações, é sobre a falta de matéria-prima na natureza e no ambiente que o artesão vive, além da sua idade que influenciava bastante a ida ao local da colheita, e em alguns casos o acesso a matéria-prima deixou de existir e foi substituído por trabalhos mecânicos, como no exemplo da palha, que hoje o produtor substitui o humano pelo robô, e também a questão de o proprietário liberar a colheita da matéria-prima.

Nesse contexto, quando descobriram que palha de milho tinha sua utilidade artística, começaram a cobrar por elas, assim uma crise para o artesanato começa, a falta do plantio, as dificuldades de estiagens. Mas também era visto como liberdade e tempo para dedicação ao processo criativo e produtivo, o artesão se prepara para a produção unicamente. O processo de produção também é outro fator importante nos problemas desse período, a carência de incentivos governamentais e a baixa mobilização coletiva dos artesãos, ocasionou a produção em seu próprio domicílio, tem um forte problema na realidade das artesãs. Grangeiro (2015) aponta que esta parece ser uma realidade comum em Juazeiro do Norte, pois a produção artesanal ocorre majoritariamente em ambiente domiciliar (65,6%). Por outro lado, quando analisadas as diferenças entre homens e mulheres quanto ao local onde é realizada a atividade de trabalho artesanal, observou que 36,8% dos artesãos do sexo masculino trabalham em casa. Enquanto 77,8% das artesãs do sexo feminino realizam a atividade de trabalho no próprio domicílio.

Apesar da atividade artesanal da região passar por vários processos de fragilização ao

longo do tempo, Juazeiro do Norte continua sendo o maior polo de artesanato cearense em quantidade e diversidade, trazendo uma forte representatividade para a cultura popular do estado do Ceará e do Brasil. A preservação da arte e do artesanato, pela quantidade e diversidade artesanal produzida, acolhendo os tipos mais característicos que existe, exemplos como xilogravura, santeiros, pintores, tecedores, utilizando as matérias-primas, couro, palha, madeira, barro, tecido. E suas peças são expostas em museus.

4 GÊNERO E TERRITÓRIO NA PRODUÇÃO ARTESANAL: A ASSOCIAÇÃO DE ARTESANATO MÃE DAS DORES

4.1 A presença da mulher na ciência geográfica

Por muito tempo a mulher foi excluída da ciência geográfica, seja como detentora do conhecimento, ou como sujeito da própria análise. Refletir sobre as mulheres e seus problemas, experiências de vida e cotidianas não era foco da Geografia, ciência essa considerada como objetiva e neutra. Na década de 60, com as modificações políticas e sociais mais ampla, e com os movimentos feministas, a ação das mulheres no espaço, e as extremas desigualdades de gênero começaram a chamar a atenção de geógrafas e geógrafos.

Reconhecer a importância dos estudos de gênero nas pesquisas, e sobretudo por mulheres, enriquece o desejo e o anseio do surgimento de outras pesquisas nesse segmento. Silva (2003) reforça na observação da produção da teoria geográfica e questiona a quem serve esta produção ou quem tem se beneficiado com o avanço da ciência, percebe-se que ela é, hegemonicamente, uma ciência masculina. A produção do conhecimento geográfico está ligada ao androcentrismo, e justifica a relativa dificuldade na inserção de uma análise do espaço que seja atrelada a perspectivas femininas.

Na produção da perspectiva feminina como abordagem do espaço, é exigido um olhar específico pro cotidiano, e os grupos que são marginalizados do poder. (Silva 2003, p. 33) “Durante muito tempo a abordagem do espaço na geografia esteve centrada nos estudos dos espaços político - institucionais, nos processos de produção e acumulação da riqueza e na concepção de cultura como uma instância supra orgânica.” Com o surgimento da nova geografia cultural abre espaço para a complexidade do espaço, entendendo os múltiplos processos que são diferentes e simultâneos no espaço, e definitivamente, argumentando as noções de progresso, desenvolvimento e evolução.

Durante muito tempo o espaço foi tratado como neutro e universal, desconsiderando as diferenças sociais, culturais e de gênero que atravessam a sua produção. Essa ausência feminina na Geografia não corresponde a inexistência de participação das mulheres, mas sim um

apagamento histórico de suas contribuições e experiências que são relevantes na ciência geográfica.

De acordo com Francisco (2011), os primeiros estudos que incorporaram a perspectiva de gênero na Geografia demonstraram suas origens políticas e evidenciaram questões relacionadas à desigualdade do status da mulher na sociedade e na ciência geográfica. Esses trabalhos buscavam dar visibilidade à mulher, a seus trabalhos, experiências e papéis, de modo a documentá-la em toda a sua diversidade. Nesse sentido, segundo explicações de Monk e Ramon (1987), os primeiros estudos feministas na Geografia foram marcados por duas temáticas: a crítica da Geografia que supunha a experiência masculina como equivalente à experiência humana; e a descrição empírica da Geografia das mulheres, cuja finalidade consistia em demonstrar como ela se diferenciava da dos homens. O marco teórico possibilitou compreender as desigualdades que ocorria entre homens e mulheres, e assim a relevância dos estudos da Geografia Feminista:

As geografias feministas tem como fortalecimento a reafirmação, pois é centrado em explicações que tomam em consideração os fundamentos ideológicos das distinções de gênero nas sociedades patriarcais e as bases econômicas que se inter-relacionam com elas, e tem identificado o capitalismo como uma causa fundamental das desigualdades padecidas pelas mulheres (Monk; Hanson 1989, p. 35).

A partir desse marco, geógrafas e geógrafos do mundo passaram a desenvolver teorias e procedimentos metodológicos que enaltescessem os estudos de gêneros, possibilitando conhecimentos científicos sob a construção do espaço geográfico por mulheres e homens. Os movimentos ampliaram em várias camadas, a inserção da mulher no cotidiano, possibilitou a sua formalidade na ciência geográfica.

Para contextualizar a inserção das mulheres na ciência geográfica brasileira, é necessário falar dos processos educacionais e de trabalhos que naquela época era adotado. (Tupy, 2002 p.120) contextualiza que:

O crescimento da economia, o incipiente desenvolvimento da industrialização e a urbanização seriam responsabilizados, nas décadas seguintes, pelas mudanças nas relações entre homens e mulheres. Rompendo o quadro ideológicos da família patriarcal, essas transformações desencadearam um processo que implicaria em reconhecer na mulher brasileira uma ativa colaboradora econômica de seu núcleo familiar. Quer seja no campo ou na cidade, exercendo atividades marginais ao processo produtivo, preenchendo os quadros da prestação de serviços exigidos pela urbanização, empregando seu conhecimento de técnicas domésticas na industrialização incipiente, realizando uma dupla jornada de trabalho, os recenseamentos apontam para uma maior participação feminina (Tupy, 2002 p.120).

Corroborando o pensamento, Corrêa (2014) fala que na sociedade daquela época havia uma oposição muito forte nas reivindicações femininas, dificultando assim os anseios se concretizarem de imediato. Trazendo pra ciência, as mulheres tinham a imagem de frágeis e

menos inteligentes, afirmando a ideia do patriarcal de domínio por elas, e assim não serviam para exercer atividades públicas. A maioria delas trabalhavam em fabricas, e constantemente se deparavam com os valores tradicionais da família que nesse sentido espera um comportamento feminino exemplar. A autora também afirma que [...] “o espaço e o modelo ideal de sociabilidade era em cumprir seu papel de “Bela, recatada e do lar” assim, favorecendo a dedicação doméstica, sustentada pelo marido e preservada da rua” [...] (Corrêa 2014, p. 5).

Na medida que avança a industrialização e as incorporações de força do trabalho masculino, as mulheres vão sendo expulsas das fabricas que trabalham. As barreiras começam a se intensificar mais ainda, no mundo dos negócios elas enfrentam muitos problemas, independente da classe social que pertence. A variação salarial, a falta de respeito que gera a importunação física, a desqualificação do seu potencial principalmente no intelectual, gerando assédio sexual em inúmeros casos Rago (2013). A mesma autora completa, os obstáculos que essas mulheres viviam em ingressar nos campos que eram denominados masculinos, intensificava bastante pelo processo de limitação, começava pela própria hostilidade que o trabalho fora do lar não é pertencente a elas, e isso já era enraizado na mente das filhas, seus pais já desejavam que elas encontrassem “um bom partido” para casar e assegurar seu futuro, pois se fosse o contrário não teria êxito na vida, batia totalmente de frente desmotivando a vida em suas sonhadas profissões. Rago (2013)

No campo educacional, e no ponto de vista da época o discurso sobre a importância na modernização do país era recorrente a mais escolas para os meninos e algumas para as meninas, escolas fundadas por congregações e ordens religiosas masculinas e femininas, os professores tinha tarefas distintas. Ler, escrever e contar era responsabilidade dos professores homens, as quatro operações e os saberes cristã eram para ambos os sexos, já a responsabilidades das professoras eram bordados e costura Louro (2013). Seguindo a lógica do patriarcado, educar meninas abriria as suas mentes para a revolução, e era exatamente isso que eles não queriam. Corroborando o pensamento Corrêa (2014) fala que progredir com os estudos seria um significado importantíssimo para ir contra o padrão que sempre foi colocado, mas que a permanencia de enfrentar contradições e preconceitos em seu círculo social estaria presente. Os movimentos feministas afirmam que a educação foi fundamental na emancipação das mulheres, acreditavam no alcance de outros postos de trabalhos e também a mesma remuneração dos homens, o objetivo no caminho educacional adentra ao ensino superior, a ciência como o todo e assim criando políticas que rompessem com obstáculos.

O movimento feminista trouxe um momento ensurdecido para a sociedade naquela época, contestando uma mobilização social de diversos grupos caracterizados por opressão e

marginalização. A intenção era superar a construção social androcêntrica que era fortemente naquela época. Os movimentos feministas tinham como objetivo central a transformação da situação da mulher na sociedade, de forma a sobrepujar as desigualdades presentes nas relações entre os sexos. A discriminação de questões diretamente ligada às mulheres envolveu tanto críticas à ação do Estado, quanto à medida que a democratização avançava, a formulação de propostas de políticas públicas que contemplassem a questão de gênero Farah (2004).

As mulheres vivenciaram tantas barreiras de acesso à educação, trabalho e reconhecimento histórico, que mesmo com o Decreto Imperial nº 7.247, de 19 de abril de 1879, também conhecido como a "Reforma do Ensino Primário e Secundário", não impediu que o machismo estrutural da sociedade continuasse oprimindo as mulheres que queriam estudar e realizarem seus objetivos, o preconceito ainda foi um mal muito presente na vida das jovens estudantes daquela época.

A Associação de Geógrafos Brasileiros – AGB, órgão de extrema importância para o desenvolvimento da ciência geográfica, teve iniciativa do professor francês Pierre Deffontaines, juntamente com os professores Rubens Borba de Moraes, Caio Prado Júnior e Luís Flores de Moraes Rego. Foi fundada em 17 de setembro de 1934. Para (Andrade, 2006, p. 146) as contribuições da AGB para a formação da ciência geográfica são:

A grande contribuição da AGB ao desenvolvimento da Geografia brasileira, no período em estudo, decorre do fato de que ela reunia geógrafos de pontos diversos do País para debaterem temas e questões e realizar, em conjunto trabalhos de pesquisa de campo; divulgava os métodos e técnicas e também os princípios dominantes nos centros mais adiantados. Ela difundiu métodos de trabalho numa época em que havia cursos de pós-graduação em Geografia, contribuindo para consolidar a formação de geógrafos mais novos ou menos experientes. Realizando reuniões em pontos diversos do território nacional e fazendo pesquisas, a AGB deu ensejo que se conhecessem melhor estas áreas e os seus problemas. (Andrade, 2006, p. 146)

Contribuindo na contextualização, Corrêa (2014) diz que a organização da entidade até o início dos anos 70 era caracterizada como uma associação de pesquisadores. Após a reunião de 1978 realizada em Fortaleza – CE, a AGB passou por uma renovação de sua perspectiva organizacional reformularam o estatuto que a tornou uma associação mais integrada as lutas pelos direitos humanos e fortalecendo os debates políticos e democráticos da sociedade. As mudanças nos periódicos científicos resistiram a tempos de repreensão, a organização de congressos fortalecendo as discussões, trazendo uma perseverança no debate da Geografia no Brasil.

Os primeiros anos de fundação não houveram mulheres em lideranças, apenas nas funções administrativas, como colaboradoras, mas depois de muita resistência em 1972, depois de quase quatro décadas uma mulher esteve no cargo. Nesse período de mais de 70 anos (1934-

2008) só foram 8 mulheres presidentes, enquanto que homens foram 34 e muitos deles repetiam o mandato Corrêa (2014). Nesse sentido, que mesmo com a presença das mulheres na ciência geográfica, ainda existe a falta e permanência dessa valorização histórica, que por muito tempo esteve apagada em todas as esferas, esse é o exemplo da AGB, que a décadas enaltece a ciência geográfica, mas que falta ainda mais a presença das geógrafas.

Desse modo, torna-se ainda mais difícil a construção sob a perspectiva geográfica feminina, pois a visão androcêntrica ainda permanece. Silva (2003), entretanto, esta é a busca de muitos pesquisadores que afirmam não haver uma forma específica para fazer geografia feminista, mas que o ponto central dos estudos geográficos através desta perspectiva é o argumento de que mulheres e homens têm se posicionado diferentemente no mundo e, sendo assim, suas relações com os lugares são diferentes também. Ainda, essas diferenças são resultadas de um conjunto de elementos, que fortalece a opressão das mulheres pelos homens, em tempos diferentes e lugares que lhes são acessadas. A construção social das visões de feminilidade e masculinidade ajudou a uma posição nos estudos geográficos, que busca compreender para além da objetividade científica, agregando as relações socioespaciais, os significados dos lugares e a expansão de múltiplas formas de ver o mundo geográfico.

O gênero constitui há uma categoria analítica fundamental que compreende a produção do espaço, na medida em que permite evidenciar as relações sociais, simbólicas e de poder que organizam o território. Rose (1993) fala que o conceito de gênero permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes âmbitos e hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas. Gênero é a afirmação e posições de ideias que uma cultura constrói do que é “ser mulher” e “ser homem” e tal conjunto é resultado de lutas sociais na vivência cotidiana. Nessa concepção McDowell (1999) desnaturaliza a diferença sexual e traz a compreensão que a sexualidade, as identidades e as práticas sociais são lidas pelas crenças, as ideologias que organizam os papéis sociais, sugando, portanto, uma história e uma geografia. Silva (2003) intensifica dizendo que as duas autoras têm uma posição crítica parecida, elas condenam o simplismo que envolve a análise de gênero e espaço, associa aos tradicionais eixos binários que dividem o espaço público do privado, e assim denominando respectivamente com homem e mulher.

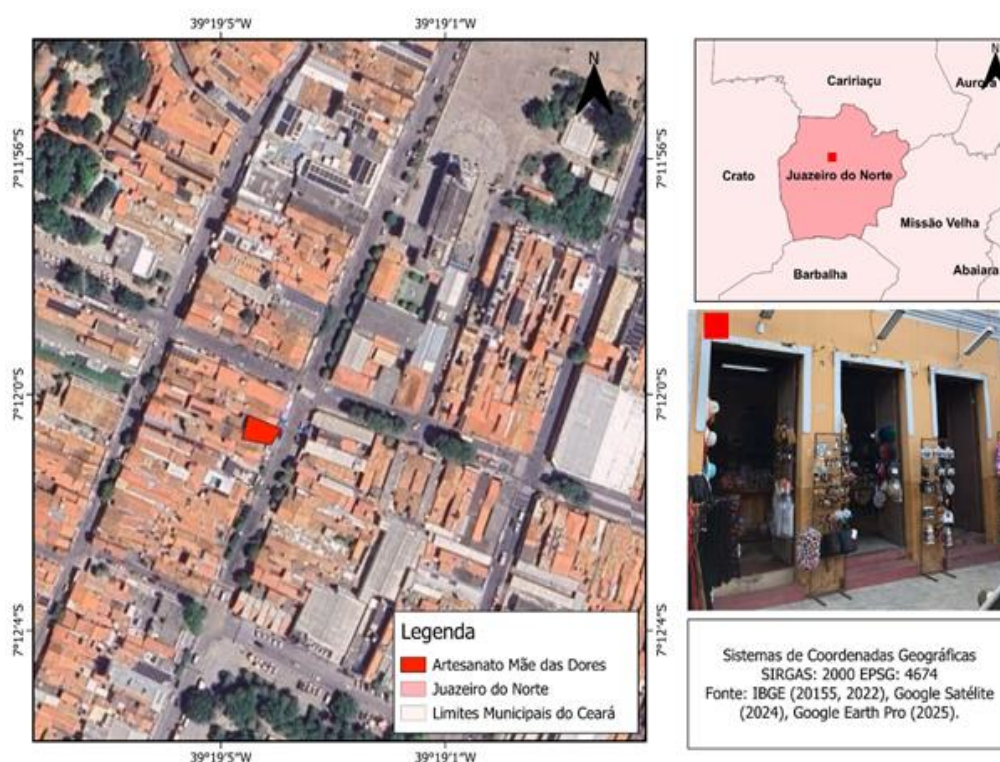
Nesse contexto, reconhecer a mulher como sujeito geográfico implica em compreender que as suas práticas, saberes e experiências participam ativamente nas produções sejam científicas, espaciais ou territoriais. Essa perspectiva rompe com leituras tradicionais que colocavam as mulheres em posições secundárias e desvalorizando sua historicidade, e valorizam os agentes que constroem e ressignificam os espaços. Apesar de tantas

potencialidades, ainda apontamos obstáculos a serem vencidos para que a perspectiva feminista na geografia brasileira tenha a sua devida importância. As dificuldades que atravessam a abordagem, é a ausência de temas que fortaleçam ainda mais o aparecimento dos estudos de gênero na universidade e nas escolas, então, mostra o quão necessita de lutas e resistências para que a visibilidade acadêmica esteja presente no cotidiano científico. Retirar essa fragilidade que são as discussões e ampliar fóruns, eventos de discussões femininas na ciência geográfica. O desenvolvimento da perspectiva feminina na geografia fortalece bastante os estudos da geografia cultural, trazendo novos focos de interesses científicos que ampliam e valoriza o campo teórico e metodológico.

4.2 A formação da Associação de Artesanato Mãe das Dores

A Associação é localizada no centro de Juazeiro do Norte na Avenida Padre Cícero, configura-se como um território socialmente construído, resultado das elações históricas e culturais que moldam a cidade e a região do Cariri cearense. Reconhecida como “Tesouro Vivo da Cultura”² pelo Governo do Estado do Ceará, a associação reúne saberes e práticas tradicionais no artesanato com palha de milho, carnaúba, madeira e outras fibras vegetais, constituindo um espaço de preservação cultural e geração de trabalho. Entretanto, sua importância transcende a dimensão econômica, pois revela as múltiplas formas de resistência e protagonismo das mulheres artesãs, que, em um contexto marcado pela divisão sexual do trabalho, transformam o espaço em território de identidade e produção cultural.

Mapa 2 – Localização da Associação Artesanato Mãe das Dores



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A Associação foi criada com o propósito de melhorar a qualidade de vida do grupo e de propor as artesãs da região um trabalho coletivo, fazendo com que se ajudassem mutuamente.

² Refere-se a mestres e mestras que detêm e transmitem saberes e fazeres tradicionais e populares, reconhecidos por meio de leis estaduais, como no Ceará, e políticas nacionais como a Cultura Viva. O objetivo é proteger, reconhecer e valorizar esses conhecimentos para garantir sua continuidade, sendo a iniciativa do Ceará pioneira no Brasil e baseada no reconhecimento do patrimônio imaterial.

Atuar coletivamente no acesso à matéria-prima, seja coletando a palha ou a comprando, as artesãs têm benefícios quando agem conjuntamente. Compartilham equipamentos necessários na confecção de alguns objetos e expõem suas peças na associação, e também fortalece as demandas de pedidos que veem de fora.

Os ensinamentos dos Trabalhos Manuais sempre esteve presente em Juazeiro do Norte, as primeiras escolas e educadoras naquela época fixava bastante o movimento educacional e artísticos para a juventude feminina. E que naquele tempo eram chamadas de “Mestras”. Pelas narrativas de (Xavier, 2001 p. 286) “Desde o seu início, funcionaram ali duas escolas municipais, uma delas regidas pela “Mestra” Senhora Donata Bezerra de Araujo que lecionava rudimentos de leitura, aritmética e trabalhos manuais.” Outras professoras que incentivava saberes manuais era a professora(mestra) Isabel Montezuma da Luz, naquela época era encarregada de uma escola particular de Juazeiro, a quem coube a responsabilidade de educar boa parte da juventude feminina da cidade. Complementando (Xavier, 2001 p. 289) afirma que:

Isabel da Luz era realmente uma destas mestras. Era fada, cuja a varinha de condão era representada pela carta de ABC, a tabuada, os 5 livros de Felisberto de Carvalho, para as mais adiantadas; um pedaço de algodãozinho de fio aberto, linha vermelha e a agulha para os trabalhos manuais e, finalmente, mandapolão (morim) para desfilar e fazer labirinto.

A forma como a autora descreve a importância dos ensinamentos educativos das professoras mestras daquela época, foram e são importante para toda a historicidade de Juazeiro. Xavier (2001) afirma que Isabel da Luz foi mais do que uma pioneira em Juazeiro, ela enriqueceu o movimento educacional e artístico da população juazeirense, e sempre fortalecendo o método espontâneo e transformador. [...] A moça terminava o seu curso, quando sabia ler corretamente, fazer as quatro “espécies” de conta (operações fundamentais), escrever bem um “translado”, bordar toalhas e redes com ponto-de-cruz, fazer labirinto cerzido e solfejar algumas músicas. Com estes conhecimentos já podia ser mestra. [...] (2001, p. 289 e 290)

Desse modo, A Associação de Artesanato Mãe das Dores, recorte espacial da pesquisa, foi fundada em 20 de julho de 1984, trazendo os seus primórdios de existência, com mais de 40 anos de história foi fundada, a ideia surgiu a partir da iniciativa de duas freiras Annette Dumoulin e Ana Teresa Guimarães que faziam parte da paróquia Nossa Senhora das Dores, e junto com a Mestra Tecla pioneira do saber com a palha. A missão era evangelizar o povoado em que viviam na colina do Horto. As fundadoras da Associação perceberam que muitas mulheres do bairro trabalhavam com artesanato feito a partir da palha, mas não recebiam orientação no que diz respeito a outras técnicas de trabalho ou quanto à comercialização do que produziam, o que as deixava à mercê de atravessadores. Desse modo, a Mestra Tecla trouxe a

intensificação do saber, e principalmente um coletivo para ampliar os ensinamentos.

Na (foto 9) mostra a Mestra Tecla Cosma da Conceição, ela que saiu de Pernambuco quando era criança ainda, seu pai que trabalhava com artesanato em Cipó, ensinou a ela, ela não era interessada em querer aprender, mas logo depois se apaixonou pela arte de tecer, sua mãe também trabalhava com o tecer com a palha de banana, seus pais eram artesãos. A sua primeira vez em Juazeiro do Norte foi em uma romaria, quando veio com seu pai e irmãos, gostaram bastante da cidade, quando voltaram pra Pernambuco organizaram-se para voltar pra Juazeiro e fixar residência na cidade. Tecla sempre foi uma moça muito dedicada, quando eles vieram residir em Juazeiro o primeiro bairro que moraram foi nos Franciscanos, em um quarto bem pequeno, pois as condições naquela época eram bem defasadas, mas resistiram a todo sacrifício. Logo depois, as coisas foram melhorando e Tecla se muda para a Ladeira do Horto, local que residi até hoje, ela trabalhava como dona de casa numa senhora bem rica da época. Passando o tempo, ela decidiu seguir os caminhos que seus pais exerceram por muito tempo, e percebi que o artesanato de trazer benefícios econômicos, ajudaria a reconhecer o saber fazer da população que precisava de renda para se manter.

Foto 9: Tecla Cosma da Conceição



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Fotos 10: A e B Entrada da Associação Artesanato Mãe das Dores



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Nas (fotos 10) está a entrada da Associação apresenta-se como um espaço simples e histórico, mas profundamente carregado de significados e de identidade cultural, fortalecendo o território das artesãs e as características juazeirenses. Ao aproximar do local, o turista ou romeiro é recebido com exposição de objetos, a sua fachada é bem modesta, portas escuras e com a estética bem antiga, revistada de tons claros de amarelo, sendo mais precisa, seguindo a paleta de cores, a arquitetura é antiga e histórica da cidade, nos arredores de sua localização os prédios já são modernos, é assim que a predominância histórica do lugar prevalece. Para Almeida (2005), esses territórios simbólicos emergem da relação íntima entre o cotidiano e a cultura, manifestando-se em lugares simples, mas carregados de densidade histórica e afetiva. Exatamente como ocorre na Associação, onde o fazer artesanal e a memória feminina encontram materialidade na paisagem. A autora fala que território tem valor para os sujeitos. Não apenas em relação a sua contribuição para sanar as necessidades econômicas, sociais e políticas, mas também como um portador de simbólico e cultural de homens e mulheres que ali vivem.

Fotos 11: Fotos C e D Recepção e cômodo abaixo da escada



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Nas (fotos 11) mostra a associação por dentro, a recepção, bem como um pequeno cômodo localizado em frente a escadaria, constitui espaços importantes, seja espaços com demandas burocráticas ou espaços repletos de simbolismo. Almeida (2005) afirma que os territórios simbólicos são construídos por meio das práticas cotidianas, das representações e das relações afetivas que os sujeitos estabelecem com determinados lugares. A recepção organizada com peças expostas, materiais de trabalho e objetos que remetem à tradição artesanal, funciona como um ambiente de acolhimento e, simultaneamente, como um espaço de memória, onde as artesãs materializam seus saberes e sua identidade coletiva. Já o cômodo localizado abaixo da escada, muitas vezes destinado ao armazenamento de materiais ou a atividades de apoio, também integra essa construção simbólica. Apesar de pequeno e aparentemente funcional, ele carrega camadas de significado por armazenar a matéria-prima, restos de produção, ferramentas e objetos que participam do processo artesanal. Como observa Haesbaert (2004), o território se constitui pela multiplicidade de usos, práticas e significações atribuídas pelos grupos sociais, e mesmo os espaços “secundários” podem ser fundamentais para a sustentação da vida territorial.

Fotos 12: Fotos E e F Escadaria e entrada principal



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Já nas (fotos 12) mostra detalhadamente a escadaria e a entrada principal da Associação de Artesanato Mãe das Dores constituem-se como elementos estruturantes do espaço, responsáveis por mediar o acesso, a visualidade e o reconhecimento do lugar. Sob a perspectiva de Almeida (2008), a materialidade dos espaços, suas entradas, percursos e dispositivos arquitetônicos, comunica valores, usos e modos de apropriação cultural. A autora argumenta que os elementos físicos de um ambiente revelam modos de viver e significar o mundo. A escadaria, nesse contexto, torna-se parte da paisagem cultural construída pelas artesãs: ela acolhe quem chega, conduz o olhar para o interior e simboliza abertura, encontro e pertencimento. Atuam como elementos culturais, sensíveis e simbólicos, fundamentais para compreender como o espaço da associação é vivido, representado e ressignificado pelas mulheres artesãs e pelas pessoas que circulam pelo local.

Os objetos artesanais que são produzidos e expostos no interior da Associação atuam como mediadores simbólicos, eles comunicam valores culturais através de saberes tradicionais, possibilitando que os visitantes e os romeiros reconheçam naquele espaço uma representação da cultura juazeirense. Nas reflexões de Claval (2001) ressalta que a cultura se expressa através da organização espacial, pois a disposição dos objetos e dos trajetos revela as representações e

valores de uma sociedade. A associação consolida como um espaço de representação, onde o material e o simbólico se articulam.

Fotos 13: Foto G e H Chapéu de Palha/Símbolo do Romeiro e bolsas confeccionadas com palha.



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Nas (fotos 13) estão alguns dos produtos confeccionados na Associação, o chapéu de palha é um dos artefatos mais emblemáticos da cultura juazeirense, ele ultrapassa o uso utilitário, e se torna um marcador identitário do romeiro, capaz de expressar devoção ao Padre Cícero. Pude observar e ouvir muitos romeiros que passavam pela associação e admiravam os trabalhos artesanais, alguns deles falavam **“Olha o chapéu do padre Cícero” “Lindo demais!!!!” “Admiro muito os trabalhos dessas pessoas”**. Em paralelo ao chapéu, as bolsas de palha que são confeccionadas pelas mulheres na associação, enriquece muito a ideia das formas de traçar a palha, os ensinamentos que perpassam por elas em gerações, auxilia bastante na forma e na sua individualidade também. Nos períodos de romarias as vendas e as apreciações ao trabalho artesanal têm sua movimentação intensa. O fato religioso é de fundamental importância para o entendimento do processo das romarias para Juazeiro do Norte, pois o

mesmo designa um espaço de representação, que se revela através da vivência das pessoas e causa ligações afetivas das mesmas com o espaço vivido Filho (1999). Nas (fotos 14) estão presentes outros trabalhos revestidos de palha na Associação.

Fotos 14: Fotos I e J Cestas de Palha/Espaço decorativo de palha



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

As cestas de palha, amplamente presentes na produção artesanal feminina de Juazeiro do Norte, ultrapassam a função meramente utilitária ou decorativa: elas constituem objetos culturais carregados de territorialidade e identidade. Ao ocupar as casas dos moradores ou o olhar dos romeiros, essas cestas transformam-se em marcadores da experiência juazeirense.

O artesanato feminino nessa perspectiva atravessa bastante a questão da cultura material. Claval (2011) quando aborda sobre a geografia cultural, ele afirma que é o mecanismo de comunicação, e conseqüentemente é responsável pela transmissão da cultura. Ela evidencia as fases da construção do indivíduo através da cultura, e enfatiza o papel da reprodução e da invenção. Ela mostra como as identidades individuais e coletivas resultam dessa construção. Neste processo, um aspecto fundamental é a criação de uma dimensão normativa na existência individual e coletiva.

O espaço em que se vive, traduz elementos culturais de uma maneira muito própria,

tanto pela dimensão material como simbólica, que vão se incorporando em cada ação do sujeito. Stuart Hall (2016) destaca que a cultura para uma comunidade, um grupo ou uma nação, é tão importante quanto a base econômica ou material. As questões culturais têm se tornado cada vez mais significativas em diversas áreas de estudos. Partindo dessa perspectiva, é necessário fazer uma leitura da dimensão cultural que alguns determinados espaços incorporam, criando assim elementos de identidades daquele ser. O pertencimento a uma mesma cultura equivale a dizer que existem proximidades quanto as interpretações do mundo, e conseqüentemente, gera efeitos práticos na constituição identitária de cada um. Corroborando o pensamento, Souza (2019) afirma a forma de constituição dessa identidade pode-se dar por elementos que se acentuam através do reconhecimento e da afirmação desse território simbólico que é a cultura.

Fotos 15: Fotos K e L Bordados revestidos com Palha



Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Nas (fotos 15) estão alguns dos bordados com a fibra da palha de milho pintadas, é pelo conhecimento das representações das pessoas que é possível captar os valores que dão sentido a seus lugares de vida e entender a maneira pela qual elas modelam as paisagens e nelas imprimem suas convicções Almeida (2003). Os territórios femininos, como portadores de ideologias, de representações simbólicas e também do inconsciente, tem a relação do saber com

a base material. Utilizado pelas artesãs, tem a necessidade de conduzir que a um enfoque diferenciado da territorialidade, em si mesma uma imagem do mundo, subjetiva, evolutiva. Trata-se de uma territorialidade em constante transformação, a cultura e sua materialidade se renovam de acordo com as mudanças sociais e com as dinâmicas dos sujeitos, a forma como as artesãs organizam os objetos, expõem suas peças, circulam pelo cômodo, construindo redes de solidariedades entre elas, configura que a Associação não é apenas um território de comercialização, mas um território simbólico feminino, e é nesse lugar que as mulheres reafirmam sua identidade e produzem memórias.

Nas representações simbólicas construída pelas mulheres artesãs, ultrapassam a materialidade dos objetos produzidos, constituindo-se como expressões sociais que articulam identidades e memórias. O artesanato pode ser compreendido como uma prática cultural que traduz saberes intergeracionais, funcionando como um mecanismo de preservação de memória. E assim, feito por elas nesses espaços representam significados que remetem experiências vividas no contexto sociocultural, mas também vinculado ao seu processo criativo, cada trabalho tem um pouco da história de cada uma, configura-se como uma linguagem simbólica, por meio da qual se expressam não apenas aspectos culturais, mas também estratégias de fortalecimento do reconhecimento e valorização do que produzem.

Intimamente vinculada a essa discussão sobre a territorialidade, propomos aquela da identidade. O processo de construção das identidades, de acordo com (Claval, 2003, p. 92), não se baseia somente na aceitação de “um quadro material compartilhado e de um sistema de controle social recíproco que conduz ao conformismo, porém, ele implica, também, na interiorização dos valores centrais propostos por ‘externalidades’ que dominam”. Intensificando ainda, Claval (2008) afirma a existência de diversos processos culturais ou socioculturais. Da ênfase, em primeiro lugar para a comunicação, graças a quem a cultura é transferida de um indivíduo a outro, de uma geração a outra. Esse segmento ocorre através da interiorização das práticas, dos conhecimentos e dos valores que ele recebe, o indivíduo torna-se uma pessoa, com uma identidade pessoal e social. Graças à cultura, o ser humano torna-se um ser social.

As mulheres artesãs e seu protagonismo no trabalho, baseia-se no individual ao coletivo, trazendo um pouco pro passado, antes da criação da Associação, muitas artesãs trabalhavam de forma individual e sem muito parâmetro, essa prática individual, embora revelasse habilidade e criatividade, limitava o alcance das vendas e dificultava que as artesãs tivessem condições de negociar preços mais justos ou acessar oportunidades de formação e divulgação. Assim, duas irmãs da Capela Mãe das Dores junto com a Mestra Tecla fundaram a Associação, tanto para

formalizar os trabalhos, mas também expor de forma que valorize a artesã que fez. A matéria prima no começo foi a Palha de carnaúba, mas logo depois substituiu por Palha de Milho, elas produziam flores, lembranças, pequenos arranjos de palha de milho, bolsas, chapéus que eram comercializados e exposto na Associação.

Trocar materiais, trabalhar em conjunto, aprender novas técnicas e dividir o espaço de produção aparecia como solução tanto prática quanto emocional. Muitas dessas mulheres carregavam histórias comuns, de dificuldades financeiras, de maternidade vivida em meio ao trabalho manual, de fé profunda e de luta por autonomia. Scott (1995) atribui a coletividade, é fundamental para desafiar e romper com as estruturas sociais e históricas que mantem o trabalho feminino em uma posição subordinada. O protagonismo coletivo também contribui para a valorização econômica do artesanato. A união entre as artesãs possibilita a troca de saberes, a padronização de técnicas, a definição de preços mais justos e o fortalecimento das estratégias de comercialização. O coletivo atua como mediador entre o saber tradicional e o mercado, reduzindo a vulnerabilidade individual das artesãs frente às dinâmicas econômicas desiguais.

Intensificando a questão da individualização do trabalho, e sendo reforçado pelo capitalismo. (Saffioti 1992, p. 18) afirma que:

“No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, a mulher contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção.” (Saffioti 1992, p. 18)

Desse modo, a coletividade surge nesse contexto, como uma resposta concreta a esse processo de marginalização. Ao se organizarem coletivamente, as mulheres rompem com o isolamento imposto pela lógica capitalista e patriarcal, transformando experiências individuais de subvalorização em uma consciência compartilhada.

Durante as entrevistas realizadas no campo, as artesãs relataram que as primeiras conversas para a formação da Associação surgiram justamente da percepção que as irmãs tinham ao ver uma desorganização. As mulheres ficavam nas calçadas em suas portas.

Em alguns relatos, Tecla fala que na época em que tudo começou era surreal o tanto de gente que era interessado a aprender, tinha muitas mulheres, mais era criança, idosos. **Tecla fala:** “Moça, aquela época a associação era tão lotada de gente. Dava orgulho de ver, todo mundo se ajudando e aprendendo técnicas novas, infelizmente hoje em dia todo mundo quer ser individual, mas eu acho o coletivo tão importante.”

Artesã Cicera fala: “As calçadas eram lotadas de mulheres, eu era bem pequena, mas já ficava curiosa pra saber o que era.”

Artesã Eliene fala: “Menina, era imenso aqui de pessoas trabalhando com a palha, juntava eu e “mainha”(Mestra Tecla) e a gente traçava o dia inteiro, e assim espalhava por toda a ladeira do horto.”

Eliene continua: “A associação mudou muito para todas nós, nos deu oportunidades de mostrar nosso trabalho para todos que veem visitar Juazeiro, mas principalmente sendo bem sincera, nos deu a chance de colocar nosso trabalho em pratica e valorizando tudo que fazemos.”

Nas falas de Cícera e Eliene percebemos a trajetória de seus saberes que estão presentes na infância e que foram passadas por gerações em outras fases dos resultados, a tradição é algo fortemente vinculado em seus relatos, Para (Carvalho, 2005, p. 8) As práticas que se inserem em uma longa duração. É o que fica do que uma geração transmite para outra, evidentemente, com perdas, substituições e lacunas. A tradição é esse lastro comum de experiências (e vivências) de determinados homens em um determinado tempo e lugar.

As reflexões da Mestra Tecla, refletem muito a ideia da importância que a associação é para o aprendizado coletivo, mas que infelizmente passa por dificuldades, algumas outras formas de organização que ao longo do tempo vão surgindo, e com ele o processo de individualização do trabalho das artesãs, a partir de uma proposta implementada pela CEART³, que passou a priorizar a individualização das produtoras em detrimento do fortalecimento dos grupos associativos. Embora as artesãs continuem vinculadas às associações, essa dinâmica provocou uma mudança significativa nos ritmos e nas formas de organização do trabalho, fazendo com que a produção coletiva assumisse um papel secundário em relação ao trabalho individual.

Em conversa com Adailton, que é artesão e genro de Tecla, ele conta sobre essa desvalorização do associativo, em sua fala ele diz com muita indignação a forma como é desvalorizado o saber que Mestra Tecla trouxe para a Associação. **Adailton fala:** “O que mais me dá indignação é a falta da valorização do saber, Dona tecla ensinou muita gente, passou seu saber pra muitas pessoas, e elas seguiram adiante no seu aprendizado. Mas o reconhecimento de Mestra, o prestígio e a valorização não teve, em eventos que ocorre não há. A gente luta aqui dentro pra melhoria do espaço e principalmente para o devido reconhecimento que Dona tecla merece como mestra da cultura.”

³ Central de Artesanato do Ceará

O impulsionar por essas relações de solidariedade e pela consciência de que o coletivo fortalece a identidade e dá maior visibilidade ao fazer artesanal permitindo a união, e não apenas melhorar as condições de trabalho, mas também ampliar o diálogo com a comunidade local, com instituições públicas e com romeiros que visitam a cidade em busca de objetos que simbolizam sua fé.

A palha de milho como identidade e linguagem cultural, fortalece as diversas técnicas de artesanato presentes em Juazeiro do Norte, a palha de milho ocupa lugar especial na Associação Mãe das Dores. Por ser um material acessível, presente no cotidiano rural e carregado de simbolismo cultural, a palha se tornou o principal elemento das produções coletivas. As artesãs descrevem com orgulho as etapas do processo: escolher a palha, secar, tingir, modelar, costurar, montar. Cada gesto envolve conhecimento, técnica e sensibilidade, transmitidos muitas vezes de mãe para filha, mantendo viva uma tradição que resiste ao tempo.

O processo histórico da utilização da palha milho remonta a milhares de anos, com origens nas culturas nativas das Américas, que foram uma das primeiras cultivar o milho. Inicialmente, o uso da palha estava intrinsecamente ligado a subsistência e, posteriormente, evoluiu para uma variedade de aplicações, desde a culinária e artesanato.

Em sua evolução há também uma disseminação, pelo mundo a palha continua sendo subproduto valioso, na culinária ela está presente no embrulhar e cozinhar alimentos, como a pamonha no Brasil, e Tamales na Mesoamérica, tornou-se uma tradição cultural que perdura até hoje. No artesanato, está vinculado as técnicas do traçado com palha, o ato de tecer é bastante vivido, desde a pré-história, e vai aprimorando ao longo tempo e das gerações das artesãs e artesãos. A palha, quando umedecida, torna-se maleável e resistente, permitindo assim a criação de vários objetos, incluindo bolsas, cestos, utensílios, reveste moveis, objetos decorativos. Na agricultura e na indústria historicamente falando a palha de cereais também foi usada como ração para o gado. Na modernidade a palha é vista como resíduo agrícola com potencial para gerar renda. Paes, Teixeira e Martins (2008). Na (foto 16) mostra a palha de milho no processo correto para a produção dos objetos.

Foto 16: A palha de Milho



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O milho está presente no roçado, na cozinha e na história da alimentação de muitos países, particularmente, no Brasil. Por ser um bem cultural de natureza imaterial (BRASIL, Decreto Presidencial nº 3.551, 04/08/2000, e tendo o valor reconhecido na economia e na cultura do país é que foi decretado o “Dia Nacional do Milho” (Lei nº 13.101, 24/05/2015 Rocha (2018). A homenagem se dá pelo registro do patrimônio imaterial da cultura alimentar, e também é fruto de uma construção histórica, cultural, econômica e simbólica, pois nas trajetórias os povos indígenas das Américas são os responsáveis pelo plantio e a domesticação do milho e seus primórdios.

Em todo o país, diversas populações indígenas realizam o cultivo de milho em suas aldeias. As etnias possuem um conjunto de variedades de sementes com propriedades distintas e desenvolvem um grande esforço para preservar essas espécies, a fim de garantir a qualidade e as características tradicionais de produção Funai (2022).

A produção de milho na região do cariri cearense, é significativa e distribuída em diversos municípios. As principais áreas de plantação de milho encontram-se nas zonas rurais, começando em Juazeiro do Norte município que é situada a Associação, as plantações de milho são bem desenvolvidas, especialmente por meio de programas de apoio à agricultura familiar. Brejo santo é um dos maiores municípios de produtores de milho de todo Ceará, Santana do Cariri a produção é bastante notável, com celebrações anuais de colheita, em Caririaçu o cultivo de milho é híbrido, frequentemente consorciado com Fava⁴, já em porteiras o sitio Muquém, é conhecido por suas plantações de milho, muitas vezes utilizando irrigação a partir de poços

⁴ Fava é uma leguminosa nutritiva da espécie **vicia faba**, consumida como grão (dentro de vagens grandes) e muito popular na culinária, especialmente a nordestina

artesanais. Outros municípios como Mauriti, Missão Velha e Milagres também possuem áreas de plantio relevantes, que se intensificam após as boas precipitações de chuva Move Ceara (2022).

A plantação de milho em Juazeiro do Norte CE, constitui uma prática agrícola tradicional profundamente vinculada a agricultura familiar e aos modos de vida do Cariri cearense. É cultivado principalmente em pequenas propriedades rurais e áreas periurbanas, o milho tem um desenvolvimento muito rico e fundamental na subsistência das famílias, tendo como adaptação ao semiárido, especialmente nas irregularidades de chuvas que é recorrente. As artesãs não tem acesso a palha, mas é nesses lugares que elas buscam.

Mestra Tecla fala: “Hoje em dia tá tão complicado achar palha boa pros trabalhos, as vezes elas vêm tão ressecada, parece que passa do ponto, e vem muito larga também, atrapalha. E além disso minha filha, tá cada vez mais caro também, um saco de palha hoje tá quase 60 reais, depois que descobriram que a palha não serve só pra ração de gado, mas também pro artesanato, e ele dá dinheiro. Tudo aumentou.”

A fala de Dona Tecla evidencia as transformações recentes nas condições de produção com a palha, ela revela as tensões entre o saber tradicional e as dinâmicas atuais do mercado. A dificuldade da qualidade, ou inadequada para a produção artesanal. Esse aspecto compromete não apenas a qualidade dos produtos, mas também o ritmo e a autonomia do trabalho feminino.

A técnicas no manuseio com a palha é através de gerações, passa a ser uma tradição a forma como é ensinada e reinventada pelas artesãs, as “Práticas que se inserem em uma longa duração. É o que fica do que uma geração transmite para outra, evidentemente, com perdas, substituições e lacunas. A tradição é esse lastro comum de experiências (e vivências) de determinados homens em um determinado tempo e lugar” (Carvalho, 2005, p. 8).

Essa transmissão geracional dos saberes artesanais e do seu próprio manuseio, reafirma a construção da identidade das artesãs, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao lugar. Mantem viva as práticas herdadas, as mulheres não apenas preservam as tradições, mas também ressignificam o território, reafirmando a cultura histórica da sua vivência. A tradição, o território e a identidade se entrelaçam com o artesanato feminino.

A carnaúba⁵ também foi outra matéria prima firme da Associação, é presente no Ceará como todo, e em Juazeiro também é um elemento central na cultura, principalmente através do artesanato tradicional, ela é conhecida como árvore da vida no nordeste brasileiro, por que todas

⁵ A palha da carnaúba (da palmeira Copernicia prunifera, nativa do Nordeste do Brasil) é uma matéria-prima extremamente versátil, usada no artesanato (cestos, chapéus) e para extrair pó, que vira cera para cosméticos, alimentos e vernizes, além de ter usos medicinais e como adubo

as suas partes podem ser aproveitadas, a palha é usada para o artesanato, é extraído cera que serve na produção de cosmético, alimentos e remédios, o tronco é utilizado nas construções rústicas e postes. As raízes possuem propriedades medicinais e são usadas para remédios populares Google (2025). Na (foto 17) mostra uma plantação de Carnaúba no entorno entre Missão velha e Barbalha, duas cidades próximas.

Foto 17: Pé de Carnaúba em Juazeiro do Norte CE



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

No contexto semiárido e do Ceará, a carnaúba tem forte presença simbólica, e sendo inclusive considerada espécie símbolo do estado, protegida por lei e representada em manifestações culturais que reforçam a identidade regional e o sentimento de pertencimento cearense ao seu território.

4.3 Trabalho feminino no território artesanal

“A MULHER das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares a tem contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social.”
Safiotti (1978)

A trajetória histórica do trabalho feminino está profundamente marcada por processos de desigualdade de gênero e de desvalorização social. Desde as sociedades pré-industriais, as mulheres sempre exerceram atividades fundamentais para a sobrevivência, agricultura, produção de tecidos, cerâmica, artesanato, além do cuidado com a casa e a família. Acerca do trabalho doméstico e trabalho reprodutivo, o que se percebe é que há uma naturalização e desvalorização destes que não são contabilizados nem considerados um trabalho socialmente necessário, o que Federici (2017, p. 100) pontua é que “o capitalismo subordina atividades reprodutivas, na forma de trabalho feminino não remunerado”. Nesse sentido, a exploração capitalista é diretamente proporcional à exploração do trabalho das mulheres.

Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça, é um projeto do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com a ONU Mulheres e o Ministério das Mulheres, que visa disponibilizar informações sobre as desigualdades de gênero e raça no Brasil. Com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE, o estudo apresenta indicadores desagregados por sexo e raça/cor, oferecendo análises detalhadas sobre mercado de trabalho, renda, educação, previdência social e acesso a bens duráveis e tecnologia. São organizadas em duas rodadas, a primeira é a de 1995 até 2015 e a segunda rodada é de 2016 a 2022. IPEA (2023) No quadro 5 abaixo está explicitamente:

Quadro 3: Evolução das Desigualdades de Gênero e Raça no Brasil (1995–2022)

Indicador	Mulheres Negras (1995–2015)	Mulheres Negras (2016–2022)	Observações
Contribuição à previdência social	Menor participação	21,2% não contribuíam	Exclusão persistente dos direitos sociais
Subutilização no mercado de trabalho	Alta	30,4%	Pequena redução, ainda elevada
Escolaridade média	Inferior à de	Mantém-se inferior	Desigualdade

	homens brancos		educacional histórica
Trabalho doméstico não remunerado	Maior que homens brancos	Maior que homens brancos	Sobrecarga histórica
Renda média	Inferior à dos homens brancos	Mantém-se inferior	Persistência da desigualdade econômica
Acesso a bens duráveis e tecnologia	Menor	Ainda menor que homens brancos	Exclusão digital e econômica

Fonte: IPEA (2004), Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, primeira rodada, 1995–2015. IPEA (2024), Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, segunda rodada, 2016–2022.

O esforço metodológico consistiu na criação de uma série histórica inédita, abrangendo vinte anos, que permitiu identificar continuidades e mudanças nos indicadores sociais a partir do recorte de gênero e raça. IPEA sublinhou a importância do uso de estatísticas desagregadas para subsidiar políticas públicas de enfrentamento ao racismo estrutural e à desigualdade de gênero. A primeira rodada entre 1995 e 2015 revelou um quadro contraditório, embora o país tivesse avançado em alguns indicadores sociais, a vida das mulheres negras continua marcada por desigualdade, precariedade e invisibilidade. IPEA (2004)

Na segunda rodada do estudo, abrangendo 2016 a 2022, verificou-se que 21,2% das mulheres negras ocupadas não conseguiam contribuir para a previdência social, evidenciando sua exclusão dos direitos sociais básicos. Além disso, 30,4% dessas mulheres estavam insuficientemente no mercado de trabalho, enquanto a taxa entre homens brancos era de 19,2% IPEA (2004). Esses indicadores não apenas revelam desigualdades estruturais de gênero e raça, mas também apontam para o impacto das responsabilidades domésticas e do cuidado não remunerado sobre a inserção econômica das mulheres. Ao relacionar esses dados à análise marxista das classes sociais, observa-se que, embora as mulheres participem ativamente da produção de trabalho e da manutenção da sociedade, ainda sim permanece a divisão sexual do trabalho.

Introduzindo os primórdios do trabalho feminino Safiotti (1978) afirma que as economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental.

Com a ascensão do capitalismo e a divisão sexual do trabalho, as invisibilizações do

trabalho feminino foram reforçadas. O trabalho produtivo, associado ao espaço público e remunerado, passou a ser identificado com os homens; já o trabalho reprodutivo, cuidar dos filhos, manter o lar, produzir manualmente para o consumo doméstico, foi atribuído às mulheres, sem remuneração ou valorização. A relação do artesanato feminino, o espaço doméstico e o trabalho reprodutivo, parte bastante do vínculo com a divisão sexual do trabalho, que historicamente foi construído pelas sociedades patriarcais. O espaço doméstico é atribuído às mulheres fortalecendo a ideia do cuidado, da manutenção da vida e da reprodução, enquanto que o espaço público é consolidado pelo domínio masculino, que é associado ao trabalho produtivo e remunerado. O artesanato que é desenvolvido no interior do lar passou a ser compreendido como uma extensão das tarefas domésticas, desconsiderando a legitimidade do seu trabalho.

Bengoa (2018) pontua que o cuidado tem uma dupla dimensão, é tanto um direito individual como uma responsabilidade coletiva. Assim, se a sociedade nos permite viver através do cuidado, todos e todas deveríamos participar do cuidado dos e das demais, assim, o cuidado não é um assunto restrito às mulheres. Desse modo, “só a enorme quantidade de trabalho e de cuidados que as mulheres realizam desde sempre permite que o sistema econômico e social possa seguir funcionando” Bengoa (2018, p. 48). Essa separação criou uma hierarquia que colocou o feminino na posição de subordinação, assim fortalecendo ainda mais as invisibilizações e as lutas de classes.

É potencializado por Safiotti (1978) que qualquer que seja o quadro de referência tomado, a família ou a situação de trabalho, suas funções assumem aspectos mais ou menos incompatíveis. A sociedade de classes não oferece à mulher um quadro de referência através do qual suas funções possam ser avaliadas e integradas. Neste tipo de estrutura social, a vida feminina se apresenta contraditória.

A mesma autora observa que a mulher vive sob a lógica da dupla jornada, e nesse sentido o acúmulo dos papéis se reforçam mutuamente em sua exploração. A complexidade dessa condição feminina na sociedade de classes, é de certa forma abordagem em uma completa revelação e contradição estrutural, seja no âmbito da família, seja no espaço de trabalho, a mulher é submetida a exigências incompatíveis: no lar, é responsabilizada pela reprodução da vida, pelo cuidado e pela manutenção da esfera doméstica; no trabalho, é convocada à produção, mas sem que lhe seja retirada a obrigação das tarefas domésticas.

Cisne (2021) acrescenta sua perspectiva, afirmando que existe uma necessidade das reflexões sobre as relações sociais de sexo, raça e classe, onde são constitutivas da própria

realidade social de forma dinâmica, em um movimento dialético, e assim como contraponto a uma visão de que uma relação social que “impacta” ou que se superpõe. Também se coloca contra uma visão de que estas relações existem de maneira isolada, selecionadas e que se cruzam em momentos, tempos ou situações específicas. A sociedade de classes não lhe oferece um quadro de referência capaz de integrar essas funções, visto que o trabalho reprodutivo permanece invisível e desvalorizado, enquanto o trabalho produtivo é marcado por desigualdade, precariedade e subordinação.

Corroborando a ideia da autora, Silva (2005) afirma que quando falamos em relações sociais, estamos nos referindo ao modo predominante de contato e trocas entre as pessoas e os grupos sociais em uma dada formação social. Essas relações sociais são construídas a partir de várias dimensões, mas, do nosso ponto de vista, elas se estruturam a partir de três elementos fundantes: classe, gênero e raça.

Contribuindo com a fala anterior, (Cisne, 2021 p. 12) afirma que:

em uma perspectiva materialista, a própria existência de dois grupos sociais sexuais é um fato histórico, forjado nas relações sociais e, notadamente, na divisão do trabalho entre os sexos, entre os quais se incluem o trabalho na esfera da reprodução. Essa perspectiva nega qualquer papel à biologia na diferenciação entre homens e mulheres, que é apreendida como uma construção inteiramente social, que deita raízes nas relações que se estabelecem para gerar as condições materiais de existência e que passam pela própria reprodução dos indivíduos.

A invisibilidade social do trabalho feminino tem a sua ligação com as classes, embora as mulheres participem ativamente da produção de riqueza e da reprodução social, seu trabalho muitas vezes não é reconhecido como produtivo no sentido capitalista, permanecendo fora do circuito formal de exploração assalariada. Historicamente associada às tarefas domésticas, de cuidado, a mulher em sua condição de envolvimento com o trabalho, pode ser analisada a partir da perspectiva de classes e relações de produção.

Para entender a inserção da mulher no mercado de trabalho, vale lembrar das questões socioeconômicas, para Nazareth (2003) É preciso não se esquecer de que a participação da mulher no mercado de trabalho, também tem relações com a crise econômica, o desemprego (de seus maridos), e a má distribuição de renda, outra característica marcante na sociedade brasileira. No contexto trazendo a desigualdade socioeconômica que permeia as relações sociais nacionais e, conseqüentemente trabalhos e atividades remuneradas, determinando a valorização do trabalho artesanal para a melhoria de vida das mulheres.

Corroborando as ideias anteriores, Cisne (2015) aborda que a análise da condição da mulher no mundo do trabalho não é uma questão de ordem linguística ou meramente gramatical. Ou

seja, não se trata, apenas, de ressaltar que além de trabalhadores, existem trabalhadoras na composição da classe. Trata-se de analisar como as mulheres sofrem uma exploração particular, ainda mais intensa do que a dos homens da classe trabalhadora, e que isso atende diretamente aos interesses dominantes. Enaltecendo a fala, Safiotti (1978) afirma que para a mulher, ter um emprego significa, embora isso nem sempre se eleve ao nível de consciência, muito mais do que receber um salário. Ter um emprego significa participar da vida comum, ser capaz de construí-la, sair da natureza para fazer a cultura, sentir-se menos insegura na vida. Não só apenas em contexto da atividade ocupacional, constitui também como uma fonte de equilíbrio, e esse equilíbrio não pode ser pensado exclusivamente como o resultado do exercício de uma atividade ocupacional, mas como contribuição na sua individualidade.

O artesanato no Brasil é reconhecido como profissão desde 2015 pela Lei Federal nº 13.180, que dispõe sobre a profissão de artesão e institui a política nacional do artesanato, mesmo com a lei posta, o trabalho com o artesanato, embora produza riqueza, cultura e sustento, ainda é visto como extensão de sua “natureza”. A desvalorização do artesanato é tratada frequentemente como “passatempo” ou “ocupação secundária”. No entanto, o artesanato é uma atividade carregada de saber-fazer, memória e identidade, constituindo não apenas uma forma de sobrevivência, mas também de resistência diante da marginalização social. Para Romero (2022), as atividades manuais, principalmente aquelas que envolvem linhas como a costura, o crochê e o bordado, têm sido historicamente relacionadas com a identidade feminina por aspectos que envolvem a delicadeza, a feminilidade, desejos e sonhos pessoais.

No campo econômico, a baixa remuneração é um dos fatores centrais. Muitas vezes, as peças produzidas pelas artesãs não têm a sua devida valorização de acordo com o esforço que é exigido pelo seu trabalho. Além disso, a predominância da informalidade e a dificuldade de acesso aos mercados mais amplos impedem que a atividade tenha seu fortalecimento financeiro. As consequências são a dependência parcial da renda do artesanato, desmotivação diante da baixa valorização e a dificuldade de reinvestir numa continuidade do que é produzido.

Observa-se na dimensão social a invisibilidade do trabalho feminino. Safiotti (1978) afirma que para as mulheres, uma necessidade subjetiva, e, muitas vezes, também objetiva, embora nem sempre a primeira se torne consciente, de integração na estrutura de classes e, de outra parte, uma necessidade subjetiva e objetiva de se dar à família. No que diz respeito a questão de esforços, a persistência na distinção de gênero além de ser alta, desmerece todo o fazer manual, e é denominando a algo complementar ao trabalho doméstico. Essa realidade atinge diretamente a autoestima das mulheres, que muitas vezes sentem que seu esforço “não importa”

para a sociedade, e ao mesmo tempo influenciando a sobrecarga de conciliar a produção artesanal com as responsabilidades familiares e domésticas

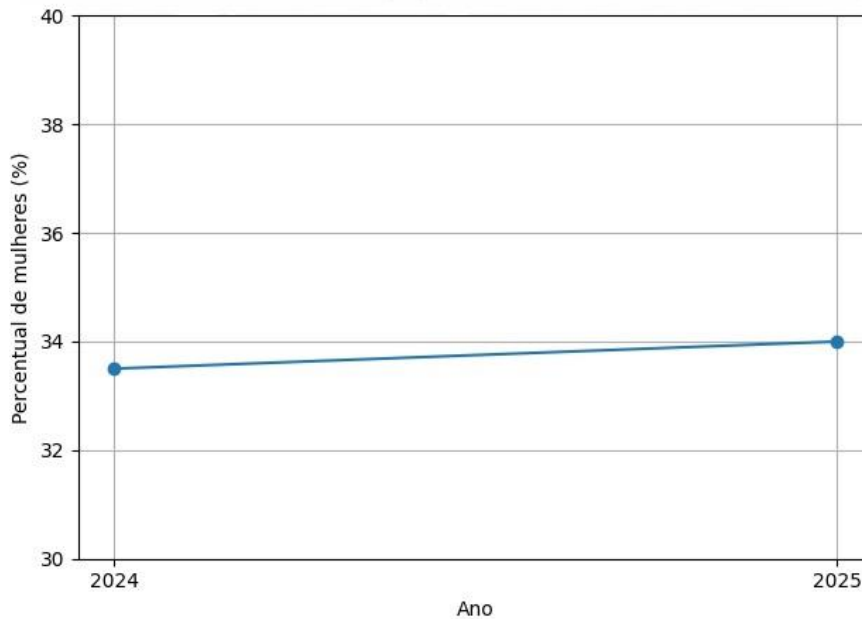
Corroborando a autora citada, Cisne (2014) complementa que o trabalho feminino historicamente foi desvalorizado e muitas vezes naturalizado como algo que as mulheres fariam por ‘vocação’ ou por ‘amor’, e não de fato uma atividade socialmente necessária, produtora de valor e digna de reconhecimento. A percepção de denominar o artesanato como hobby, desqualifica a importância cultural das técnicas, favorecendo o risco de descontinuidade e a perda de um patrimônio imaterial que deveria ser preservado e transmitido entre gerações.

Já na dimensão institucional e política também são evidenciadas várias fragilidades. A ausência de políticas públicas efetivas voltadas para o fortalecimento do artesanato, a escassez de programas de apoio e a pouca representatividade das artesãs nos espaços de decisão limitam a expansão e o reconhecimento da atividade. Na argumentação de Federici (2019), a marginalização que é dada às práticas de reprodução social e comunitária, entre elas o artesanato, decorre de uma estratégia de expropriação e invisibilização que garantiu ao capitalismo separar o que é considerado produção de valor daquilo que sustenta a vida. Nesse sentido, a falta de incentivos ou mecanismos de valorização atribui ao território dessas mulheres a dificuldade para se inserir em eventos maiores, acessar editais. Ampliando assim a sua invisibilidade em redes regionais e nacionais.

Quebrando paradigmas as mulheres ao longo do tempo foram alcançando possibilidades e aumentando a sua participação no mercado de trabalho formal e dominando espaços e cargos de lideranças em empresas e também em espaços político-partidários e nos movimentos sociais. Mesmo com o aumento dessa participação, na questão da posição de liderança ainda é lenta, pois persiste uma discriminação e estereótipos socialmente atribuídos a elas, como as questões físicas denominadas fracas e emocionalmente incapaz de ser racional, e a maternidade pois a gestação e a amamentação atrapalham. Esses estereótipos trazem afirmações de que a mulher não teria habilidades para gerenciar funções políticas, cargos de gerências ou administrativas pois, não ter habilidades mentais, físicas e emocionais. Para essas funções são características predominantemente atribuídas aos homens, que o individualismo, a força e racionalidade é fortemente mostrado na sociedade.

De acordo com dados de pesquisa internacional Business Report (IBR): Women in Business (2025) observa-se que a participação que as mulheres em cargos de liderança empresarial apresentaram um crescimento extremamente tímido de 2024 e 2025, passando de 33,5% para 34%.

Quadro 4: Participação das mulheres em liderança (2024-2025)



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Em empresas de médio porte, 47,6% dos cargos de Recursos Humanos (RH), 44,6% dos cargos Executivos Financeiros (CFO), E 33,3% dos cargos de Diretoria de Marketing (CMO) são ocupados por mulheres, tomando esses os mais comuns a serem ocupados por elas. De forma decepcionante essas porcentagens só mostram que nas empresas de CEOs as mulheres tem o aumento de apenas 2,6% desde 2024 para 21,7% e, portanto, está abaixo do parâmetro de 2023 que alcançou 28,4%. Em 2020 o percentual era em 29%, 2021 era 31,2%, 2022 percentual de milésimos com 31,9% e 2023 com 32,4%. Women in Business (2020) Durante os cinco anos o percentual sempre esteve nas mesmas medidas, o crescimento lento e defasado.

A distribuição desigual das mulheres nos cargos de liderança empresarial, revela que nas esferas dos espaços corporativos também é um território que é marcado por relações de poder e gênero. Mesmo com o crescimento numérico das participações femininas entre 2024 e 2025, esse avanço tem mostrado uma limitação concentrada em áreas específicas como Recursos Humanos, finanças e marketing, setores que historicamente são atribuídos ao cuidado, organização e comunicação, pois são atribuídas as mulheres.

A disparidade de raça nos cargos de liderança no Brasil ainda é decadente, segundo a Cogna Educação e o Movimento pela Equidade Racial – Mover (2025) apenas 3% das posições de diretoria e liderança executiva são ocupadas por mulheres negras. O Estado de São Paulo no Dia da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha, afirma que a chance de uma mulher negra alcançar um cargo de liderança é cinco vezes menor do que uma funcionária branca. Ela destaca

a necessidade urgente para novas ações afirmativas, e programas que valorizem as políticas e ir contra a processos internos que dificultam a inserção das mulheres negras e seu profissionalismo.

A presença feminina nas gestões públicas transforma decisões nas políticas públicas, colocando prioridade nas demandas de gênero, em contextos nas quais estão inseridas. Mas infelizmente, muitas das vezes a própria dinâmica, funcionamentos de espaços públicos, administrativo são liderados por homens, as mulheres são destinadas a espaços privados e responsáveis pelo lar. Acaba com dimensões de lutas e resistência afim de ir contra essa dicotomia. Gonçalves (2007, p. 201-202) afirma que “[...] lideranças femininas que exercem o poder de forma eficaz contribuem para a desconstrução de estereótipos negativos relativos ao exercício de poder pelas mulheres”, entretanto as “[...] lideranças femininas que fracassam no exercício do poder contribuem para reforçar tais estereótipos”, como se os homens não errassem.

Ademais, a desestruturação do trabalho artesanal enquanto fundadores de cultura e fortalecedores do trabalho feminino atribui valorizar e buscar conhecimento em suas múltiplas interpretações. No contexto de Juazeiro do Norte, as mulheres artesãs desenvolvem atividades que estão profundamente enraizadas em tradições familiares, heranças culturais e em condições socioeconômicas marcadas pelas desigualdades estruturais.

O fazer artesanal com a palha de milho é de extrema importância e valorização, e em suas múltiplas facetas é construído uma individualidade que é transmitida em suas produções. As práticas artesanais das mulheres Juazeirenses, revelam formas de resistência, autonomia e recriação de saberes. O trabalho artesanal, além de garantir renda e sustento, também representa uma forma de expressão identitária e de ocupação do espaço urbano.

Nesse sentido, entendendo a participação da mulher no mercado de trabalho e suas problemáticas, as mulheres artesãs,

agregam ambos os princípios: o da separação e o hierárquico. Cotidianamente são exercidas por elas atividades que trazem explicitamente a divisão sexual do trabalho. Seja como artesãs, sendo o artesanato um ofício fortemente marcado pela presença feminina; no espaço de trabalho, onde lhes cabe a finalização das peças, e na educação dos filhos, e na renda que resulta da produção do artesanato, referindo assim como complemento do orçamento da família.

As mulheres, quando produzem e comercializam seus produtos, inserem as suas trajetórias e memórias no próprio território, estabelecendo assim novas formas de visibilidade a elas e também reconhecimento social. Além disso, a transmissão intergeracional dos saberes

artesanais reforça uma dimensão pedagógica do trabalho, em que o "saber-fazer" é preservado e adaptado para as gerações seguintes. Isso demonstra que o artesanato é, ao mesmo tempo, prática econômica e gesto cultural. O trabalho artesanal a partir da perspectiva de gênero permite reconhecer o protagonismo das mulheres na produção do espaço, na construção de territórios e na manutenção de uma cultura material que expressa identidade, resistência e autonomia.

4.4 Resignificando saberes no território de empoderamento e resistências

O território pode ser compreendido como uma construção social permeada por inúmeras relações de poder, disputas e processos de apropriação, mesmo não se restringindo ao aspecto material e físico. Ele é também simbólico, carregado de valores, significados que organizam as práticas sociais e a ocupação e significação desses espaços. As mulheres historicamente vivenciam formas de exclusão e marginalização territorial, seja pelo acesso desigual aos recursos, seja pela desvalorização histórica, práticas ou saberes.

Para Moreira (2022) Considerar os territórios de poder a partir do viés de gênero significa compreender que os espaços, especialmente os públicos, como locais de poder e fala, são restritos ao papel de provedor construído e mantido pelo patriarcado como símbolo de dominação e controle. Seguindo essa lógica sobre como o poder é exercido no território, Raffestin (1980) afirma que ao se apropriar ou ocupar um espaço concreto ou abstrato, o ator/atriz o territorializa. Além disso, o território é também um espaço onde se projeta o trabalho, seja energia ou informação, e onde se revelam estruturas marcadas pelo poder, como é o caso das relações de gênero. Nessa lógica, pode-se pensar a questão das mudanças sociais e das conquistas dos movimentos feministas, ainda assim há um esvaziamento na constituição da realidade e a desigualdade de oportunidades de direitos entre os sexos, e a falta notadamente documentada da participação feminina nos espaços sociais e na presença de sua atuação.

Sen (2000) em suas reflexões busca evidenciar sobre o papel das mulheres na reconstrução da cultura e da mudança social, colocando a condição de agente no bem estar social das mulheres. “O grande alcance da condição de agente das mulheres é uma das áreas mais negligenciadas nos estudos sobre o desenvolvimento e requer correção urgente. Pode-se dizer que nada atualmente é tão importante na economia política do desenvolvimento quanto um reconhecimento adequado da participação e da liderança política, econômica e social das mulheres. Esse é, de fato, um aspecto crucial do desenvolvimento com liberdade” (Sen, 2000, p. 235).

As resistências femininas, além de se manifestarem por meios de ações explícitas ou institucionalizadas, são expressadas também de forma sutil e cotidiana, no ato de permanecer no seu território, adaptar-se e resignificar contextos adversos. Transcende as oposições que são colocadas, é uma força que remodela e resignifica o território. Em defesa de direitos e espaços as mulheres frequentemente estão na linha frente da luta e também em defesa de seus territórios, contestam também normas que são colocadas a elas, e logo desafiam costumes e

condutas históricas e socioculturais que limitem o papel da mulher, exemplos são o patriarcado e o racismo estrutural. No espaço político as mulheres resistem nos movimentos organizados, elas buscam participar dos espaços de poder e das tomadas de decisão que é direito seu, até por que se os direitos são das mulheres, elas que precisam tomar as decisões. Além de promover o fortalecimento da democracia, enriquece políticas mais inclusivas.

As restrições à participação vivenciada pelas mulheres em alguns âmbitos sociais e políticos não as imobilizam, mas as despertaram para a criação de outras formas de inserção Gonçalves (2007), através do voluntariado, do sindicalismo e da militância em movimentos sociais, meios encontrados por muitas delas para superar lacunas presentes na sociedade, mobilizando as companheiras de luta para demandar providências do poder estatal e alcançar caminhos para que elas mesmas pudessem ocupar esses espaços. Nesse sentido, trazendo para o emponderamento feminino, configura-se estratégias importantes para que haja possibilidades de as mulheres fortalecerem a autonomia, consciência crítica e principalmente a ação coletiva.

O termo empoderamento, tem ganhado muita relevância no campo acadêmico e social. Ele faz parte atualmente das discussões sobre mulheres negras e pobres em diversas áreas do conhecimento (geografia, psicologia, sociologia, filosofia, saúde pública) fortalecendo a maioria dos movimentos, debates feministas. Na década de 90, esse termo teve apropriação de organizações nacionais e internacionais, através desse reconhecimento foram criadas políticas de desenvolvimento.

Mesmo com a relevância do campo acadêmico e político, surgiu através da praticidade das experiências. Foi utilizado por mulheres em movimento e lutas por melhorias e mudanças em políticas, só depois que se tornou objeto de debates teóricos. Rowlands (1997) e Sardenberg (2006). Corroborando o pensamento, Batliwala (1997) afirma que o termo teve seu surgimento como resultado de muitas críticas, e debates que são gerados pelos movimentos de mulheres em todo o mundo. Surgem muitas críticas feministas contra as estratégias de desenvolvimento e intervenções de base que não tinham alcançados as devidas melhorias nas condições e vida de mulheres.

Desse modo que as intervenções femininas ganham força, segundo León (1997) as respostas sobre as necessidades materiais de mulheres, para poderem sobreviver e saírem da pobreza, eram através de demandas como: emprego, melhores salários, saúde e obstétrica, vagas nas escolas para filhos e filhas, etc. em conjunto com as necessidades mais imediatas havia demandas por mudanças nas relações desiguais entre homens e mulheres.

No final da década de 80, o termo passa por uma generalização, e é usado a nível nacional, internacional e comunitário. Deve-se em partes, pelos significados que os debates teóricos lhe conferiram, principalmente pela relevância nas experiências praticas das mulheres. León (1997 e 2013) e Martínez (2006) afirma que na década de 90 o empoderamento torna-se o tema central dos projetos de desenvolvimento e passa a fazer parte dos discursos de agências internacionais como o Banco Mundial e as Nações Unidas, convertendo-se em uma “palavra da moda”.

Com essas modificações, as divergências aparecem tanto em aspectos teórico-metodológico quanto em ordem política. Sanderberg (2006, p.2) afirma as diferenças entre as agencias, órgãos governamentais e não governamentais e as feministas, e os principais objetivo do empoderamento das mulheres. Para os primeiros que foram citados é visto como um instrumento para o desenvolvimento, para democracia, para erradicar a pobreza etc... Para as feministas, o empoderamento é o processo da conquista da autonomia, da autodenominação. Implica na libertação das mulheres da opressão de gênero, da opressão do patriarcalismo.

Para León (1997, 2013) argumenta que há uma presença de contradições da utilização do termo empoderamento. Uma delas estão vinculadas ao debate entre empoderamento individual e coletivo. No primeiro diz respeito da autoconfiança e da autonomia do sujeito, é adquirir domínio de si, mas que afasta da ação coletiva e do solidário. León (2013) afirma que o empoderamento individual pode ser uma simples ilusão, uma vez que o empoderamento não inclui apenas uma mudança individual, mas sim uma ação coletiva. É um processo tanto pessoal quanto político. “[...] cuyas aristas personales, íntimas, corporales, no pueden desvincularse de sus connotaciones políticas, de impugnación de las relaciones de poder vividas em el seno de relaciones familiares, en donde los sujetos viven cotidianamente y a su vez son parte del orden social.”

As feministas também trazem críticas nas estratégias de desenvolvimento e as intervenções de base que se preocupavam apenas em melhorar as condições materiais da mulher, e não em mudar as estruturas responsáveis por perpetuar as desigualdades de gênero e a opressão. Young (1997) faz uma distinção entre a condição e a posição que as mulheres vivem, a condição faz referencia ao estado material em que as mulheres se encontram, a sua pobreza, baixo salário, falta de acesso a saúde e informação, educação, capacitação, excessiva carga de trabalho fora e dentro de casa. Já a posição é o status econômico, social e político das mulheres em relação aos homens.

A feminista brasileira Costa (2000) salienta que muitos projetos realizados por programas de desenvolvimento conseguiram melhorar o acesso das mulheres a saúde, a educação e ampliar sua renda. Contudo, não tiveram êxito em proporcionar mudanças relevantes na posição que ocupavam na família e na sociedade, elas permaneceram em relação desiguais de poder, subjugadas aos homens e excluídas dos processos de decisão.

O processo de empoderamento leva a mudanças nas condições em que vivem as mulheres, e ao mesmo tempo, transformam sua posição na sociedade, desafiando a cultura patriarcal e combatendo as injustiças sociais e de gênero. Dessa forma é importante que sejam complementos, o emponderamento individual é importante pois é base, começa na tomada de consciência da própria capacidade de influencia e a conquista de autonomia e tomada de decisão. Mas com o coletivo o fortalecimento de lutas por direitos, políticas públicas, igualdade de gênero, permitindo que a voz das mulheres tenha maior alcance e impacto social. A união de mulheres cria redes de apoio que combatem a desigualdades sistêmicas.

A união dessas duas esferas, atrai o empoderamento real visto como a transformação das estruturas sociais através da união, transformando as conquistas individuais em força coletiva.

O processo de empoderamento leva a mudanças nas condições em que as mulheres vivem, ao mesmo tempo, transformam a sociedade, e desafiam a cultura patriarcal que conseqüentemente combatem a injustiças sociais e de gênero. Para Martínez (2006), o empoderamento é um processo de mudança de um estado no qual há a desigualdade de gênero para outro de igualdade, que deve ocorrer de “dentro para fora” e de “baixo para cima”. Para autora, é através do âmbito pessoal com o desenvolvimento de mais confiança sobre suas capacidades, de uma imagem positiva sobre si mesma, fortalecendo a sua autoestima e continua no coletivo e na relações públicas, possibilitando que as mulheres consigam mudanças sociais, políticas e econômicas.

Desse modo, o primeiro passo para as mulheres romperem com a sua subordinação e iniciar o processo de emponderamento é primeiramente reconhecer a ideologia que legitima a dominação masculina e como perpetua sua opressão. E a partir disso, questionar valores e atitudes, que são reproduzidas pela sociedade e internalizadas pelas mulheres desde a infância, que as oprimem e discriminam.

A compreensão de que o empoderamento constitui um processo capaz de promover alterações significativa nas condições de vida mulheres, e simultaneamente, redefinindo-se a sua posição na sociedade. O processo implica no enfretamento da cultura patriarcal, o combate

as injustiças sociais e as desigualdades de gênero historicamente naturalizadas. Torna-se fundamental que as transformações decorrentes do empoderamento manifesta tanto na esfera individual e privada quanto no âmbito coletivo, e sob o olhar das estruturas sociais e os espaços públicos.

O empoderamento feminino em seu maior desenvolvimento visa defender o modo como a mulher se reconhece e promove mudanças relacionadas a questões sociais em que estão inseridas, e nas relações de gênero. Essas mudanças desafiam as relações patriarcais e conseqüentemente altera o controle dos homens sobre as mulheres.

Nessa perspectiva, entendemos que o emponderamento das mulheres artesãs no artesanato, sujeito da pesquisa, também proporciona melhorias e qualidades de vida para elas mesmas e sua família. A resistência no artesanato é outra questão a ser estudada, as mulheres em seu território resistem e ressignificam saberes por gerações.

O artesanato como resistência cultural, social configura-se como grande instrumento de preservar saberes transmitindo por gerações, o fazer artesanal reafirma identidades coletivas e modos de vida que são frequentemente marginalizados. Atua como forma de enfretamento a homogeneização cultural e nisso mantendo vivas as práticas e memórias que estão enraizados no território. Para (2003) a prática compartilhada de caracterização do feminino e de resistência entre as mulheres da família, principalmente entre avós, mães e filhas, algo que pode ser compreendido como uma forma de fortalecer os laços, ensinando formas de existir, de gerar renda, de cuidar, etc. O artesanato é uma prática que geralmente não se aprende, a princípio, por meio de cursos ou formações, mas por meio de um conhecimento passado de geração para geração que ocupa um papel central na vida destas mulheres. O fazer artesanal aparece como maneira de conseguir maior autonomia e mobilidade das mulheres por espaços, ampliando a comunicação com outras mulheres, e aumentando a rede de afetos. O artesanato aparece como potencializador das aproximações, frente a tanto apagamento e desvalorização que as mulheres artesãs sofrem no contexto histórico.

O artesanato como ação de resistência, assume vários caminhos significativos, uma vez que se insere em contextos de divisão sexual do trabalho, pela desvalorização histórica do trabalho feminino. Ao transformar matéria-prima em objetos simples carregados de significados, as artesãs ressignificam os espaços que são adotados como doméstico e comunitário, em lugares de produção, sociabilidade e principalmente afirmação política. Torna-se uma estratégia viva de autonomia e empoderamento das mulheres, possibilitando valorização

cultural, fortalecendo a autoestima e geração de renda, ampliando assim as participações das mulheres em espaços públicos e associativos.

O conceito de território atrelado as resistências femininas, afirma que existe espaços físicos e sim a uma percepção do poder, conforme Haesbaert (2008), tanto no sentido político quanto no simbólico do uso do espaço vivido. O sentido político remete ao poder de dominação, controle das pessoas e espaços. E o sentido simbólico refere-se à apropriação do espaço vivido. Nesse contexto, considerar os aspectos da identidade e do território é importante para a compreensão das dimensões constituintes do artesanato e da cultural imaterial. Corroborando o pensamento, (Almeida 2008 p. 318) afirma que:

O território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural. nestas condições, compreende-se de que maneira o significado político do território traduz um modo de recortes de controle do espaço, garantindo sua especificidade, e serve como instrumento ou argumento para a permanência e a reprodução dos grupos humanos que o ocupam.

Haesbaert (2007) é enfático ao afirmar que ela somente se efetiva quando se torna elemento central para a identificação e ação política de um grupo social e este se reconhece de alguma forma, como participante de um espaço e de uma sociedade comum. Esses diálogos entre o homem e o espaço nos remete perceber a discussão sobre identidade territorial. Para (Cruz 2007, p. 22) a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato fixo, estável, permanente e definitivo, nem tampouco é completamente coerente, unificada, mas sim instável, contraditória, inacabada e contingente. É uma construção, um processo de produção relacional de significados sociais e culturais de uma determinada posição de sujeito, construída historicamente no movimento das relações de poder na sociedade. Castells (1999) conceitua que identidade é entendido como fonte de significados e de experiências de um povo, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados.

As identidades, são construídas socialmente, pelas vivencias pessoais e coletivas dos sujeitos. Elas são reorganizadas de acordo com as tendencias sociais, também pelos projetos culturais e que são enraizados na sociedade, e na visão de tempo e espaços. Hall (2006) afirma que as identidades não são completamente determinadas, fixadas, mas estão sempre em construção. São dinâmicas, construídas pelas representações simbólicas e subjetivas pela experiencia social materializadas no espaço.

Diante dessas argumentações, entendemos que a identidade das mulheres artesãs, são construídas e reafirmadas no cotidiano, nas relações com o outro e com o espaço em que vivem, por meio de afirmações ou negações do sujeito enquanto ser social. As relações que são

estabelecidas, os aspectos simbólicos e culturais vividos, a história individual e coletiva de cada sujeito, o modo de estar na associação, o modo de fazer em casa, as formas de tecer a matéria-prima, revelam suas características identitárias.

A relação entre identidade e território, para Haesbaert (1999, p. 172) “toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território [...]” nessa lógica é uma reflexão que transmite muitas reflexões, considera-se por Saez (1995) a apreensão da questão identitária, parte da sua historicidade, sua relatividade, seu caráter tanto interativos como dinâmico. Já a segunda reflexão trata-se das relações entre cultura, identidade e territórios, impõe-se, a considerar simultaneamente a plasticidade da noção de identidade e a polissemia dos termos cultura e território. “Território ele é para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas” (Almeida, 2005, p. 109).

Desse modo, a identidade territorial é o conjunto de sentidos, valores, práticas e representações que são construídos socialmente a partir da relação contínua entre os sujeitos e os espaços por eles vividos. A construção histórica e dinâmica, marcada pelas experiências cotidianas, a memória coletiva e os vínculos estabelecidos com o território. Almeida (2005) afirma que a identidade territorial é construída relacional e historicamente, já que está ligada ao imaginário social dos sujeitos, que se apropriam materialmente e simbolicamente de um determinado espaço. É com essa afirmação que entendemos que o território tem conhecimentos, e a partir deles são aprendidos e ressignificados pela vivência cotidiana e pelas relações simbólicas. O trabalho na associação, o cultivo da palha, a colheita, o cuidado com o manuseio e as técnicas com a palha, as manifestações religiosas, os fazeres e os saberes, são evidências da identidade territorial de Artesãs e Artesãos.

Para as mulheres artesãs, a identidade territorial assume contornos específicos, articula as experiências de gênero, trabalho e as formas de organizações coletiva. Envolve a incorporação consciente de elementos culturais e naturais locais nas peças, transformando cada produto em um símbolo da história e das vivências na associação, o processo fortalece o sentimento de pertencimento e conseqüentemente gera renda.

Dessa forma, as artesãs constroem a partir da identidade territorial as relações entre cultura, trabalho e espaço, sendo continuamente (re)significada pelas práticas sociais, o artesanato feminino então revela-se como um elemento fundamental para compreender as dinâmicas de resistências e empoderamento e afirmação cultural que estão presentes os territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as mulheres e gênero na geografia é um prazeroso desafio, que me despertou no final da graduação, onde decidi que iria estudar. Essa temática, que foi incorporada à ciência geográfica brasileira após a década de 1980, com pesquisa de Rosa Ester Rossini, foi a pioneira nos estudos da Geografia feministas, junto com os movimentos feministas, e de pesquisadoras que compreendiam diversas formas dos diferentes sujeitos que se apropriam e transformam o espaço.

Mesmo com o avanço de pesquisas sobre mulheres e gênero na geografia brasileira, ainda sofrem com a visão masculina presente, não só na sociedade, mas também nas próprias instituições. E apesar de lutas por visibilidade e reconhecimento da sua importância para a Geografia, pesquisar sobre gênero no Brasil ainda é questionado como “É geografia?” Sim, é geografia e uma temática de extrema relevância. Não é apenas o homem branco hetero que produz espaço geográfico, mas a mulher negra, branca, o negro, gay, os indígenas, a travesti, lésbica e entre outros gêneros e raça, também são sujeitos que vivenciam e modificam o espaço em diferentes formas.

Com o objetivo de compreender as relações de gênero e o processo de empoderamento das mulheres artesãs, a pesquisa teve realização com o intuito de romper as barreiras e invisibilizações que desqualificam os estudos sobre mulheres e gênero na ciência geográfica. A categoria território que é vinculada na pesquisa, através das dimensões das discussões de Almeida (2008) e Haesbaert (2004) com aspecto das relações de poder e pertencimento que favoreceu o entendimento das mulheres artesãs na Associação de Artesanato Mãe das Dores, para além de suas carências, e problemas socioeconômicos que atravessam o trabalho feminino na respectiva da divisão sexual de trabalho. Mas também abrir o olhar para suas riquezas culturais, não apenas destacando a potência turística e econômica, mas por ser um território de vivências e pertencimento, que guarda histórias por gerações e ressignificam saberes nos espaços.

A associação mãe das dores, precisa de mais atenção. São territórios de vida de trabalhos, onde as mulheres artesãs estabelecem suas territorialidades e identidades, resistem por reformas do local, por direitos e cuidados dos espaços históricos da cidade. Os problemas visto na Associação, estão ligados intrinsecamente na estrutura do local, precisando de reformas, e dessas a melhoria da visibilidade do espaço para que seja um ambiente seguro e cuidado, e para isso o município deveria ter um olhar mais cuidadoso. O problema também acaba partindo

para questões da matéria prima, pela pouca produção de milho que em períodos mais quente dificulta o plantio, e também muitos dos fazendeiros cobram pela palha coletada depois que descobriram que era utilizada como meio de renda.

O sujeito da pesquisa são as mulheres artesãs, que resistem e ressignificam saberes mesmo com todos os problemas que a rodeiam, fortalecem a identidade e enriquecem a cultura e o território simbólico de um povo. Por meio das vivências e experiências diárias, elas criam sentimento de pertencimento com o território, e com tudo que ele pode dispor, aprendizagem das técnicas com a palha, aprendendo a tecer, esperança de melhorar sua renda e da valorização daquele produto que é construído, a relação de afeto entre elas é um ponto que é extremamente perceptível, fortalecendo ainda mais a relação boa em que elas constroem. As atividades, oficinas que ocorrem no espaço também é outro ponto necessário.

Por meio das observações participante no campo foi bem percebido o fortalecimento das mulheres e o emponderamento naquilo que produzem, a participação da valorização com o seu trabalho, desafiando as desigualdades de gênero, e sobretudo no trabalho feminino, as mulheres se sentem muito orgulhosas do que produzem, valorizando ainda mais o saber. O fato da divisão sexual dos papéis de trabalho, é internalizado desde a infância na vida mulheres, reforçado pela família, pela igreja, tornando essa desigual distribuição, seja no âmbito artístico seja no econômico. Cabañes (2014) diz que tudo que é construído socialmente, pode ser desconstruído, sendo assim, é necessário que nós mulheres possamos “deconstruir desaprender para construir y aprender otras cosas que nos hagan más felices, menos dependientes (Cabañes 2014, p.42).

Foi evidenciado que o artesanato praticado por essas mulheres ultrapassa a dimensão econômica, construindo-se como expressão da cultura, da memória afetiva e da coletividade, assim formada a identidade feminina no território. Ao longo da investigação, foi possível compreender que os saberes artesanais são construídos historicamente, transmitidos entre gerações e constantemente ressignificados no cotidiano das artesãs, mantendo assim viva a tradição profundamente enraizada no contexto sociocultural juazeirense.

A análise a partir da perspectiva de gênero permitiu compreender como o trabalho feminino no artesanato é atravessado por relações de poder, pela divisão sexual do trabalho e pela sobreposição entre atividades produtivas e reprodutivas. Apesar de todas essas limitações, o artesanato emerge como possibilidade de emponderamento e autonomia relativa e fortalecimento identitário, especialmente quando desenvolvido em espaços associativos que favorecem a cooperação e o reconhecimento do coletivo.

Contudo, esta pesquisa contribui para o aprofundamento dos estudos sobre artesanato feminino na Geografia, ao evidenciar a centralidade das mulheres na produção cultural e territorial. O papel histórico de Juazeiro do Norte enquanto cidade marcada por imensas dinâmicas culturais, religiosas e econômicas, cuja formação territorial esteve profundamente associada as práticas populares, ao trabalho manual e a criatividade de seus sujeitos sociais.

O artesanato integra esse processo histórico, constituindo-se como elemento fundamental na construção da identidade local e na consolidação da própria cidade, fortalecendo a referência cultural do Cariri cearense. Espero que com todo esse caminho da pesquisa, seja vista como incentivo de novas pesquisas sobre o artesanato feminino em Juazeiro, e sobretudo estudos mais profundos sobre Geografia, gênero e território, colaborando para a valorização das mulheres artesãs enquanto sujeitos ativos na produção do espaço e da cultura.

REFERÊNCIAS

ALECE – Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Lei n.º 16.927, de 2019. Inclui no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Ceará as Romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza, 2019.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura e geografia: abordagens e perspectivas. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Território, cultura e identidade. Goiânia: Editora da UFG, 2005.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Território, cultura e poder. Goiânia: Editora da UFG, 2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Território, identidade e cultura. In: _____. Territórios, identidades e culturas. Goiânia: Editora UFG, 2008. p. 305–322.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, território e gênero: contribuições da geografia cultural. In: _____. Geografia cultural: diálogos e perspectivas. Goiânia: Editora da UFG, 2013.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Mulher, espaço e poder: marcas femininas na construção do território. In: _____. Geografia, cultura e gênero. Goiânia: Editora da UFG, 2016. p. 135–150.

ANDRADE, Manuel Correia de. A geografia e a sociedade brasileira. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE FILHO, Manuel Correia de. A questão do território no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1999.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Territórios quilombolas: cartografia, etnicidade e direitos territoriais. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2011.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia e a espacialização dos quilombos no Brasil. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2013.

BATLIWALA, Srilatha. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln (org.). Population policies reconsidered: health, empowerment and rights. Boston: Harvard University Press, 1997. p. 127–138.

BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena (Comp.). Poder y empoderamiento de las mujeres. Colômbia: TM Editores - U.N. Facultad de Ciencias Humanas, 1997. p. 187-211. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/53100/1/9586017354.pdf>>. Acesso em: 26 de março de 2026

BENGOA, José. Cuidado, desigualdade e justiça social. Santiago: LOM Ediciones, 2018.

BO BARDI, Lina. Tempos de grossura: o design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardì, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é método em pesquisa social. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. In: _____ (org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. Diário Oficial da União, Brasília, 2000.

BRASIL. Lei n.º 13.101, de 24 de maio de 2015. Institui o Dia Nacional do Milho. Diário Oficial da União, Brasília, 2015.

BRASIL. Lei n.º 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e institui a Política Nacional do Artesanato. Diário Oficial da União, Brasília, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CARVALHO, Gilmar de. Artes da tradição: mestres do povo. Expressão Gráfica e Editora, 2005a

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CISNE, Mirla. Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social. São Paulo: Cortez, 2014.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: reflexões teóricas e políticas. São Paulo: Cortez, 2015.

CISNE, Mirla. Relações sociais de sexo, raça e classe. São Paulo: Cortez, 2021.

CLAVAL, Paul. Geografia cultural. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia brasileira: história e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COSTA, Ana Alice Alcântara. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 7–20, 2000.

CRUZ, Valter do Carmo. Identidade, território e cultura. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jerônimo. “EU NÃO ESTOU AQUI... ALIÁS, EU ESTOU AQUI!”: o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte -

CE. 2021. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANGEIRO, Cícero. Artesanato, cultura e trabalho no Cariri. Juazeiro do Norte: Edições Cariri, 2019.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade. Revista GEOgraphia, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Retrato das desigualdades de gênero e raça. Brasília: Ipea, 2024.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. In: LEÓN, Magdalena (comp.). Poder y empoderamiento de las mujeres. Colômbia: TM Editores - U.N. Facultad de Ciencias Humanas, 1997. p. 1-26. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/53100/1/9586017354.pdf>>. Acesso em: 26 de março 2026

LEÓN, Magdalena. Poder y empoderamiento de las mujeres. Bogotá, 2013, 14 p. Disponível em: <<https://mujeresforjadorasdedesarrollo.files.wordpress.com/2013/11/mlec3b3n-versic3b3n-final-nov-10-2013.pdf>>. Acesso em: 26 de março 2026

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARTINS, José de Souza. O artesão e o mundo moderno. São Paulo: Hucitec, 1973.

MCDOWELL, Linda. Gender, identity and place: understanding feminist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MONK, Janice; HANSON, Susan. On not excluding half of the human in human geography. *The Professional Geographer*, 1989.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

NETO, Lira. Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Francisco de Assis. Juazeiro do Norte: espaço, fé e território. Juazeiro do Norte: Edições UFC Cariri, 2019.

PORTELA, R. Correspondência por meio de ferramentas de design: artesanato e empoderamento (ou aprisionamento?) 2018. Dissertação (Mestrado) – UFMA, São Luís, 2018.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1980.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ROWLANDS, Jo. Empoderamiento y mujeres rurales en Honduras: un modelo para el desarrollo. In: LEÓN, Magdalena (comp.). Poder y empoderamiento de las mujeres. Colômbia: TM Editores - U.N. Facultad de Ciencias Humanas, 1997. p. 213-245. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/53100/1/9586017354.pdf>>. Acesso em: 26 de março 2026

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes, 1978.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1992.

SARDENBERG, Cecília M. B. Conceituando “Empoderamento” na perspectiva Feminista. In: I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO’, NEIM/UFBA, Salvador, Bahia, de 5-10 de junho 2006. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 26 de março de 2026

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, 1995.

SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas: gênero e produção do espaço. Ponta Grossa: Todapalavra, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

YOUNG, Kate. El potencial transformador en las necesidades prácticas: empoderamiento colectivo y el proceso de planificación. In: LEÓN, Magdalena (comp.). Poder y empoderamiento de las mujeres. Colômbia: TM Editores - U.N. Facultad de Ciencias Humanas, 1997. p. 99-118. Disponível em:

<<http://www.bdigital.unal.edu.co/53100/1/9586017354.pdf>>. Acesso em: 26 de julho março

WALKER, Daniel. Juazeiro do Norte e a economia da fé. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

WOMEN IN BUSINESS. International Business Report: Women in Business. Londres: Grant Thornton, 2025.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

I. DADOS GERAIS

Nome:

Idade:

Bairro ou comunidade onde mora: Horto

Há quanto tempo trabalha com artesanato?

II. TRAJETÓRIA NO ARTESANATO

Como e quando você aprendeu o ofício do artesanato?

Que tipo de artesanato você faz? (bordado, crochê, cerâmica, palha, escultura, etc.)

O artesanato é sua principal fonte de renda?

A sua participação faz referência na construção do artesanato feminino? E como é vivido na associação artesanato mãe das dores?

III. DIMENSÕES CULTURAIS

O que o artesanato representa para você?

Você acha que o seu trabalho tem relação com a cultura do Carri ou com a história de Juazeiro do Norte? Como?

Você considera seu trabalho uma forma de manter viva a cultura popular?

IV. GEOGRAFIA E TERRITÓRIO

Onde você costuma produzir suas peças e vendê-las? (casa, oficina, grupo, associação)

Você participa de feiras ou eventos culturais da região? Quais?

A cidade oferece estrutura ou apoio para artesãs como você?

A importância do recorte espacial no conceito?

V. DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Quais são os maiores desafios que você enfrenta como artesã?

Existe algum tipo de apoio (da prefeitura, Estado, ONGs) que você recebe ou já recebeu?

O que poderia melhorar para valorizar o trabalho artesanal na região, e qual conselho você dar para uma jovem mulher que estejam começando agora?

ANEXOS

ANEXO 1 – CÔMITE DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE O SABER E O TECER: ARTESANATO FEMININO E TERRITÓRIO NA ASSOCIAÇÃO DE ARTESANATO MÃE DAS DORES (JUAZEIRO DO NORTE - CE)

Pesquisador: LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 90734525.7.0000.5083

Instituição Proponente: INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.889.886

Apresentação do Projeto:

Investigar as relações entre saberes tradicionais, práticas artesanais e territorialidade a partir da atuação de mulheres na Associação de Artesanato Mãe das Dores, localizada em Juazeiro do Norte, Ceará.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

. Compreender como o artesanato feminino constitui uma forma de expressão cultural, geradora de identidade, pertencimento e resistência, articulando dimensões simbólicas, econômicas e espaciais do território.

Objetivos Secundários:

- . Analisar o território no artesanato feminino e suas mobilidades identitárias.
- . Verificar a influência do espaço geográfico na escolha dos materiais e nas técnicas utilizadas pelas mulheres artesãs, onde a análise vem a partir da palha, e nelas refletem aspectos históricos da região, onde o recorte é a Associação Artesanato Mãe das dores.
- . Compreender os desafios e oportunidades enfrentados pelas artesãs na comercialização de seus produtos, considerando o impacto que é causado no trabalho dessas mulheres.

Continuação do Parecer: 7.889.886

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Consistem na possibilidade de ocorrer algum constrangimento em relação às perguntas feitas durante a entrevista, risco esse que será evitado e, caso haja alguma pergunta que o entrevistado desejar não responder, o mesmo estará livre para isso de modo que isso não afetará a ocasião da entrevista. Há também o risco de haver de alguma forma por um erro sobre a identificação do entrevistado. Caso isso ocorra durante a realização da entrevista, a responsabilidade é inteira do entrevistador e será corrigido antes da publicação e divulgação da pesquisa. Qualquer eventual erro que ocorra de identificação sem a prévia autorização do entrevistado será corrigido antes da pesquisa ser publicada.

Benefícios:

Os benefícios pessoais para o entrevistado consistem na participação de uma pesquisa realizada em âmbito nacional, desenvolvida em uma universidade pública, além de contribuir para o avanço e desenvolvimento do conhecimento científico que diz respeito sobre a realidade local, o cotidiano na cidade e os aspectos que caracterizam o espaço em que vivem, possibilitando ao mesmo um maior esclarecimento e conhecimento sobre a temática.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Coleta de dados/ Pesquisa de campo:

. Metodologias - Entrevistas semiestruturadas, com questões abertas que abordam aspectos da trajetória de vida, produção artesanal, identidade cultural e relação com o território; diário de campo para registro de observações contextuais; gravação de áudio das entrevistas (com autorização da participante).

. Amostra - Composta por mulheres artesãs que atuam na referida Associação. Estima-se entrevistar entre 10 e 20 participantes, número que poderá ser ajustado durante a coleta, com base no critério de saturação teórica, ou seja, o ponto em que as entrevistas deixam de trazer novas informações relevantes ao objeto de estudo.

. Critérios de Inclusão e Exclusão - artesãos maiores 18 anos, naturais da cidade de Juazeiro do Norte CE com disponibilidade de horário de colaboração no período pré estabelecido pelo pesquisador e a confirmação dos termos estabelecidos no termo do TCLE. Será resultante de

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambala, Edifício K2,sala 110, bloco 1
Bairro: Campus Samambala CEP: 74.690-970
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-2045 E-mail: cep.prol@ufg.br

Continuação do Parecer: 7.269.886

exclusão aqueles participantes que não se enquadrarem nos critérios atribuídos acima.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados de forma integralmente correta, adequada ou satisfatória:

- . Projeto de pesquisa completo;
- . Informações básicas de projeto;
- . Termo de compromisso;
- . Folha de rosto;
- . Termo de anuência;
- . Instrumento de coleta de dados (anexado ao Projeto de Pesquisa);
- . TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O relatório apresentou todas as correções e adequações solicitadas nos documentos INFORMAÇÕES BÁSICAS DE PROJETO e TCLE obtendo, desta forma, sua APROVAÇÃO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. A pesquisa foi considerada em acordo com os princípios éticos vigentes.

Atenção para a Resolução CNS nº468/12, o pesquisador responsável deve: assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa; E Resolução 510/16 Art 17º VI -que dispõe sobre a garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa.

Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 468/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para março de 2026.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2542690.pdf	20/08/2025 18:41:33		Aceito

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambala, Edifício K2,sala 110, bloco 1
Bairro: Campus Samambala CEP: 74.690-970
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-2045 E-mail: cep.popt@ufg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 7.889.886

Declaração de Pesquisadores	Termodecompromisso.pdf	20/08/2025 18:39:25	LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	20/08/2025 15:07:24	LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	20/08/2025 14:01:24	LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Pesquisa.docx	20/08/2025 13:50:32	LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_Anuencia_assinado.pdf	03/07/2025 22:59:31	LARISSA KEULY BEZERRA DOS SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 08 de Outubro de 2025

Assinado por:

Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia R2, n. 3.061, Parque Tecnológico Samambala, Edifício K2,sala 110, piso 1
Bairro: Campus Samambala CEP: 74.690-970
UF: GO Município: GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-2045 E-mail: cep.ppl@ufg.br